

Universidade Federal do Rio Grande – FURG
Programa de Pós-Graduação em Letras
Mestrado em Letras
Área de Concentração: História da Literatura

LUIZA ANDRADE LUZ NOGUEIRA DOS SANTOS

**Mundo torturado:
o trabalho segundo os brutos**

Orientador: Prof. Dr. Mauro Nicola Póvoas

Data da defesa: 30 de janeiro de 2020

Rio Grande, janeiro de 2020.

Luiza Andrade Luz Nogueira dos Santos

“Mundo torturado: o trabalho segundo os brutos”

Dissertação aprovada como requisito parcial e último para a obtenção do grau de Mestre em Letras, na área de História da Literatura, do Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Federal do Rio Grande. A Comissão de Avaliação foi constituída por:



Prof. Dr. Mauro Nicola Póvoas
Orientador (FURG)



Prof. Dr. José Luís Giovanoni Fornos
(FURG)



Prof. Dr. Luís Fernando da Rosa Marozo
(UNIPAMPA)

*Para as Lauras e Marias,
que deram Luz às Luizas
Bob, Zuleika e Elliot,
amigos não humanos
por fazer (re)lembrar.*

*“estou lhe dando a escolha.
Ou você põe esses óculos,
ou pode começar a comer da lata de lixo.”*
John Nada

*“rasga a noite, rompe a escuridão
enfrenta o mar
Trabalhar de sol a sol
não é mais do que escravidão
mas vou tentar”*
Danilo Caymmi

“é melhor ter serviço do que dinheiro”
Seu Paulo

“La vie n'est pas un long fleuve tranquille”
Étienne Chatiliez

*“Savez-vous qu'en Australie des oiseaux font de la peinture
Et ces petits trains de scarabées gros comme le poing
Qui sous la lune ondulent sur les dunes
Ce n'est pas tant que j'aime la mienne”*
Emmanuel Cabut

Agradecimento

os agradecimentos seguem uma parte desobrigatória que talvez tenha sido instituída de maneira obrigatória, meio forçada. Então aqueles que serviram de suporte e de motor, cada um ao seu modo, para estes trabalho eu repetirei o ato já concedido de coração.

ao professor João Manoel que foi incentivador nesta sequência no ato de pesquisa. De quem guardo com muito carinho as lembranças de nossas primeiras aulas de literatura brasileira. Um grande mestre!

aos amigos e amigas que por sorte tropeçaram em mim e eu neles.

aos amigos veteranos de minha mãe que, cada um a sua maneira ofereceram-me cumplicidade, tornaram-se também meus: Adília, Leila, Hélio, Maria Clara, Kenya, Luiz Paulo, Kátia, Teresinha, Cacildo, Renata e André.

aqueles que rapidamente tornaram-se amigos deixando minha estada ou partida em/ de Caxambu mais tranquila e mais acolhedora, pelas conversas breves, portadoras de um incentivo discreto: Richard, Mariana, Sílvia e Roberta.

ao Cal e a Vera que muito gentilmente sempre me acolheram.

a Núbia e ao Theodoro que me nutriram com amor através do alimento, como se eu também fosse uma espécie de filha. Agradeço pela sua força e sua resistência na convicção em fazer o necessário e o justo – a começar pelo alimento.

ao Noan, por nada menos que ter transformado o sentido da amizade. Nada pode ser tão agradável quanto encontrar um par ao acaso, você com certeza mudou minha vida e sempre fico agradecida por isso.

à Rose, que em sua maluquice genuína e sua insistência em transformar, por todo afeto e companheirismo. Amo você Rosita.

à Laurence que, com sua sábia palhaçada, ponto de vista e carinho, tornou esse período mais aprazível.

ao Gui que no silêncio deixa sempre uma cumplicidade irônica ou não.

à Gabriela que gentil e solicitamente se dispôs a uma nova amizade gatuna e calorosa.

à Liane pela transparência no sentir e empatizar com aqueles que são apagados. Faltam mais lianes no mundo. Agradeço sua espontaneidade e lágrimas.

à falante e indignada Laura Maria, por todos os abraços, discussões e pela particular maneira de exercitar a solidariedade todos os dias. Pela imensa vontade de mudar e ajudar. Devo com certeza esse gênio de inconformação à você. Gratidão mama.

à Maria Luiza, sobrinha preferida do mundo inteiro. Seu riso, olhar, histórias, piadas e sua persicária são uma alegria constante. Fofita da titia.

à Laura, melhor amiga de muitas vidas. Companheira fiel no silêncio complementar ao meu barulho. Você é um daqueles raros casos de sorte em que o universo reserva de milhares em milhares de anos.

ao Haniel que se dispôs a dar um empurrão em uma carroça pesada. Agradeço a sua amizade amorosa e seu amor amigável. Por todos abraços, beijos, conversas, brigas, discussões, sopas, cafés, da angustia à alegria. Agradeço sua calma em pontuar as coisas e paciência em ter paciência. Certamente esse *trabalho* não seria *sem* você.

aos amigos e amigas não humanos Zuzu, Elliot, Bob, Pedrinho, Banze, Laika, Serena, Zeus e Félix, Max e Layne. Diferentes em todos os sentidos, entre si e de nós humanos, crentes na superioridade, agradeço à falta de palavras que serve sempre como uma grande oferta de sabedoria.

a infinidade de seres sencientes que são mortos, usados e explorados para manutenção do bicho humano. Todos aqueles que viraram sapatos, bolsas, *comida*, aqueles testados, invadidos e assassinados, em momento de agradecer entrego gratidão e sinto pesar pelo que o bicho, que também sou, lhes afligiu. Que um dia o ultraje do especismo possa ter fim.

a todos os trabalhadores que com suor pagam na forma de impostos, aqui transformados em recurso, os quais custearam esse e tantos outros trabalhos de pesquisa. Pessoas Sem as quais riqueza nenhuma existe, agradeço dessa forma indireta, a sua força.

a qualquer um que esteja disposto a olhar já agradeço.

Resumo

A proposta do presente estudo é analisar as implicações da ideia *trabalho* na obra *De gados e homens*, de Ana Paula Maia. Partiu-se do legado marxiano, para chegar à crítica do mundo do trabalho, bem como crítica da condição humana e, ainda, crítica da condição de *ser* no mundo moderno. Buscou-se aproximar o aporte de Marx, o de seus comentadores, André Gorz e Ricardo Antunes, ao romance de Ana Paula Maia. Relacionaram-se elementos literários à realidade do mundo do trabalho, em sua ideologia, seus ideais, suas instituições e sua repercussão na vida dos seres, sob o intuito de pensar nos exercícios que o *trabalho moderno* impõe ainda a organização da vida. Para isso, a crítica da sociedade moderna, em autores como Günther Anders, foi introduzida como marco referencial para análise literária. A busca objetivou salientar o caminho tortuoso em que a literatura, a filosofia e a política se cruzam e se acercam, refletindo de maneira retrospectiva acerca do ideal moderno na atualidade tanto na literatura, quanto fora-de-lá.

Palavras-chave: Trabalho; Literatura contemporânea; Animal; Marx; Ana Paula Maia.

Résumé

La proposition de la présente étude est d'analyser les implications de l'idée de travail dans *De gado e de homens* d'Ana Paula Maia. Partant de l'héritage marxiste pour en arriver à la critique du monde du travail, à la critique de la condition humaine et à la critique de la condition de l'être dans le monde moderne. Nous avons cherché à rapprocher la contribution de Marx, et celle de ses commentateurs, André Gorz et Ricardo Antunes, au roman de Ana Paula Maia. Ainsi, une relation a été établie entre les éléments littéraires et la réalité du monde du travail, son idéologie, ses idéaux, ses institutions et ses répercussions sur la vie des êtres, afin de réfléchir aux exercices encore imposés par le travail moderne sur l'organisation de la vie. Pour cela, la critique de la société moderne, à partir d'auteurs tels que Günther Anders, a été introduite en tant que cadre de référence pour l'analyse littéraire. Le but de cette étude est donc de mettre en évidence le chemin sinueux dans lequel la littérature, la philosophie et la politique se croisent et se rapprochent, reflétant de manière rétrospective l'idéal moderne d'aujourd'hui dans et en dehors de la littérature.

Mots-clés: Travail; Littérature contemporaine; Animaux; Marx; Ana Paula Maia.

Sumário

Aparição crepuscular.....	8
1. ELEMENTOS EMERGIDOS DO CAPITAL-TRABALHO.....	11
1.1 Memórias de um trabalho distante.....	11
CAPÍTULO II - O TRABALHO DO MACACO MODERNO.....	34
2.1 O tempo passa e a reificação acontece.....	35
2.2 A saga que desqualifica o ser da potencialidade.....	44
CAPÍTULO III – O DRAMA DA MANADA HUMANA.....	59
3.1 A síndrome dos óculos de Carpenter.....	70
3.2 Toda ação é trabalho e o <i>triggering</i>	76
3.3 Em busca de uma autonomia animal.....	84
Alvorada de ruptura.....	92
REFERÊNCIAS.....	94

Aparição crepuscular

Os começos nos parecem origens fundadoras das coisas, que poderiam carregar aquele primeiro instante de vida, o essencial de algo. Sobretudo, nos começos de grandes obras, experiências, acontecimentos que nos marcaram de alguma maneira. Seria necessário, por isso, dizer que, ao contrário do que é pensado comumente, os começos são eleitos, não são de toda a origem das coisas, são parte de uma escolha que deve ser feita pela impossibilidade de se alcançar a verdadeira origem.

Meu começo foi gestado após muitos passeios com o cão que habita a casa de minha mãe, os passeios estes que sempre suscitavam em mim as inquietações de minha escrita. Lá estávamos nós a caminhar, o cachorro a cachorrar e eu a reparar em sua ação. Os outros animais exercem suas funções de maneira mais autêntica que nós. Foi no defecar dele que meu início me saltou à cabeça. A obra de um animal não humano é exercida pela sua necessidade e esta, depois de atendida, sacia. Nossas obras tomaram outra ordem, outra função. Extrapolamos a ordem natural das coisas e passamos a criar outros sentidos a elas, que não aquele que lhes eram o trivial.

O começo escolhido aqui, ou talvez seria melhor dizer, o começo que me escolheu foi quando me deparei como meu próprio início em e do que se ousou chamar de *trabalho*. Esse *Trabalho* é o exercício de força empregada por necessidade primordial pelos animais, humanos e não humanos, que talvez seja uma das práticas mais antigas dos seres vivos sencientes. Assim como comer e defecar, o trabalho é atividade constante e indispensável à vida de todos esses seres, e mesmo assim essa maneira de enxergá-lo virá a causar um certo estranhamento. Isso decorre da conceituação e uso do termo terem tomado outros caminhos que lhe atribuíram assim significações bastante restritas, por vezes simplistas. Isso decorre da contaminação do termo pelos valores que a modernidade aportou ao conceito de trabalho, de maneira que somente podemos vê-lo como: aquilo que é trocado por assalariamento.

Nesse meu retorno a uma origem, procuro pensar o conceito de trabalho mais amplamente, aquele que se liga a necessidade básica da vida, de uma sobrevivência. E deste modo, pensar como esse trabalho se relaciona com os seres que o exercem, as transformações geradas desse contato. Até que seja possível chegar às mutações geradas por ele hoje.

Fazer a união entre essa coisa tão do real com a literatura de Ana Paula Maia pareceu-me a coisa mais natural possível, necessária, trivial assim como o arcaico

conceito de trabalho. Contudo, não cabe pensar por isso que tratamos de elementos desimportantes ou mesmo banais. Talvez esses pontos sejam os sinais que fazem reluzir um brilho de necessidade que esses elementos carregam, pois a obviedade de tão batida, tão posta, constante e por todos os lados passa, como o ar, a não ser mais notada, deixa de ser vista. Os chamamentos do texto literário foram tornando-se cada vez mais claros, eles pediam por um espelho que o fizesse sair dali. Provavelmente, por minhas próprias inquietações, angústias, o tema caiu-me sobre os ombros e não pude mais deixar de ver sua força. Ou por uma necessidade de pensar os porquês, de não ser tão cômodo o “é assim”. Mesmo que não se encontre as respostas, fazer pensar as coisas pareceu-me desde pequena uma função muito bonita e mais que algo muito inato.

A violência vivida no mundo do trabalho e por seus ramos, salários, condições, relações, necessidades recolocaram de modo enviesado meu olhar sobre o que se faz com todo o tempo de vida. Com as inúmeras possibilidades de exercício, dela e com ela, que são consumidos, limitados, não por um trabalho que seja básico, mantenedor e necessário, mas por um ofício que em quase sua totalidade é sem eficácia ao ser que o pratica. É um trabalho esvaziado de sentido em si, gerado por uma demanda externa e desvinculada do homem, que desta maneira somente pode gerar resultados como o desentendimento da coisa em si e a alienação absoluta do exercício. A existência de quase todas as espécies, inclusa a humana (e quase a totalidade dessa), passa por uma vida trabalhadora, mas só a última foi injetada em uma espécie de sobrevida. Limitada e condicionada a esse começo e a um único fim.

Refletir sobre a implicação do mundo do trabalho, essencialmente o trabalho, na existência e desenvolvimento dos seres é o que ousou chamar então de tema. Meu *Trabalho* insurge na tentativa de pensar o trabalho em sua relação tão íntima com o ser humano, mas, veja bem, não só. A história da humanidade se baseou sempre em relações, contatos, encontros, mas limitar-me-ei a eleger dois: com o próprio trabalho e a outra com os outros animais. Por que escolhê-las? Acreditou-se (ainda há quem reafirme e não são poucos) que o homem (hominimal?) dominou a natureza e em consequência os outros tantos seres que coexistem com ele. Por entender um equívoco nesta ordem das coisas, seremos intimados aqui a fazer um esforço na tentativa de nos relacionarmos de maneira distinta, ao menos, neste trabalho que proponho. Mas que o intento que sirva para que os ventos soprem, os tambores rufem e com as cabeças falantes em posição de penso possam fazer ressoar maneiras outras de observar a coisa, a vida e os outros tantos seres que estão colocados junto a nós.

Saltemos ao ponto em si, o animal acabou, por esse modo de enxergar e exercer “a vida”, subjugado ao ser homem. Passou de ser em potencial a objeto de incumbência do humano, reduzido ao mínimo, muitas vezes, fundado por um argumento relacionado a sua ausência de linguagem, racionalidade e controle [um alimentando o outro]. É assim que o animal humano resolveu marcar sua distância em relação ao ser chamado animal. Sendo animal aquele que, num ato de generalização absoluta, é substantivado uma única nomenclatura, cuja função é chamar todo e qualquer ser senciente que não humano. A infinidade de distintas espécies de seres, que não caberiam aqui mencionar, são todas essas opostas e rebaixadas se colocadas frente ao primeiro. Estas não pensam, não reagem, não falam, não opinam. Servem ou ameaçam.

A justificativa, não se sabe se engraçada ou absurdamente trágica, é que tanto esforço para forjar essa lonjura, que acaba tão restrita ao paradigma da ideologia, foi muito malfadada. Aqui é onde o bicho do humano vem à tona, é no relacionar-se com as formas de trabalho moderno que o humano é jogado frente ao seu próprio animal.

Trago Karl Marx, e juntamente Frederic Engels, incessantes críticos da vida humana que são detentores de um lugar dentre os grandes pensadores da história. E visto o trajeto que tentarei percorrer, seria perder de vista e em qualidade os caminhos que poderei traçar e os cumes que serão possíveis subir com as cordas que senhores prenderam ao longo do caminho. A herança teórica deixada à análise social, econômica e filosófica moderna destes filósofos engendrou ferramentas para observação e desenvolvimento de áreas em relação à vida humana até o nosso tempo. Seus empenhos em estruturar e ensejar explicações ao sistema que opera a modernidade, como mecanismo que exerce estranhamento, alienação e por último impossibilita a humanidade dos seres, ainda seguem incomensuráveis.

Portanto, os teóricos buscaram uma origem na ruptura do macaco e deste ser que se nomeou humano, atribuindo essa passagem ao uso da ferramenta, ou melhor, à modificação e em sequência ao seu uso de forma a subverter o papel do objeto. Assim, essa interação é o que teria dado início ao processo de mudança para o que conhecemos hoje por ser humano. E assim começamos nossa história longa de um determinado e desconhecido trabalho.

I. ELEMENTOS EMERGIDOS DO CAPITAL-TRABALHO

*“Começa como dádiva
 Mas logo vira dívida
 Se sobrevive a dívida
 Algo segue te dizendo que você valia mais
 Valia mais, valia mais, valia mais valia”
 (O drama da manada humana – El efecto)*

1.1 Memórias de um trabalho distante

As releituras de Karl Marx e os novos elementos originados a partir de sua teoria serviram à explicação de novos fenômenos e à aplicação de suas ferramentas em aspectos desconhecidos pelo autor. De modo que a matriz criada por ele auxiliou novos entendimentos de outros aspectos da sociedade, que já por invalidade ou transformação, são fruto do desenvolvimento social de lá para cá. Mas ainda assim permanece algo essencial e, como o ele próprio apontava, ainda há de haver enquanto perdure um sistema hegemônico. Vive-se no tempo do capital uma inversão e sujeição dos seres em relação às coisas, inanimadas, às vezes não, e que impossibilita a dignidade individual e coletiva.

Dado isso, para compreender o que se denomina *trabalho* nos dias atuais, seria necessário refletir sobre os caminhos que foram trilhados para chegar ao conceito, entendendo a leitura da teoria marxiana e dos eixos desenvolvidos e assimilados para determinar o termo no presente.

No intuito de contextualizar a construção do conceito, Engels afirma que “antes de a primeira lasca de sílex ter sido transformada em machado pela mão do homem, deve ter sido transcorrido um período de tempo tão largo que [...] o período histórico por nós conhecido torna-se insignificante”¹. Esmiuçando o percurso, temos o longo desenvolvimento de macacos antropomorfos que, na utilização particularizada de certos utensílios, sofreram transformações tamanhas, o que acaba por distanciá-los de seus antepassados símios e assim podem, muitíssimo mais tarde, serem chamados de humanos. Mas não se pode pensar ingenuamente que este humano é a forma tal qual

¹ ENGELS, F. O papel desempenhado pelo trabalho na transição do macaco ao homem. In: MARX, K; ENGELS, F. **Obras Escolhidas**. São Paulo: Alfa-Ômega, s/d. v.2, p. 271.

conhecemos hoje; a existência da modernidade comparada a esse período é um grão de areia em uma caixa de parquinho infantil.

Para Engels, o que pode ter gerado esse ser modificado foi o emprego de utensílios de forma distinta dos outros seres, dando assim um “passo decisivo: a mão era livre e podia agora adquirir cada vez mais destreza e habilidade”². Quer dizer, sempre que algo orgânico e pulsante é colocado em contato com um fenômeno novo, esse organismo irá carregar consigo uma nova informação. Ao liberar a mão esses seres adicionaram à sua herança mais possibilidades, que a cada nova atividade colocava-se em contato também com o novo, um aditivo que é agregador de uma novidade infinita – devido ao movimento do ser nessa relação, a cada vez que se relaciona se modifica e por isso nunca é o mesmo de antes. Assim, pode-se reconhecer a carga não fechada e findada do ser humano, isto é, o trajeto do macaco ao hominídeo, desde hominídeo ao que se convencionou chamar de homem e deste homem ao que nos consideramos hoje não é, portanto, acabado. O processo de mudança do ser é constante e quem sabe infinito.

Outro termo decisivo para o pensador relaciona-se com a separação definitiva ocorrida entre o macaco e o *Homo sapiens sapiens*, pois o primeiro avançava de um intercâmbio típico dos animais, aquele em que exerce ação sem qualquer amoldamento da natureza, aquele que age por dentro, de fato, é um ser em interação com a entidade natureza. Passando, então, a um intercâmbio do ser que tenta domar a natureza, enfrentá-la, numa antítese que resulta em um modo de transformá-la *conscientemente*.

Apesar disso, tanto a infinidade de vidas não humanas, quanto a humana, vivem necessariamente de uma relação estabelecida com a natureza. O que significa, em termos práticos, que para existir, tal ser deve se dispor em relação com a natureza. Melhor dizendo, aqueles componentes naturais que não compõe restritamente os limites físicos do humano [seu próprio corpo]. Essa atividade cambial, por sua vez, vai colocar os seres, todos eles, por uma questão primeira de sobrevivência, em um processo de dependência da natureza. O que coloca em distinção mais uma vez o humano dos outros seres é sua relação de estranhamento com a natureza. Para Marx, esse jogo de trocas serve de extensão não física do corpo do humano, uma espécie de corpo inorgânico.

Assim, o intercâmbio gerado das atividades que os seres exercem com a natureza, humana e animal, podem ser chamadas mutualmente de *trabalho*, e o que permanece é a diferença notada entre a atividade humana e a dos outros seres viventes³. Engels apontou

2 Id. p. 273.

3 Mais uma vez a generalização por falta de conhecimento ou exclusão acontece no que diz respeito a atividade não humana. Mesmo que essa infinidade de seres exerça trabalhos distinguíveis entre si, isso

para o que, posteriormente junto a Marx, buscaria para diferenciar essa elaboração do trabalho:

os animais, como já indicamos de passagem, também modificam com sua atividade a natureza exterior, embora não no mesmo grau que o homem; e essas modificações provocadas por eles no meio ambiente repercutem, como vimos, em seus causadores, modificando-os por sua vez. Nada ocorre na natureza em forma isolada.⁴

O animal está colocado na natureza como parte integrante dela, ainda que se utilize da natureza inorgânica para subsistência. Ele está em um jogo de troca sem excesso, em uma relação de paridade com o ambiente, este ser ainda está dentro da natureza. Ele é um com ela, atuam de maneira equilibrada em seu jogo de força interno. O humano, por sua vez, se colocou fora dela, em situação de disputa e dominação – não é possível ainda situar onde essa ruptura ocorreu. Possivelmente, pelo grau de modificação que passou a exercer no ambiente, o que repercute em mais e mais possibilidades, a exemplo do desenvolvimento da linguagem.

A mão como instrumento da diferença, tanto da atividade como da possibilidade, passa a ter essa implicação extraordinária. O homínido, que usava seu instrumento orgânico com fim determinado, pode agora moldar instrumentos de serventia. E esses, por sua vez, conseguem dar seguimento ao que Engels também pôde chamar de trabalho. Para ele então, esses dois elementos aparecem, por assim dizer, ligados, em dependência. Primeiro, essa mão em adaptação deu ao ser a possibilidade de manejo e uso:

vemos, pois, que a mão não é apenas órgão do trabalho; é também produto dele. Unicamente pelo trabalho, pela adaptação a novas e novas FUNÇÕES, pela transmissão hereditária do aperfeiçoamento especial assim adquirido pelos músculos e ligamentos [...] foi que a mão do homem atingiu esse grau de perfeição que pôde dar vida [...] aos quadros de Rafael, às estátuas de Thorvaldsen e à música de Paganini.⁵

É, por assim dizer, uma certa atividade que colaborou para essa transmutação do membro, bem como como o órgão transformado passa a implicar em novas formas de *trabalho*, isto é, segundo essa perspectiva os dois elementos se retroalimentaram nesse caminhar.

permanece soterrado no horizonte ocular humano.

4 ENGELS, F. O papel desempenhado pelo trabalho na transição do macaco ao homem. In: MARX, K; ENGELS, F. **Obras escolhidas**. São Paulo: Alfa-Ômega, s/d, v. 2, p. 275.

5 Id. p. 275.

O *trabalho* seria essa coisa antiga, reconfigurada, mas ainda bastante distinta do que é conhecido hoje por *trabalho*. É possível que estejamos aqui exatamente como somos devido aos frutos desse desenvolvimento biológico, mental e social iniciado neste longo lugar sob influência deste arcaico ofício.

Tracemos uma outra linha, essa atividade dos homens foi caracterizada por Marx no seguinte sentido: o trabalho é a maneira como a natureza e o homem interagem. E dessa interação o humano por vontade diversa molda o mundo natural com intuito de alcançar certos objetivos⁶. Ao colocar dessa forma, o autor precisaria levar em conta três movimentos, o sentir, o pensar e o fazer, cuja mistura é senão manifesto de uma demanda orgânica. Sentindo as gotículas de garoa, o ser procura um lugar que lhe possa dar abrigo, olhando as copas das árvores percebe aquilo que procurava, pois resfria seu corpo na medida em que há mais folhas. Neste perceber é que um o motor mental parece ser impulsionado e um *start* lhe ocorre, brotando assim a possibilidade execução do novo. São demandas e necessidades muito básicas que dão origem a iniciações mais elaboradas de atividade, mas que nunca abandonam o fato de que “o animal é imediatamente um com a atividade vital. Não se distingue dela. É *e/la*. O humano faz da sua atividade vital mesma o objeto da sua vontade e consciência”⁷. Quer dizer, ainda que o ser traga consigo essa possibilidade de intervenção, mudança, isso não corrobora o mito de uma ruptura humano e natureza ou de domínio dela. O ser humano, como os demais, vive na e da natureza, apesar de tantos intentos de provar o inverso. É de um contato direto e constante que ele pode fazer perdurar sua existência.

A passagem acima contém outro elemento que carece de atenção. O *objeto* citado relaciona-se intimamente com um jargão no âmbito da literatura: o espelhamento. Sempre que um angustiado tenta desvendar a misteriosa função da literatura ou o que ela pode ser e como consequência não chega a nada pontualmente exato, há de haver um ser para tranquilizá-lo de que talvez a função, ou uma delas ao menos, é servir de espelho. Ou ao espelhamento. Não cabe entender isso como uma espécie de espelho social ou um retrato da vida. Ao contrário, esse é um espelho cuja serventia é o retrato – imagem de assemelhamento. Ele existe para que o humano se veja, reconheça a sua existência através de um reconhecimento externo para que, portanto, exista. O objeto da vontade ao qual Marx faz referência é esse elemento. É aquilo que carrega a distância entre os

6 MARX, Karl. **Manuscritos econômico-filosóficos**. São Paulo: Boitempo, 2004. p. 88.

7 Id. 84 (grifo do autor).

demais seres, até onde se sabe ao menos, e o bicho humano, porque este pode recorrer ao ato de exteriorizar, através de sua produção ou da manipulação de algo.

Como é de se notar, os elementos seguem uma linha de união indissociável. Necessitam um do outro para que existam ou sejam plenos. Desta forma, quando se fala em interagir dentro do âmbito que envolve o termo *trabalho*, Marx está apontando diretamente para dois pontos: a ideação e a elaboração. E deles caminha-se para o processo do pensamento humano, que, para Marx, não poderia de modo algum ser senão compreendido como idear e elaborar materialmente. Por sua natureza, os atos são dependentes e indissociáveis, pois explicam o modo como, para ele, se conformou o *trabalho* pleno. Este *trabalho* é colocado na ordem da plenitude devido ao caminho que ele precisa percorrer para que aconteça. A ideação seria uma espécie de projeto da atividade a ser executada, que ocorre mentalmente, enquanto a elaboração material é sua concretude.

Como exemplo menciono: alguém que buscasse por um cesto de tamanho e material muito específicos e que não fosse possível de encontrar, esse ser necessariamente teria, devido à sua demanda, que imaginar, realizar um projeto prévio e com os materiais e utensílios cabíveis executar seu plano. Esse é o movimento que o nosso teórico usa para caracterizar uma plenitude de *trabalho*. Mas não se deve imaginar que essas duas partes tenham graus de importância distintos, porque é exatamente a exclusão de uma ou outra parte que ocasionam o que o autor considerou um impossibilitador do desenvolvimento do ser que trabalha. E aqui se coloca um dos problemas primeiros da modernidade no que diz respeito ao trabalho.

Portanto, a ideação e a elaboração devem ser entendidas a partir de um relacionar constante e indissociável – um processo dialético, quer dizer, somente seria apreendido sob a forma de conexão entre as duas partes. Assim, dizer que “a vida física e mental do homem está interconectada com a natureza não tem outro sentido senão que a natureza está interconectada consigo mesma, pois o homem é parte da natureza”⁸.

O processo de interconexão portado tanto como um *continuum* da vida com a natureza, como desse intercâmbio central ao *trabalho* seria o que rege essa dinâmica interna de ambos. Portanto, torna-se um fator de explicação e de entendimento, no qual o próprio processo é um elemento. O movimento, fator circular que esse processo carrega, demarca seu sentido indissolúvel, o qual deve ser preservado no conjunto e não na

8 MARX, Karl. **Manuscritos econômico-filosóficos**. São Paulo: Boitempo, 2004. p. 84.

quebra para determinação do termo para o filósofo. Isto é, se é um com a outra parte, ela não é um oposto, é senão uma parte do todo, um complemento sem o qual se é capenga.

Sua elucidação se firma na assertiva de que a natureza é o corpo inorgânico do homem, mesmo não sendo, portanto, um corpo humano. Ao dizer que “o homem vive da natureza”, aponta para a significação de ser a natureza o seu corpo, pois esta carrega consigo as ferramentas/elementos necessários para que este ser mantenha sua existência. Assim, esse corpo é aquele “com o qual ele [homem] tem de ficar num processo contínuo para não morrer”⁹.

Como anteriormente dito, a interação consta como algo elementar ao animal¹⁰. E neste movimento de separação do homem e do corpo inorgânico, no jogo com a natureza, levariam o homem a um distanciamento de uma certa essência. Para o filósofo alemão, esse âmago humano foi nomeado – genericidade – e o termo cumpriu papel de importância, ainda em sua juventude com os *Manuscritos de 1844*, à compreensão de seus escritos posteriores. Muito embora o termo tenha peso na obra do autor, a genericidade ou ser genérico não é criação de Marx. Em verdade, ainda em sua formação acadêmica o autor pôs-se em contato com as obras de Feuerbach e de Hegel e foi desse contato que o filósofo pode reler o termo em suas análises.

Seria de grande facilidade descrever o diferencial do homem como: é tudo aquilo que não é animal. Não ladra, não morde, não é irracional. O que por outro lado coloca a redução cometida constante e longinquamente do que poderia ser *O animal*. O que é um homem? Além de uma oposição débil homem x bicho, o que é constitutivo do humano, que não a redução de toda uma infinidade de seres complexos e, que por acaso, são muito distintos entre si. Para fundamentar essa característica da espécie dos humanos, o autor tentou buscar essa essência. A genericidade toma como forma sua distinção das espécies, mas ela é só colaborativa no sentido de formação, como o próprio nome já diz, de um gênero e não de uma supremacia.

Assim, essa virtude é o que distinguiria o ser humano dos demais como espécie, sendo deste modo esta a definição de um caráter para a unificação desses seres [humanos]. Marchando na contramão do que fez/faz a ciência moderna, cujo intento foi sempre de construir uma distância na exclusão, ainda que se viva na dependência da interação com outros seres e com a entidade da natureza.

9 Id, p. 84.

10 Aqui me refiro a animal, todo o ser vivente, incluso o ser humano.

Para o autor, o processo dialético primordial é aquele que se vale de elemento genericidade somado ao elemento essencialidade, do ser social, resultando em um ser genérico. Em que cabe a tentativa de ilustração: sou eu, mas não apenas eu, sou um somatório de uma sociedade, todo um horizonte e uma herança cultural que se mantém enquanto tensão.

A genericidade poderia ser compreendida, por isso, como a parte básica desse ser, aquela comum a todos. Se acrescida da singularidade, parte desenvolvida da diferença contida em cada homem, resultaria em um ser integrado e pleno. Há por isso que dimensionar o peso que ambos os lados têm. No caso de haver hipertrofia da singularidade, não porque o ser regride, mas sim porque o gênero se empobrece, perde-se a amplitude do homem, conseqüentemente a singularidade interdepende do gênero para expressar-se como coisa única. Neste sentido, Marx afirma que o ser só se expressa singular e genericamente, na medida em que é um ser objetivo.

Ainda nos *Manuscritos econômico-filosóficos*, o autor aponta que a objetivação seria a forma primeira de exteriorizar e isso ocorre, supostamente, nas relações que o ser estabelece. Assim, é ele aquele que se mantém enquanto tal ao objetivar-se. Ou seja, a objetivação é a medida de troca nas relações que o Ser estabelece com as coisas e outros seres. É a partir dela que esse ser pode construir-se, porque é nela que ele pode agir teoricamente, age no plano do cultivo de um saber.

Neste sentido, ao fazer de sua atividade vital um produto de vontade e, por isso, carregar consigo uma consciência desse ato, é que ele pode tomar a vida como objeto visto com distância. Não é exatamente por colocar-se como Ser fora dessa vida [natureza], ou em uma espécie de cisão com ela, mas porque detém uma posição que lhe permite manejá-la, a qual permite até que ele não a exerça. Esse movimento torna-o “um ser consciente, isto é, a sua própria vida lhe é objeto, precisamente porque é um ser genérico. Eis por que a sua atividade é livre”¹¹. Para o autor “a atividade vital lúcida diferencia o homem da atividade vital dos [demais] animais. Só por esse motivo é que ele é um ser genérico”¹². Mas o que é a lucidez? Para conceituar o termo, de modo amplo, sem perda, é preciso torná-lo algo carregado de complexidade, isto é, não se pode reduzi-lo.

11 MARX, Karl. **Manuscritos econômico-filosóficos**. São Paulo: Boitempo, 2004. p. 84.

12 “L’homme de l’activité vitale de l’animal. C’est précisément par là, et par là seulement, qu’il est un être générique”. Cf. MARX, Karl. **Manuscrits de 1844**. Économie politique et philosophie. Paris: Éditions sociales, 1972.

O homem pode ser dotado de genericidade porque é na atividade vital que todos exercemos, com a natureza inorgânica, que há a geração tanto de uma essência, quanto de sua existência. O desenvolvimento se dá pelo exercício prático no mundo objetivado, quer dizer, há um tornar-se o outro ou o que seja em um objeto para si, gerando assim o seu próprio gênero e o das outras existências. Isto é, esse ser tem a possibilidade de reconhecimento de si (homem/gênero) e dos demais, o que se deve ao processo dialético de prática e teoria que esse ser pode exercer. Ele pratica a natureza como extensão de si ao mesmo tempo que pode teorizar e pensar sobre ela, de modo que pode reconhecer lá algo para além de si, que pode torná-la algo que compõe seu campo mental e pode ainda fazer desses objetos elementos de sua consciência. Podendo tanto agarrá-las para seu regime mais substancial, alimento, quanto ao menos elementar e mais espiritual como a arte.

A atividade dentro dela mesma gera a elaboração da natureza inorgânica colocando-se como uma evidência do homem, quando este se exercita enquanto um ser genérico, consciente¹³. Outra forma cambial que pode ser executada pelo ser é a própria maneira de relacionar-se, ele é aquele que entra em um contato consigo enquanto ser portador de uma universalidade. Quando o autor usa o termo, parece referir-se mais uma vez ao processo de acesso ao gênero, cuja universalidade está contida porque trabalha em um plano além do presente, de uma existência finda, o qual carrega consigo uma vivacidade que extrapola seu Ser, é uma espécie de herança compartilhada, um arquivo humano constante e acessível que é, portanto, um tipo de liberdade.

A genericidade serve, então, para um reconhecimento da espécie, mas também porque coloca em jogo uma essência que remonta às possibilidades infinitas e não determinantes do ser. Apontando para a universalidade e acima de tudo uma liberdade, exatamente porque não finda em si.

Em vista disso, é possível compreender melhor a relação do homem com um outro, assim “na relação de trabalho estranhado cada homem considera [...] o outro segundo o critério e a relação na qual ele mesmo se encontra como trabalhador”¹⁴. Pode-se então estabelecer o vínculo desse conceito para pensar o estranhamento, pois a anulação de uma dessas partes, genericidade e essencialidade, resulta também num estranhar-se.

Ao tomá-lo como conceito, o estranhar passa a uma necessidade daqui em diante para compreender a estruturação efetuada por Marx. O efeito de estranhar – a si, ou

13 Id. p. 85.

14 Id. p. 86.

outro, é algo constante ao homem moderno. Foi provavelmente ao notar esse sentimento constante, quase óbvio, e, portanto, não percebido que muitos dos escritos caros à literatura foram tomando corpo. Nesse sentido, ao que me parece, *o espelho* de Machado de Assis pode nos auxiliar propiciando essa percepção de forma mais criativa. O conto narra a história de Jacobina, um homem de origem modesta que ao tomar posse de um cargo militar, cai nas graças de uma tia. Essa o convida para visitar o sítio onde habita, presenteando o sobrinho com um espelho da família real portuguesa, o qual foi posto no quarto onde ele está hospedado. É neste ponto que Jacobina começa a sofrer mudanças inusitadas e incômodas.

O jovem sofre bajulações, mas é deixado sozinho logo que a tia sai de viagem, e os empregados fogem, sendo colocado mais intensamente frente a frente com o espelho, advindo daí um resultado. O personagem passa a se sentir angustiado, afetado ao contato com o espelho, gerando uma perda da percepção que tinha de si mesmo e passa a se notar como aquele que outros tinham de si, como se a pessoa que Jacobina era não existisse mais. Sua imagem no espelho passa a uma coisa distorcida, difusa. Dada sua falta de percepção de si, esse sentimento de perda de um eu, Jacobina decide vestir sua farda e olhar o espelho: desta vez a imagem que surgiu tinha seus contornos definidos e ele pode se ver com clareza, o que o auxilia a passar o resto da temporada bem com sua solidão.

Interessante pensar como Machado aponta, através da narrativa, para um eu interno que se liga/se opõe a um eu interno, mas que, sobretudo, se guia sob uma perspectiva muito calcada no social, isto é, no real. Jacobina, assim como tantos outros, se vê de maneira torta quando efetivamente entra em um mundo do trabalho, alferes das forças armadas, e essa parte de si entra em contato com um eu que ele achava conhecer. A imagem externa deste homem é o olhar estranhado que qualquer homem deposita em um semelhante, ele é apenas um reflexo. Ele não demonstra reconhecimento, é apenas uma imagem - jamais é a coisa. E o próprio ser tampouco consegue se ver para além do seu eu externo, porque foi marcado demais pelas subjetivações do mundo exterior – marcadas tão fortemente pela divisão do trabalho e tudo que ela pode acometer. O trabalho, representado pela farda de Jacobina, finalmente é a salvação, pois o ato de estranhar-se é tão constante e incômodo que ao vê-lo a olho nu o resultado final só pode ser a loucura, o distanciamento. Deste modo, tomar o reflexo, uma imagem como o eu, é a única escapatória para aquele que vive e bebe das monstruosidades da modernidade.

Na esteira do ser genérico, pode-se retornar a algo que se chamou de trabalho

pleno, cujas características e exercício, na modernidade, foram sempre inoperosos ou não efetivos. O trabalho pleno pode ser chamado de total, preenchido, efetivamente por carregar o processo dialético de exercício-penso [que no final é a práxis], com hífen porque não pode e não deve ser dissociado. Mas, se contrariado o ato, se uma ruptura acontece no processo de relação com o trabalho, a subjetividade gerada por ele e finalmente o ser que resulta são tão pouco plenos, que eles deixam de ser a coisa em si, tomando uma nova e distinta forma.

Sempre impossibilitado de se exercer num trabalho total, o ser fadado a se manifestar em uma cisão, vive apenas um lado da moeda. e dela o resultado foi uma espécie de oposto complementar da atividade. Esse avesso tende a coadunar-se com os elementos anteriores transformando-se numa espécie de monstro de Jekyll¹⁵, ele estava lá e precisa de um elemento químico muito específico para manifestar-se, elemento sem o qual não se chegaria a um resultado inesperado e sem controle. Esse, de alguma maneira, é o trabalho estranhado. Mr. Hyde é fruto de um teste fora de uma determinada linha, ele escapa como resultado possível, mais do que isso ele traz à tona exercícios destoantes da ação de Jekyll. E por quê? Se uma coisa estava lá contida na outra, talvez seja porque, apesar de possível a coisa, neste caso o trabalho estranhado é a criação desastrosa ou a possibilidade acidental não segura, a qual gera frutos nocivos ao desdobramento tanto individual quanto coletivo, como demonstra Hyde. E o mais peculiar é que isso enfraquece e passa a ter mais peso do que o seu contrabalanço, que é Jekyll. O que quer dizer que o trabalho em si, como conceito benéfico ao homem, não consegue sustentar e combater as mazelas que o estranhamento gera – evanescendo e perdendo sua função primeira.

Além disso, o exercício se inverte na relação total, de modo que o homem passa a dar conta de sua atividade vital como meio de existência unicamente. E por reduzir a atividade a uma forma de obrigação, no momento em que priva o ser do processo, acaba por privá-lo também da potência de negação, fazendo recair consequências certas em um ponto caro ao homem: sua essência.

Se há quebra do par dialético, elaborar e agir, o resultado no qual se chega é o Mr. Hyde, pois este não é parte excludente, mas sim a parte que nasce dada a combinação dos elementos em uma fórmula não prevista, um resultado gerador de surpresa e de riscos. Esse ato de partir o processo ocorre duplamente, em um primeiro momento porque há uma quebra dos elementos ligados e em segundo lugar porque o objeto [produto] do

15 STEVENSON, Robert Louis. **O médico e o monstro**. São Paulo: L&PM Editores, 2002.

trabalho do humano lhe é arrancado, isto é, a sua elaboração do mundo objetivo é retirada, perdendo-se assim a vantagem em relação aos demais seres e ocorrendo conjuntamente a captura de sua faceta genérica. E o resultado final é uma oposição entre a plenitude daquilo que o ser genérico poderia carregar consigo, apontando para um ser torto, disforme e estranho a sua própria natureza:

o trabalho estranhado reduz a autoatividade, a atividade livre, a um meio, ele faz da vida genérica do homem um meio de sua existência física [...] a consequência imediata disto, de o homem estar estranhado do próprio produto do seu trabalho, de sua atividade vital e seu ser genérico é o *estranhamento do homem pelo [próprio] homem*.¹⁶

É possível imaginar que, ao entrar na sala de espelhos, um certo homem se depara com uma criatura que nunca havia percebido antes. Tem olhos enormes, cabeças disformes, pernas longuíssimas e braços miúdos, os troncos são robustos – nada parece encaixar. Esse homem sente-se aterrorizado, enjoado ao ver as imagens, a cabeça gira. Realmente nunca estivera na presença daqueles outros, nunca havia passado por tão desconfortável cena. Essa sensação de pavor e total distância dotada pelo fato deste homem não se perceber como imagem refletida naqueles espelhos é o entrave do homem estranhado. Não pode reconhecer-se, se quer faz noção que possa ser ele ali. Esse homem, assim como a faceta escondida de Jekyll, Jacobina assim como tantos outros são exemplares das torções geradas do ser moderno. Há quase uma incompreensão genérica, é ela que passa a ser carregada como informação desses homens – opondo-se às possibilidades da universalidade e conclusivamente de uma certa liberdade.

Essa estranheza de si é o homem a defrontar-se consigo, vendo a si como outro, mas não só; porque ele não percebe seu corpo como sendo parte, nota-o como coisa além, como a natureza extra si. O estranhamento é uma forma destrutiva de estar e sentir, a qual não é apenas contida intra-ser-social, pois este estranha também o produto de seu trabalho e o produto pode ser entendido por si como objeto do trabalho de outrem. O que desencadeia ainda uma questão que é o maior estranhamento de seu gênero, de modo que “o homem está estranhado do outro, assim como cada um deles [está estranhado] da essência humana”¹⁷.

Esse problema colocado é realmente uma ruptura para se pensar os termos desta genealogia do homem, que vinha traçando um caminho de diferença entre si e os outros

16 MARX, Karl. **Manuscritos econômico-filosóficos**. São Paulo: Boitempo, 2004, p. 85.

17 MARX, Karl. **Manuscrits de 1844**. Économie politique et philosophie. Paris: Éditions sociales, 1972. p. 32. (tradução nossa). A versão francesa foi utilizada neste momento, uma vez que a edição brasileira suprimiu a passagem citada.

viventes. O homem aqui se coloca como quebra desse distanciar, provocado pelo processo de estranhamento, de se perder de uma essência, o que parece colocá-lo novamente em um lugar de restrição das suas possibilidades.

Sobretudo porque, para Marx, o *trabalho* não seria obrigação, penitência ou algo fortuito. Ele seria a objetivação primária que garantiria o atributo humano, assim o autor menciona que o trabalho seria a condição eterna do homem, enquanto possibilitador da humanidade. A via exclusiva à liberdade e à infinidade do potencial do ser humano poderia ser substituída por um *Doppelgänger* que usurpa o lugar do primeiro e lhe abstrai todo o sentido? O peso, o fardo carregado pelo homem é um duplo maligno de si e do seu trabalho. É uma assombração que o persegue e faz da vida um suplício, impede e impele a certos contextos e ações, por vezes mal-entendidos, pois há um eu agente condicionando o ser a partir-se mais e mais.

Não é casualidade que *O homem duplicado*¹⁸ de Saramago possa demonstrar com tamanha exatidão a nulidade do homem em um mundo global regido por um capital que distanciou as pessoas de si, que já não percebem mais quem é o outro e o que é a constituição de si, uma vez que estão tomadas por relações estranhadas, em mundo nada distante, habitado por gente retirada do seu sentido primeiro, tornadas todas números e, por fim, coisas. Sua narrativa traz à tona essa cara-metade *obscura* que o nosso homem passou a portar consigo.

O duplo em Saramago é como nossos outros exemplares adubado e regado com as objetivações de um mundo que só deixou o ser, se é que podemos chamá-lo assim, seu ofício. Nada mais são do que especialistas da modernidade. Tertuliano é um professor, guiado e malfadado por seu trabalho, que lhe consome, limita a sua própria condição. Ainda assim, não é notável a ele que se encontra nesse lugar, mas o surgimento de um ser igual a si o transtorna de tal maneira que passa ao tormento constante, balançando sua vida por inteira. Talvez o ponto central seja efetivamente que os seres todos partilham um *igual*, o problema é se dar conta que mais uma vez a mentira do tempo vivido puxa o tapete desse ser anulado, não reconhecido e se ele não reconhece a si próprio como poderia saber que há tantos outros semelhantes? Trata-se do par universalidade e genericidade apontadas por Marx. O pé de igualdade em que se encontram não poderia ser positivo, é desestabilizador. Desaterra esses homens de sua

18 Cf. SARAMAGO, José. *O homem duplicado*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. O romance traz uma reflexão bastante especial para pensarmos o capital de modo globalizado e recente, usando o duplo para reafirmar o apagamento de qualquer forma de sujeito.

bolha fechada em si, que possibilita que tudo o que não é seu trabalho e seus ramos seja ignorado.

Há outro caso interessante, um pintor que executa somente uma paisagem ou um retrato está colocado em que posição? É ele um pintor de fato? Essa passagem já foi narrada, um homem que levava a vida a pintar quadros de um juiz, ou de uma entidade de poder, que repetia e repetia tal ação motivado pelo seu trabalho para um tribunal. O seu produto final era igualmente o mesmo, sem variação ou toque que possa distingui-los, por menor que fosse:

[...] sem dúvida alguma, o retrato dum juiz. De resto, a semelhança do quadro com o do gabinete do advogado era extraordinária. Tratava-se, na verdade, de um outro Juiz, um homem gordo de espessa barba negra que lhe cobria mesmo as maçãs do rosto; todavia, o que estava em casa do advogado era pintado a óleo, enquanto este, pouco nítido, não passava duma pintura a pastel de cores fracas. Mas tudo o resto se, assemelhava, pois também aqui o juiz ia a levantar-se, ameaçador, do seu trono cujo braço segurava fortemente. “Só pode ser um juiz”, ia K. a dizer; porém, conteve-se por instantes e aproximou-se do quadro como se quisesse estudar os pormenores. Não conseguindo fazer uma ideia do que seria a grande figura que se elevava no meio do espaldar do trono, pediu ao pintor que lhe explicasse. Aquele respondeu-lhe que a figura ainda necessitava de levar uns ligeiros retoques e, tirando duma mesinha um pastel, fez com ele alguns leves traços nos contornos da figura, sem contudo, com isso, conseguir torná-la mais compreensível para K.

— É a justiça — disse por fim.

— Agora já reconheço a figura — retorquiu K. — Cá está a venda a tapar os olhos e aqui a balança. Mas ela não tem asas nos pés? Não está a correr?

— Está — respondeu o pintor. — Tive que a pintar assim por encomenda, — na verdade, trata-se da representação da justiça e da Vitória numa só figura.

— Acho que não ligam bem uma com a outra — comentou K., sorrindo —, a justiça tem de estar quieta, de contrário faz oscilar a balança, o que torna impossível qualquer sentença justa.

— Sujeitei-me à vontade do meu cliente — disse o pintor¹⁹

Esse pintor é Titorelli, personagem de Kafka em *O processo*²⁰. Um homem que faz de seus quadros reproduções de uma certa ordem. O fato de seu processo criativo estar cerceado pelo tipo de trabalho que lhe acomete não é acaso. Aqui temos o exemplo de como o processo elaborativo do trabalho, isto é, o criativo, está distanciado do processo de execução. E por quê? A necessidade que o produto impõe é sobreposta ao processo como um todo. O que serve apenas para uma separação de um certo homem, melhor dizendo, transformação em um certo homem, que se parte, não se completa. Titorelli nos cabe como exemplar do que é o próprio trabalhador estranhado de seu produto, distanciado dele. Esse estranhamento do trabalho toca justamente em como o trabalho

19 KAFKA, Franz. **O processo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. p. 103.

20 Kafka como grande crítico da modernidade não deixa passar a complexidade burocrática que está contida nas instituições e que por consequência não pode abandonar sua constante crítica aos cargos e atividades laborais, as quais sempre são notadas ou trazidas como fenômeno alienante.

partido inviabiliza a relação profícua que o homem ligado ao trabalho poderia ter, dadas as condições sociais que entram em contato na processualidade que é a vida [no trabalho].

O autoestranhamento (*Selbstentfremdung*) da natureza e de si próprio é resultado dessa distância de reproduzir objetos no mundo, sem a dimensão da criação, de poder idear aquilo que se constrói. O produto do exercício passa a produto de puro estranhamento em relação a esse que o gerou, toma distância e aponta para uma falta conhecimento sobre ele. Por isso, não apenas em relação aos objetos, mas sobretudo como “se o produto do trabalho não pertence ao trabalhador, um poder estranho [que] está diante dele, então isto só é possível pelo fato de pertencer a um *outro homem fora do trabalho*”²¹, o que implica num contato do mundo prático de efetivo autoestranhamento; se estranha, estranha os outros e ainda sua [re]produção, porque este está a estranhar a sua natureza genérica. E, ainda, isso se dá apenas na medida em que há relação prático-efetiva por ocorrer.

O filósofo também chama esse estranhamento de exteriorização de modo em que o homem se situa enquanto alguém fora do trabalho. Se o trabalho não me pertence, me é estranho como atividade, a quem ele pertence? A um outro que não eu. Quem é este outro? Os deuses? Essa história é contada por Marx para elucidar o processo de anuviamento do olhar que transcorre quando o homem passa a desencontra-se de si. Por muito tempo o produto do trabalho foi afastado do trabalhador/escravo usando-se a justificativa de pertencimento aos deuses, depois ao monarca, depois ao patrão. Essa trajetória remonta a quão longínqua é sua separação e de fato como ela carrega consequências em uma memória epigenética desse ser, cuja retirada do seu objeto talvez seja sua mais antiga lembrança neste enlace.

Em “A enxada”²², Bernardo Élis apresenta Supriano, um trabalhador rural com severas necessidades de manutenção de sua vida e também das pessoas que compõe sua família. Para plantar um lote de arroz, que poderia reparar certas demandas, ele, que não era possuidor de uma enxada, corre por todo o conto atrás de alguém que possa ceder-lhe uma. A tensão nessa corrida pelo instrumento é constante, e mesmo com tamanho esforço para que o problema se resolva a personagem não chega a tê-la. A

21 MARX, Karl. **Manuscritos econômico-filosóficos**. São Paulo: Boitempo, 2004, p. 86. (grifo do autor)

22 ÉLIS, Bernardo. **Melhores contos Bernardo Élis**. 4 ed. São Paulo: Global, 2015. O texto de Bernardo Élis recoloca centralmente a relação trabalhador-produto e o resultado dessa simbiose que segundo os preceitos da propriedade privada e a modernidade somente poderiam lhe posicionar em um lugar de refém do produto, a mercê da vontade de quem detém e não se vê como igual ao outro, por estarem todos em situação de estranhar-se no mundo.

angústia aqui colocada se torna ponto vital para compreender o quão afastado do objeto o homem se encontra. Seu poder de criação nunca lhe volta à cabeça, o produto é um e ele outro, quando não o detém só lhe resta estranhar, pois as relações do homem neste sentido passaram a ser impregnadas por fatores do capital e esses somente se mantêm em relações de tensão entre o ter e o não ter. Por isso, Supriano, não possuindo um instrumento que poderia ser feito por si, acaba em certa medida coisificado pela relação de falta. Para que se produza esse resultado, a propriedade privada se faz necessária à “relação externa (*äusserlichen*) do trabalhador com a natureza e consigo”²³. E assim se herda:

certamente o conceito de *trabalho exteriorizado* da economia nacional como resultado do *movimento da propriedade privada*. Mas evidencia-se na análise desse conceito que, se a propriedade privada aparece como fundamento, como razão do trabalho exteriorizado, ela é antes uma consequência do mesmo, assim como também os deuses são *originalmente*, não a causa, mas o efeito do erro do entendimento humano. Mais tarde essa ação se transforma em ação recíproca.²⁴

De qualquer maneira, seria comum pensar que o trabalho concerne exclusivamente aqueles que trabalham. Até o momento somente a perspectiva de quem possuía atividade e as relações decorrentes do processo estavam colocadas. Adicionar o espectro do não trabalhador é um apontamento igualmente carregado de valia para compreender os aspectos do trabalho. Quando Marx explica o enlace do trabalhador com trabalho ele chega ao meio do caminho, a se deparar com aquele que não trabalha. Demonstrando de como a objetivação deste ser no mundo, surpreendentemente, não é colocado com distinção daqueles que atuam em um ofício qualquer.

Os aspectos que se referem a esta ordem do trabalho exteriorizado, como já muito mencionado, estranho aquele que lhe exerce, são colocados em duas relações de desenvolvimento: primeiro o trabalhador em um contato com seu trabalho e com o produto que gera deste fazer. O segundo, é um não trabalhador no contato com o trabalho e com o produto deste último. Há uma distinção que os colocaria em oposição ou pelo menos em uma distância. Contudo Marx aponta que, em verdade, os estranhamentos e exteriorizações que são feitos pelo trabalhador de um ponto de vista da materialidade por aquele que os exercita e são notados pelo não trabalhador da mesma maneira, o que quer dizer, que são percebidos e manifestos sob os mesmos sentimentos e conformações

23 MARX, Karl. **Manuscritos econômico-filosóficos**. São Paulo: Boitempo, 2004. p. 87.

24 Id. p. 87-88.

dos seres, gerando finalmente os mesmo afetos/desafetos na subjetividade que se constrói. O não trabalhador se vê nas relações de si e com o produto do outro. Ora, não é assim que aquele em exercício se sente, porque não é possível se reconhecer mesmo que seja o protagonista?! O não trabalhador vivencia uma dinâmica teórica do estado de estranhamento, a qual é para o trabalhador uma vivência carnal, de pele:

o comportamento efetivo, prático do trabalhador na produção e com o produto (como estado espiritual) aparece no não-trabalhador que está diante dele como um comportamento teórico. [...] o não trabalhador faz contra o trabalhador tudo o que o trabalhador faz contra si mesmo. Mas não faz contra si mesmo o que faz contra o trabalhador”²⁵

Serve assim para que se demarque como o desenvolvimento das objetivações [formações] desses seres se comporta de maneira semelhante. A não atividade não exclui esse ser de estranhamentos e más vivências, ele não consegue a partir daí elaborar um mundo distinto e exercer nele outras funções, negar as primeiras, escolher alternativas. É demonstrativo do mesmo subjugar daquele que perde sua vida em um trabalho extenuante e mortífero. A presença de um imaginário do trabalho é o que alimenta tanto as relações como as manifestações da vida moderna, o trabalho é aquilo que vigora no corpo humano.

Como o texto de Élis bem traduz, “a apropriação [da natureza] aparece como estranhamento, a autoatividade como sacrifício de vida, a produção do objeto como perda do objeto para um poder estranho, para um homem estranho”²⁶, que não permite nada além do suplício e uma inexistência miserável porque não permite que exista. Seria exagero pensar que a existência estaria limitada por questões de posse? Para Marx sim, ao analisar as reações que o não trabalhador representava frente aos enlaces que estabelece com quem trabalha e o próprio trabalho, a problemática de inexistência é o primeiro sintoma que salta.

Subjetivamente falando, existir, a partir dessas medidas, é ato corroborado por um carregar o capital consigo. O que quer dizer que ser trabalhador atribui isso na subjetivação desse ser, mas desse contato já sabemos que surge uma perda de essência, um apagamento de si. Gerando na objetividade o trabalho como tal, o trabalho da modernidade é a perda do homem de si. Ele é a própria destruição do ser que um dia possibilitou e, não bastasse, agrava na medida em que esse ser que exerce função

25 Id. p. 90.

26 Id. p. 90.

carrega “a infelicidade de ser um capital *vivo* e, portanto, *carente (bedürftig)*, que, a cada momento em que não trabalha, perde seus juros e, com isso, sua existência”²⁷.

O mais interessante desse resultado é observar como, no âmbito social, isso foi materializado. Não havendo troca monetária que seja realizada por esse trabalhador ou não tendo como possuir na medida em que a demanda impositiva da cidade, dos meios, das instituições impelem o ser, que passa a um estado de total apagamento, como uma coisa que até poderia estar ali, mas não se relaciona com certo *status quo*. Estão jogados em lugares distantes, em trabalhos que não são dignos de interesse e não se relacionam como o(s) centro(s), a não ser de maneira subjugada.

Alimentada por um cruzamento entre o trabalhador e o trabalho, a existência que se menciona é exclusivamente resumida por uma nomeação ao se falar em capital: valor. Isso significa que, de maneira semelhante, um trabalhador está para determinada nota monetarizada, a qual foi atribuída de um valor determinado. Assim acontece também com o trabalhador, um valor que é determinado por uma série de fatores é o que vai taxar seu valor, ou melhor, o valor da atividade que exerce. Quando a oferta e a procura desse ser aumentam, seu *valor* sobe. Para Marx, a taxação de valor do trabalho é acompanhada fisicamente, o que determina então um aumento ou queda do valor existencial, em outras palavras, da vida. Não é de surpreender que você possa estar pensando: ora, mas é exatamente dessa forma que se dá com as mercadorias. Pois sim, para a lógica do capital, a propriedade privada é da mesma ordem, dita e equipara quem cria ao objeto criado.

Engendrada a partir de um enlace capitalista, a existência ou essa crise existencial que esse homem reduzido enfrenta vigora dentro da relação trabalho. O que quero dizer com isso? Quando o ser passa a ser centralizado por ditames do capital, sua existência toma forma na seguinte equação: o trabalho se entende por salário, que equivale à existência, que se confirma a partir delas porque, desde a estruturação da propriedade privada em lugar da comunal²⁸, ocorre a conjugação de duas partes contrárias: capital e trabalho [aquele termo de potência, não o moderno]. Esses dois colocados lado a lado carregam uma oposição, são indiferentes um ao outro, não partilham dos mesmos moldes. De modo que salientam a relação de estranheza, eles são e só podem ser ligados por um elo, que é a mercadoria. Mas essa é mercadoria-viva, que é o homem enquanto aquele que trabalha produzindo um movimento que faz interagir essas partes

27 Id. p. 91.

28 Refere-se às propriedades chamadas antigas, as quais também foram chamadas comunais, diferenciadas ainda das feudais, vide **A Ideologia Alemã**, Boitempo, 2007.

todas. Isso se apresenta então em nossos horizontes como uma fórmula: a existência do que foi um dia esse hominídeo somente pode ser através do trabalho. Mais uma vez a redução chega a conformar o ser que teve um imaginário sobre si tão bem formado na separação do resto da natureza.

Parece aterrorizante olhar deste lado do rio. A conclusão que se pode chegar até aqui é: não há homem. O que resta é alguém que se exerce, se faz pelo ofício, o que nos conduz a outra resultante – apenas existe quem exerce-possui trabalho. Seu existir necessita íntima e inatamente do capital para essa manutenção, não havendo capital este trabalhador deixa de ser para *si*, bem como deixa de existir se não há qualquer ofício, pois desaparece também qualquer salário.²⁹

O elemento salário vem por este caminho traçar como a propriedade privada distancia o reconhecimento genérico do ser social. São consequências do estranhamento, visto que o produto do trabalho é o gerador pagamento do salário. O produto do homem é, portanto, um elemento de negação do homem. Momento importante, pois é nele que se nega qualquer outra existência e dele surgem as exclusões de outros tipos de vivência. Esse não reconhecimento é do

trabalhador desocupado, o homem que trabalha (*arbeitsmenschen*), na medida em que se encontra fora da relação de trabalho. O homem que trabalha (*Arbeitsmenschen*), o ladrão, o vigarista, o mendigo, o desempregado, o faminto, o miserável e o criminoso, são *figuras (Gestalten)* que não existem para ela [economia nacional], mas só para outros olhos, para os do médico, do juiz, do coveiro, do administrador da miséria, fantasmas [situados] fora do seu domínio. As carências do trabalhador são assim, para ela, apenas a *necessidade (Bedürfnis)* de conservá-lo *durante o trabalho*, a fim de que a *raça dos trabalhadores não desapareça*.³⁰

E, conseqüentemente, os resultados são desastrosos. Além de não passarem de fantasmagorias sociais, o movimento que a produção exerce é um *devenir* constante em mercadoria, há uma inversão nesta linha de produção: homem fabrica lápis e isso é a linha corrente da produção, embora o que tenhamos é a Produção produzindo o homem, que é tão somente o produto. Por determinação desta ordem, o que resta é tornar-se “precisamente, como um ser desumanizado [...] tanto *espiritual* quanto corporalmente – imoralidade, deformação, embrutecimento de trabalhadores e capitalistas”³¹. É de pasmar que nesta lógica também seja incluso o senhor das forças produtivas. Mas como deste

29 MARX, Karl. **Manuscritos econômico-filosóficos**. Tradução por Jesus Ranieri. São Paulo: Boitempo, 2004. p. 91.

30 Id. p. 92.

31 Id. p. 92.

mecanismo nada escapa, a força e a pressão que exerce operam de maneira tão esmagadora que nem a subjetividade e qualquer vida, mesmo a do capitalista, escapam à mão grande. E segue: “seu produto é a *mercadoria consciente-de-si* e a *autoativa*, [...] a mercadoria humana”³², que somos todos.

A consciência e a manifestação da vida (*Lebensäußerung*) serão, portanto, e mais uma vez, elementos de estranhamento se pensadas a partir do trabalho. Essa forma de atividade, que é quase uma abstração em termos de proximidade, acolhimento, passa a uma espécie de pureza do homem que trabalha, isto é, o que se torna o âmago desse ser é uma constante distância dos seus passos, seu respiro, seu agir. Assim “a existência abstrata do homem como um puro *homem que trabalha* e que, por isso, pode precipitar-se diariamente em seu pleno nada no nada absoluto e, portanto, na sua efetiva (*wirkliche*) não existência”³³.

Ao se tratar de consciência, há um, dentre todos esses elementos, que ainda carece de desenvolvimento. A alienação, a qual se conjuga com a objetivação, e confere importância para o entendimento do ser social, bem como do trabalho, dado que os dois primeiros conferem características ao último dos termos.

A alienação poderia ser delineada como o resultante do trabalho partido, pensado a partir dos conceitos mencionados. Podendo ser tanto a privação do ideal/do materializar ou de sua genericidade/sua essencialidade, o que conforma uma oposição do ser humano no que diz respeito ao seu eu. Cria-se uma impossibilidade de se reconhecer no que produz, ou mesmo no mundo onde ele exerce força criadora/reprodutora.

O problema que decorre então é justamente o fato de o trabalho, não mais dialético e complexo, reforçar uma aniquilação do potencial, outrora inato, do homem. E atribui uma forma distinta a objetivação do homem na natureza, objetivando-o segundo um trabalho fracionado que coloca como centro das relações o produto, a mercadoria³⁴.

Desta deformação do *trabalho*, preenchido de sentido pela modernidade, surge o lugar de lembrar a velha divisão social do trabalho, cujo aparecimento ainda remonta às velhas comunas tribais, antigas, e às feudais, mas que é na forma organizada pela sociedade burguesa que o ser torna-se “um todo de carências, e apenas é para outro assim como o outro apenas é para ele na medida em que se tornam reciprocamente um

32 Id. p. 93.

33 Id. p. 93.

34 Mercadoria aqui carrega seu sentido habitual, matéria executada pela mão humana que carrega valor e de como o processo de troca monetária que está pautado em cima deste produto pode carregar por vezes mais valor que a própria mercadoria-viva [trabalhador].

meio”³⁵, no qual a divisão social do trabalho se perpetua. Se pensássemos que o estranhamento está para si como para o outro, o constante resultado é uma distância do outro [real], mas a divisão do trabalho recoloca o ser em um contato repetido e dependente com outros seres, é nela então que certa socialização ocorre. Quase de modo obscurantista, ela é justificada ao ser sua capacidade de fazer trocar, desse ato que alimenta única e exclusivamente uma expansão, a do mercado.

Seria para o autor a “expressão nacional-econômica da *sociabilidade (Gesellschaftlichkeit) do trabalho* no interior do estranhamento”³⁶. Logo que o trabalho é mera expressão da atividade dos homens, a divisão do trabalho “não é outra coisa senão assentar (*Setzen*) estranhado, da atividade humana como *atividade genérica real* ou enquanto *atividade do homem como ser genérico*”³⁷. Essa forma de organizar o *trabalho* é entendida por Smith enquanto execuções organizativas da atribuição produtiva na estrutura econômica da sociedade. A produção da riqueza é característica da divisão por esta baseada no aumento da produtividade. A organização dos produtores em atividades específicas torna a divisão social do trabalho uma ferramenta de separação da ideação e da materialização:

a divisão do trabalho é uma aplicação hábil das forças do homem – portanto, ela aumenta os produtos da sociedade, sua potência e suas fruições, mas ela rouba, diminui a capacidade de cada homem, tomado individualmente. A produção não pode ter lugar sem troca.³⁸

Em análise do termo, os economistas como Smith, Mill e Skarbek, como exemplos da moderna economia nacional, concordam que a

a divisão social do trabalho e a riqueza da produção, divisão do trabalho e acumulação de capital condicionam reciprocamente, assim como [...] a propriedade privada em *liberdade, entregue* a si própria, pode gerar a divisão do trabalho mais útil e abrangente.³⁹

É deste modo que a lógica moderna reivindica a necessidade do trabalho e precisamente dessa divisão. Finalmente, e em contrapartida ao pensamento, o “trabalho” é condição de humanidade. É o conjunto de possibilidades e feitos que o ser vem desenvolvendo nesta larga trajetória de vida na terra. Quando a classe burguesa se apropria do que é produzido, ela passa a achar que produz a riqueza da humanidade, através da extração do trabalho abstrato, mas o que se instaura é o malfadado percurso

35 Id. p. 149.

36 Id. p. 149 (grifo do autor).

37 Id. p. 150 (grifo do autor).

38 SMITH, Adam. Riqueza das nações. Apud Marx, Karl. **Manuscritos econômico-filosóficos**. Tradução por Jesus Ranieri. São Paulo: Boitempo, 2004. p. 153.

39 MARX, Karl. **Manuscritos econômico-filosóficos**. Tradução por Jesus Ranieri. São Paulo: Boitempo, 2004, p. 155 (grifo do autor).

do trabalho e apenas riqueza para a burguesia, que tampouco consegue sublimar as subjetivações que também sofrem.

Contrariando qualquer argumento de arcaísmo nos apontamentos marxianos, comentadores contemporâneos como André Gorz e Ricardo Antunes nos levam às hipóteses e muitas conclusões sobre os rumos e os destinos que o trabalho tomou nesse período de tempo. Mas, sobretudo, apontam para resultados dados da transcorrência do tempo, os quais somaram a esse trabalho que conhecemos ao longo desse capítulo. Cada um traz consigo hipótese distinta sobre destino do “trabalho” em Marx, mas ainda assim permitem compreender porque o trabalho, mesmo que adicionado de tantos novos modos de se praticar, tão distantes do retrato da industrialização do século XIX, do chão de fábrica, é ainda elemento tão presente na vida humana.

O primeiro aponta para uma descentralização da vida a partir do *trabalho*, mas isso não deve ser mal-entendido, pois descentrar do ato seria justamente a desconstrução dele como fórmula que destrói a vida. A indústria cada vez mais mecanizada, seguida de uma corrente tecnologização, nada mais é do que o ponto para transformar o trabalho em tempo livre, em fruto para o ser que trabalha. Sua tentativa ruma a uma reapropriação do ato humano e não um apagamento do trabalho.

Para Gorz⁴⁰, então, as metamorfoses que o mundo do trabalho sofreu ao longo de seu desenvolvimento e sua instrumentalização lhe conferem uma cisão funcional no trabalho. Ele considera que existe uma desintegração social cujo humanismo no trabalho se finda, pelo abafamento e reversão de seus valores pela ordem econômica e apropriações do humanismo que são percebidas como melhoramentos do sistema, por conta dos mecanismos de reificação. Deste modo, o filósofo coloca a crise do trabalho e reitera propostas para que se possa pensá-lo como ponte de reintegração social.

Ao trazer as características de um mundo do trabalho avançado, melhorado em termos de eficiência, de manufatura, de performance, Gorz tenta trabalhar segundo a seguinte lógica: se o mundo precisa cada vez menos de grandes quantias de trabalhadores, precisando mais e mais de trabalhadores especialistas, o rumo para o qual se vai é ou de uma redução das cargas horárias, ou uma onda alarmante de desemprego que segue em marés cada vez mais altas, que causam cada vez mais afogamentos. Propor tal fenômeno é tanto lógico quanto racional. Não querer criar mais ondas de miséria, violência e desespero sempre é uma saída melhor que seu contrário, visto que o

40 GORZ, André. **Metamorfoses do trabalho**: crítica da razão econômica. 2 ed. São Paulo: Annablume, 2007.

filósofo ainda está alojado demograficamente em um local como é a Europa, em que as contradições sofreram uma tentativa de refreamento pelo *welfare state* keynesiano.

Ainda assim, todas as manifestações e resultados aos quais chegamos foram contrários aos anseios de Gorz. A acumulação fabril das funções, os avanços no sentido das ilhas de produção, trabalhos flexíveis, são exemplos que podem ser mencionados. O que se obteve da equação foram mais e mais nomenclaturas para apelidar o trabalho; a terceirização, o teletrabalho, as contratações *part-time* e as parassubordinações nada mais são que outras maneiras de organizar o trabalho de modo ainda mais destruidor. O que, permanece para além do exercício, é a lógica que segue mantendo nos mesmos lugares cada peça de xadrez – se a lógica é mantida, permanecem também as classes, a forma de trabalho e obviamente a mais-valia. De modo que em nada sofreu a perversidade com a qual a relação de trabalho, que data o início da industrialização, se processa. Ela ainda aflige os mesmos, só que agora possui novas ferramentas para fazê-lo.

Com ponto de saída semelhante, mas em caminhadas conflitivas, os dois teóricos, Gorz e Antunes, percorrem um trajeto de análise do “trabalho” a partir do tempo presente e suas respectivas peculiaridades. É a partir dessas reinvenções das formas de trabalho que Antunes se coloca em reflexão rígida, tentando demonstrar o trabalho como centro da sociabilização na contemporaneidade. O pesquisador traz a subordinação do valor de uso e de troca, o que engendra a percepção das necessidades subjugadas à acumulação do capital. Segundo ele, as crises, ainda nos anos 70, se apresentam como crises estruturantes do capitalismo e repercutem tanto em uma desregulação dos padrões de acumulação, como também na dinâmica e na expansão liberal dos capitais financeiros.

As novas fórmulas de dominação científica e tecnológica ocasionam, ao contrário daquilo que Gorz⁴¹ sonhou, no trabalho precário, no aumento da jornada de trabalho, no desemprego, bem como na destruição massiva da natureza. Para Antunes, se trata de uma forma de reificar a acumulação, e se configura em uma dialética que reestrutura a operacionalização do capital para que este siga em funcionamento. Ao trazer fenômenos como o dos operários fordistas dos anos 1970, ele procura desenrolar a lógica embrenhada do capital tanto na economia quanto na política, cujo confronto com o mundo do trabalho ainda não foi abandonado.

41 Cf. GORZ, André. **Adeus ao proletariado**: para além do socialismo. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

Antunes⁴² reafirma que as características do trabalhador, mesmo que sob outras nomenclaturas, permaneceu no mesmo lugar de pauperismo. Seja de renda, de acesso, de lugar e finalmente de existência. O ponto alto, novamente, depois de mais de 200 anos, é a confirmação de como a aniquilação por uma força criadora não apenas se manteve, mas foi mais e mais intensificada. E como ela foi caracterizando-se em certos nichos de pessoas, elas têm cor, têm gênero, têm classe e até localização demográfica. As pessoas que sofrem de forma mais intensificada as mazelas do capital são também aquelas que portam mais desvalores, segundo o capital. E os desvalores são convertidos, como antes visto, em valorações de si cada vez mais depreciativas.

Ainda é impossível obter o denominador comum do trajeto até aqui percorrido, contudo ele se apresenta como necessidade de contribuição à pesquisa que tem como foco o trabalho, o que direcionou vertiginosamente a uma necessidade de teoria do sujeito – afinal a ação é o trabalho e a execução é par desse ser. Ao final deste capítulo, o que se assume como hipótese é que essa ligação aponta para uma crítica veemente aos modos de produção do trabalho e, por conseguinte, do ser.

Neste sentido, para trabalhar as reflexões marxianas, autores contemporâneos como Antunes e Gorz serão auxiliares no processo de análise literária que o capítulo seguinte empenhar-se-á em realizar.

Há, por último, a ação deliberada de analisar o romance de Ana Paula Maia, *De gados e homens*, a partir de um espelhamento do trabalho realizado por Günther Anders⁴³. Em *Kafka: pró e contra*, o autor executa um método de análise a partir de referências marxianas vistas através de uma óptica muito própria nos textos narrativos. O filósofo, por meio da literatura, assim como aqui, busca colocar em foco uma possibilidade de pensar as personagens e as histórias como sintoma moderno, muito atreladas a práticas, exercícios e ofícios. Graças a essa ajuda, o texto de Maia tornou-se mais iluminado enquanto crítica contemporânea dessa condição humana.

42 Cf. ANTUNES, Ricardo. **Os sentidos do trabalho**: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. São Paulo: Boitempo, 200

43 ANDERS, Günther. **Kafka**: pró & contra. Os autos do processo. 2 ed. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

II. O TRABALHO DO MACACO MODERNO

*“Vem que tá na hora, não enrola, não demora
Para não ficar de fora da fila do sacrifício
O trem vai rumo ao precipício
Estamos no vagão, somos a carga
Amarga tristeza de boi
Ruminando aquilo que era
Pra ter sido e não foi
Reféns da mesma trama
O drama da humana manada
A vida é isso camarada?”
(O drama da manada humana – El Efecto)*

O primeiro capítulo desta dissertação foi a tentativa de construir uma espécie de esqueleto teórico, desses com pernas e braços, que pudesse assim formatar um corpo de homem. E esse corpo foi estruturado de modo que pudesse fazer pensar: o homem em si e sua relação com o trabalho, ou o inverso, o trabalho enlaçado com um certo homem. Ambas as relações exercem uma força muito pujante no homem, na sua formação, no seu manter-se vivo. O trajeto que o trabalho, bem como aquele que o homem percorreu, até estar aqui neste tempo-espço realocam expectativas e conclusões de onde se pode ir. Aqui, então, será trazida a nossa outra parte da moeda. Diante da elaboração teórica do primeiro capítulo, o elemento complementar precisa ser trazido à tona e, por se tratar de um estudo no âmbito da literatura, o momento conclama que o protagonista venha à cena: o texto literário.

A necessidade de falar, como já apresentada, não deriva apenas como uma vontade individual, mas de uma questão, digamos, comunitária – coletiva, suscitada pela escrita de Ana Paula Maia. O trabalho, como parte da vida cotidiana e comum [no sentido mais amplo e arcaico do termo – aquilo que é partilhado por todos] aos homens têm, por esses mesmos motivos, seguido como um fantasma no sentido das discussões e reflexões de problemáticas da ordem social. Por vezes, passa como um pano de fundo sujo, velho e desgastado, quase um trapo visto a distância, o que prejudica fazer pensar sobre.

Neste sentido, a literatura de Maia cabe, pois ela retoma algo tão essencial e ao mesmo tempo tão difuso que chega a parecer o ar que se respira. Necessário à vida, mas demasiado invisível aos olhos, que eventualmente parece nem mais estar lá. Ele é a obviedade e essa se despercebe por ser tão natural e constante. Por isso, tomo como prioridade recolocá-la em um lugar visível, sob um espectro reflexivo caro para

pensarmos a existência no trabalho e seus desmembramentos. O *trabalho* como categoria pode ser um auxiliador de uma amplitude de problemas ainda tão sem resposta, o que o torna imprescindível para se pensar a vida moderna. Todavia, para que isso tome sua devida importância faremos isso de modo mais espirituoso, um elemento, uma instituição, um modo que gire a roleta. Um *desloucar*⁴⁴, transgredir o uso banal das coisas, tirar das posições fixas e observar num piscar de olhos uma nuances do diferente, um sopro anormal que denota uma outra coisa, mesmo que por um milésimo de segundo – mas há somente um instrumento útil a esse uso disforme e que favorece esse breve desvio: essa é nossa moderna literatura, que por sua singularidade, parece ser ela, a detentora e quem nos permite junto a si de fazê-lo, ou percebê-lo.

2.1 O tempo passa e a reificação acontece

Cremador de corpos, abatedor de porcos, mineiro de carvão, atordoador de bois, coletor de lixo, capataz de matadouro, limpador de fossa, operador de britadeira: esses são trabalhos que delimitam a cerca da boiada que habita o universo de Maia. Todas elas sempre resguardadas por um lugar de duplicidade, uma urgência de execução. Existem fatores no modo de organizar a comunidade, urbana principalmente, que são primárias, pois elas carregam em si contradições e sentimentos não querem ser demonstrados. E a outra parte é a exclusão gerada pela lida com essas primazias da sociedade [dejetos], a qual gera nos executores e na tarefa em si uma questão de vulnerabilidade frente ao outros. O ato de obscurecer, deixar escondido tudo que possa se relacionar com o que sobra/excede, aquilo que não se quer mais [fruto de uma famigerada necessidade do mais e mais] do dia a dia de uns vai se tornar objeto de trabalho de outros.

No ambiente criado em todos, absolutamente todos os livros da autora, há essa constância – uma violência, um trabalho malfadado e um sofrimento. As personagens usam desses elementos e isso resulta em entendimentos sobre eles, como irão ser construídos e poderão ser observados. Os resultados dessa observação são um fator que se repete na fortuna crítica de Ana Paula Maia, qual seja, uma insistência em apontá-los como “embrutecidos que não fazem questionamentos sobre a brutalidade em que vivem”. Ou mesmo uma recorrente caracterização de literatura da autora como naturalista, outras

44 ANDERS, Günther. **Kafka**: pró & contra. Os autos do processo. 2 ed. São Paulo: Cosac Naify, 2007. Conferir mais usos do termo *desloucar* na literatura kafkiana.

como neorrealista, o que efetivamente nega à obra muitas outras maneiras de aproximação. Vertendo sobre aquele mundo produzido literariamente como algo de ordinário, são enquadramentos que parecem montar uma tentativa de se agarrar a algo conhecido, estipulado e, portanto, impeditivo de uma certa novidade. Quiçá devido ao choque, o leve incômodo, os sentidos de estranheza produzidos pelas histórias façam brotar tão precocemente essas respostas. E delas surge também uma fuligem, a qual anuvia a visão e que faz espaçar o que talvez seja essencialmente importante de ser notado.

O exercício que foi intentado aqui é obviamente apenas uma dessas possibilidades, de modo que as chaves de leitura foram sendo formadas a partir dos horizontes que o leitor que vos fala detém, adota e dialoga. A tomada de percepção que os textos de Ana Paula Maia permitiram, neste pensar sobre o *trabalho* na e da modernidade, foram apenas se acumulando e reforçando como crítica deste evento tão de seu próprio tempo. Deste modo, posso pensar a categoria *trabalho*, junto aos textos da autora contemporânea, acreditando que os objetos sob as vistas analíticas têm uma pulsação muito particular. São os textos a demandar as ferramentas para serem entendidos, quer dizer, é o objeto que nos conduz – não o inverso. Para entender a complexidade que a categoria porta e incumbe ao ser como tal, num aqui e num agora

Deste modo, faz-se necessário aproveitar do jogo que a completude do Outro proporciona em relação ao eu. Ou melhor, que somente o Outro pode doar ao eu. É no amplo universo de funções possíveis que a literatura exerce o seu fazer pensar o Eu como parte do Outro, ou o Outro como parte de Mim. Eis que surge o lugar interpretativo de Edgar Wilson, enquanto algo dúbio. Edgar é um ser único e individual, mas não só.

Parece ser pulsante a partir do olhar que aqui se propõe: é a função que ele tem não como outro para além de um si, quer dizer, a primeira impressão que os livros criam é sobre um Eu [que lê] e um outro [quem é lido], gerando uma distância consideravelmente grande entre esses seres. Nossa personagem porta distinções e nuances, mas o que lhe acresce força como agente de centralidade no romance é sua abrangência, o sentido universal que toma seu indivíduo. Tomá-lo apenas como mais um trabalhador de serviços de ordem desqualificada, moldado pelo meio, impedido por uma lógica e pela estruturação social excludente é apenas sentir o conhecido, o permitido de ser visto.

Observar por este caminho pode forçar um equívoco, percebê-lo pelo caminho permitido, pelo caminho já traçado que por essas razões não faz acrescentar qualquer novidade. O que somente pode fazer com que o tom universal que essa literatura parece

portar seja soterrado. Universal porque cresce o sentido de comum [aquilo que todos partilham] ao ser ali representado, certamente por carregar algo que é de todos, e esse é o lugar onde a categoria trabalho atua.

Em outras palavras, o salto que a autora traz como particular à sua obra é efetivamente operar no específico/particular/individual, para chegar no abrangente/público/coletivo – usando do mais *baixo* grupo de trabalho para incluir todo e qualquer ser em sua operação. Logo, o que quer ser expresso aqui é a história que, contada repetidamente, serve [é] para todo e qualquer bicho humano existente na órbita da terra. Restituindo a importância e a força que o Outro transmite à reflexão do humano. Dada a especificidade que é esse lugar de usos e sentidos, a literatura, cuja permissão deriva de um deixar-se preencher, torna essa uma abertura à potência.

Neste sentido, há obras nas quais esse caráter está bem marcado, esse potencial de resiliência, ao tempo e as leituras, e podem denotar o que acima foi referido. Remonta-se essa ideia a partir de uma crônica clariciana, cujo valor parece recair neste mesmo ponto, o que auxilia nessa hipótese. A autora tem contato com a notícia da morte de Mineirinho, um procurado que é morto pela polícia. O modo como é construída a narrativa poderia ser visto como ato de tradução que explicita melhor essa ideia filosófica do Eu e do Outro. É um intento literário de uma mesma problemática, quando em *Mineirinho*⁴⁵ a autora conta o episódio de morte deste então facínora, assassino, bandido – um marginal. Demonstrando assim as reflexões e as sensações que esta morte causaram a Lispector, particularmente, essa parece ser uma tentativa de “colocar-se em jogo, em risco” e, por isso de algum modo, dar forma a uma tradução, até mesmo desconstrução de suas sensações, em que ela [eu] remonta com a morte de um outro [ele] distante e condenável:

está é a lei. Mas há alguma coisa que, se me faz ouvir o primeiro e o segundo tiro com um alívio de segurança, no terceiro me deixa alerta, no quarto desassossegada, o quinto e o sexto me cobrem de vergonha, o sétimo e o oitavo eu ouço com o coração batendo de horror, no nono e no décimo espanto o nome de Deus, no décimo segundo chamo meu irmão. O décimo terceiro tiro me assassina – **porque eu sou o outro. Porque eu quero ser o outro**⁴⁶.

Interessante é que assim como em *De gados e homens*, Clarice aponta para um ser que está em exclusão com o meio e, portanto, seu desaparecimento (qualquer que fosse: encarceramento, ocultamento ou mesmo a morte) seria denotado socialmente como resolução. Boas resoluções para a vida comum, quer dizer, controle e manutenção que serve aos cidadãos médios, cumpridores da ordem. E que por outro lado, evidenciam

45 LISPECTOR, Clarice. **Todos os contos**: Clarice Lispector. Rio de Janeiro: Rocco, 2016.

46 Id. p. 386-387. (grifo nosso)

a distância e argumentam em favor de um porquê [não] identificar-se com esse Outro, ele é a oposição, o mal, algo que fere o estatuto de boa vivência moderna. Enquanto isso, Lispector usa essa lógica do avesso, ela quer se identificar, se encontrar, até mesmo ser um outro por mais que não seja possível. E, ainda, esse conflito é em primeira instância sobre aceitação absoluta, um encarnar no outro mesmo que isso permita qualquer inesperada ação como fim. Não se trata de tolerância, é algo bem maior que transporta também para um ato formativo do novo, do desconhecido.

A função aqui apreendida é de um exercício que esse Outro permite ao Eu, permite entender uma condição universalizante que a literatura pode e permite tomar. Esses elementos estão ligados de maneira indissociável, têm necessidade um do outro, porque só puderam ser dois por terem sido um [uno] antes de sua quebra. E, por isso, situam-se em lugar de desentendimento. Incurrendo no óbvio, é recorrente nas obras que resistem as leituras através dos tempos, sem perder sua valia, encontrar essa fagulha, um carreador desta coisa ampla e compartilhável. Não estranhamente que essa característica é chamada universalidade.

Acredita-se aqui que o elemento que está sendo chamado de universal é passível de interesse pela atitude complementar na direção do tema proposto como estudo. Posto à luz pela carga abrangente que o *trabalho* tomou na vida comum, o elemento de universalidade acaba por conferir uma característica temática em *De gados e homens*. Na medida em que se aloca sob a nuance relacional, há ensejos que otimizam uma visão do *trabalho* em exercício novamente reforçado como ponto comum, feito uma camisa de tamanho moldável ao corpo que é enroupado, marco zero dessa coisa.

Neste sentido, o romance se dispõe como luva para a mão que se atreve a vesti-la, compartilhando assim as problemáticas não para um Outro que lê, mas para um Eu que atue, ou neste caso jogue os papéis ali dispostos na história, para que qualquer um seja um Edgar Wilson. Essa atitude recoloca para a comunidade, divide e reforça, uma responsabilidade sobre o que ali é vivido e transmitido. Os esforços de colocar uma realidade sob uma nuance extrema não servem para apontar um risco imanente de chegar, deveria amedrontar por carregar uma temporalidade muito próxima, quase uma presentificação. Um ali, um agora, que direcionam exatamente a visão ao grito de socorro que a coisa transmite. Como um chamamento a cada Eu [voltado sempre para um si] e de costas para um ele, mas afinal não seria um equívoco pensá-los como em seus lugares? *Os deslucamentos são exatamente a possibilidade de mudar as posições.*

Em outro lado, Gorz determina seu *trabalho* de maneira distinta ao que foi realizado no primeiro capítulo, quando Marx faz todo um trajeto para recolocar um sentido mais amplo que o moderno no termo. O filósofo austro-francês⁴⁷ utiliza uma explicação para designar os sentidos da categoria para si, e sobre os pontos que a conformam a partir do que elenca, ele relembra que a palavra deu origem ao termo trabalho, em latim *tripalium* – tri (três) palus (paus), instrumento romano que era acionado para a tortura de escravos. Ao fazê-lo, não ao acaso, direciona o que o trabalho⁴⁸ moderno carrega como significado mais profundo àqueles que partilham dele, logo, a totalidade de pessoas existentes na face do globo. Desde o maior empreendedor até o puxador de riquixás sofrem com as conformações e os reflexos de uma sociedade baseada no trabalho, recaindo sobre todas as cabeças. Ele é quem conduz a *vida*, ou para usar a indicação do filósofo, tortura a vida.

Assim, uma vida de tortura é o que recorre no universo maiesco, isto é, as histórias que são contadas no transcorrer de cinco livros aparecem como histórias de trabalho, ou de gente que vive do trabalho. A saga que se acompanha, apesar de ressaltar o trabalho, a função, conta sempre o percurso de um certo homem, o qual perpassa por todos os livros como um fantasma que porta um mau agouro. Edgar Wilson, por vezes mineiro, em outras abatedor de porcos ou mesmo atordoado de ruminantes, ou ainda coletor de corpos de animais, é essa personagem, nossa referência, nossa centralidade. É dele que os afluentes rios de sangue surgem.

Um embaraço tem sido percebido no que envolve esse primeiro olhar, quando Edgar Wilson é enfoque. Há um choque corrente, o qual pode levar a pensamentos como “por que os homens desse universo se apazíguam dentro dos limites de suas torturas?” Ou, ainda, “o que os refreia de questionar isso que lhes atravessa tão sofridamente?” Essas perguntas giram em torno de atitude que é a reserva de uma posição crítica às atitudes do outro, ela passa a problema que é vertido sempre e somente nele [OUTRO], e a linha invisível da universalidade parece se perder novamente.

Na bolha chamada trabalho moderno, parecem ocorrer dois movimentos sob um mesmo elemento: um é o de partilha [por todos] dos frutos e condições que a tortura exerce e o seguinte é o elemento de negação do primeiro, o qual é deitado sobre o outro, quer dizer, há uma repulsão da categoria como receptora do humano – de modo que ela

47 GORZ, André. **Adeus ao proletariado**: para além do socialismo. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982, p. 10.

48 A partir deste ponto o trabalho moderno pode ser referido como sinônimo corrente e usual ao termo tortura.

serve a um grupo mais específico de seres que sempre excluí o eu – um a gente. Contudo e mesmo que, por vontade inconsciente, possam ser encontrados votos de reafirmação de vida no e para o trabalho. E de que maneira isso é possível de ser pensado? Esse estigma é o broche que qualquer um empregado ou não carrega, visto que renova os laços, contratos com o mundo do trabalho:

como especialista de uma produção particular, não tinha interesse nem vocação para exercer sua soberania para além do campo de seu ofício. Este lhe conferia uma identidade e um lugar próprios na sociedade. Tinha interesse em defender esse lugar, e, se, possível, em melhorá-lo, mas não em colocar em questão radicalmente a sociedade como um todo e em buscar reconstruí-la sobre novas bases⁴⁹.

A tortura não trata, novamente, dos outros, ela é fruto venenoso de uma escolha, quando reafirmada, cega e inconsciente de todos. Ela é a opção pelo trabalho, enquanto forma total de vida que só acompanhada de pequenos artifícios pode ser suportada, percebida menos pesada devido a tantas marteladas.

Os processos de subjetivação que o trabalho acarreta no ser do trabalho são maneiras inúmeras de reafirmar a tortura, há uma relação de algoz e vítima que não consegue e não quer se desamarrar. Lembra como “soberano enquanto produtor, alienado como proprietário e comerciante, o artesão tinha, por conseguinte, um interesse particular limitado: o de assegurar à sua produção do valor de troca máximo estável”⁵⁰. As ferramentas que auxiliam supostas modificações na vida e no agenciamento dos ofícios não conseguem impedir as apropriações sistêmicas [do capital] que esse movimento interno ao trabalho poderia fazer.

Alimentando maneiras de sair da roda torturante, aponta para meios radicalizados de fazê-lo. Somente pode haver eficácia por meio de desconstruções e implosões do trabalho, não há meios de reformulação, ou aspectos reestruturantes que sejam passíveis de efeito. Os acessos diferenciados tentados ontem e hoje às atividades obreiras não conseguem desobstruir os encanamentos e engrenagens humanas em mau funcionamento por dentro. Assim, a partir de Gorz sabe-se que “não se é jamais livre *enquanto* indivíduo de classe, mas *nos limites* de um ser de classe que é realizado necessariamente até mesmo nas tentativas de sair desses limites”⁵¹.

O despertar para obra narrativa que recolocou, ao meu ver, o *trabalho* sob o foco de uma lente foi *De gados e homens*. O quinto romance da autora, lançado em 2013, pela

49 GORZ, André. **Adeus ao proletariado**: para além do socialismo. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982, p. 35.

50 Id. p. 47.

51 Id. p. 47.

Record, o qual integra juntamente com *Carvão animal* e *Entre rinhas de cachorros e porcos abatidos* a trilogia intitulada *A saga dos brutos*. Assim, cachorros e porcos dão lugar a homens e bois e, com pelos, gritos e mugidos, o romance nos conduz, retratando suas vidas e as relações que estabelecem em um lugar restrito, cheio de significados e de crueza.

O cenário em que se situa o romance traz consigo a vida de trabalhadores de um abatedouro de ruminantes, circulando pelos corredores do lugar construído pela modernidade para matança de seres, abstraídos de seu sentido e tornados objetos da alienação da indústria de alimentos. Estes seres passaram a mero objeto alimentício, manejados de maneira partida, escondida, foram distanciados dos processos que aquele que executava tinha objetivamente que lidar – morte, limpeza, pelagem, carnear e armazenamento – tudo feito de maneira rústica e derivado de uma transmissão familiar de conhecimento. Agora o que resta é o lugar de morte, onde os olhos de quem comerá ao final dessa linha o produto fabuloso não pode mais lidar com o processo e tomar sua responsabilidade no que quer que ele signifique. Este sítio dos horrores é onde se passa quase completamente a narrativa. São os homens e o gado postos lado a lado a cada passo que se dá em direção à história que é contada.

O matadouro é, além de ambiente de trabalho, a casa de ambas espécies que ali circulam. E, mais de perto, pelos olhos e os pensamentos de Edgar Wilson, quem transita entre os livros de Ana Paula Maia, é que se pode ser levado através da saga. Esse homem começa um novo trabalho em um matadouro de gado. E para aprender sobre a história desse homem, o leitor vai ficando, a cada passagem, mais próximo do trabalho que ele realiza. Deixando mais claro que esse não é o primeiro trabalho deste gênero em sua vida e, o que confere uma característica recorrente, a violência, nos serviços que ele já exerceu.

Homem forte, por vezes visto como brutamontes, ele ocupa a posição de atordoador na empresa e que, apesar da função especializada, serve constantemente ao patrão como uma espécie de faz-tudo dentro do abatedouro. Os passos que Edgar Wilson dá ao longo da história não parecem ir muito distantes do perímetro do matadouro, como quem é criado sob um cabresto invisível.

Entre as muitas horas de trabalho e pequenos artifícios para distração é que os companheiros também são apresentados, todos com peculiaridades muito próprias e ao mesmo tempo portadores de uma feição atípica, a qual não se enquadra na imagem corrente de homem. Carregam uma rudeza que à primeira vista causa um estranhamento,

uma inquietação, o que pode impedir que sejam colocados em um grupo comum de pessoas – dando lugar a olhares preconceituosos e pejorativos.

A narração da saga, ainda na primeira página, dá ao romance o tom de voz dúbio, que irá acompanhá-lo como uma sombra, quando aponta:

Edgar Wilson está apoiado no batente da porta do seu patrão, o fazendeiro Milo, que conclui um telefonema aos berros, já que desde cedo aprendeu a berrar, quando solto no pasto, ainda bem menino, disputava com o bezerro a teta da vaca⁵².

É estabelecido desde muito cedo onde e como estão postas as formas de existência, de paridade e da suposta diferença que os seres podem ter dentro do espectro trazido a nós. O chefe, patrão, dono e proprietário é igualado sem reserva ao bezerro, mas o que isso poderia significar dentro de modelos que foram constituídos através de forçadas marcações da diferença para diminuir do outro? O esforço de separação e de superioridade passou a ser chave para entendimento das coisas e do outro [que é o si] na modernidade.

A criança aqui [como entidade, para além de um indivíduo] foi mal formatada ou será ela portadora de um resquício do elo com a natureza? Em termos de epigenética, talvez sejamos portadores de uma lembrança que tende a colocar-nos em um lugar intranatureza, em sintonia, uma parte como tantas outras. E, ao mesmo tempo, se for tomado o tempo mais recente em que o comportamento mental com o tempo longínquo lê a natureza como força de separação atroz e pulsante. De modo que ao nos tocar, ao pôr-se em contato, recebe a informação como disputa com outros seres. Parece que as duas partes disputam, mas não se excluem, permanecem lá, lado a lado, esperando incansavelmente por algo.

A relação entre o homem e o trabalho que ele exerce além de antiga, acontece na vida do homem também de maneira muito tenra, as crianças tomam com uma seriedade impressionante algo que se não é, está muito próximo de um paralelo do trabalho, chamado hoje de brincadeira. O exercício de algo que coloca um ser em relações com elementos externos, produzindo sentidos, outros tantos objetos poderiam ser a descrição dos verbos brincar, assim como trabalhar.

Parte-se então de trabalhos peculiares colocados um a um de maneira a denotar sua singularidade e com assombro mostrados na sua semelhança, as dores que eles exercem no outro e no eu. São funções de criador de gado, que se mostra tão

52 MAIA, Ana Paula. **De gados e homens**. Rio de Janeiro: Record, 2013, p. 9.

desposuído quando o restante. Capataz, se encontrou nesse sítio por absoluta necessidade. Trabalhador de mina, que explode ou abatedor de bois que tem como sonho abater outros animais, porcos. Poderia ser excêntrico não fosse desagradável.

Esses são lugares de percepção da brutalidade, pode-se notar que os trabalhos feitos por esses homens começam a somatizar em seus corpos algo estranho. Se fosse possível percorrer o caminho desses agentes, notar-se-iam os indícios de violência, brutalidade, dessensibilização deixados junto às suas pegadas. No momento em que as personagens se exercitam, passando por esses elementos, elas também acabam tornando-se agentes na brutalização dos corpos dos outros, [a morte, a sujeição, a tortura] e ao mesmo tempo isso é devolvido em [seus] corpos. Quer dizer, se o exercício é embrutecido ele aciona uma engrenagem que pratica um *continuum* pleno de brutalidade no sentido de quem o executa, como um pêndulo, e, portanto, há uma violência inerente entre o exercício e o executor. Assim, o ato de violência, contido no e do trabalho, aplica uma ação violenta de retorno nesse trabalhador constantemente.

O criador de gado, o capataz, o abatedor de bois que deseja abater outro animal, começam a tomar ares de estranhamento nesta narrativa. Estes seres demonstram um contentamento com o cotidiano, onde os sonhos possuem projeção para longe de uma ambição costumeira [ser médico, ser um juiz, um físico, um diplomata, mesmo um professor, um outro que não ele mesmo]. O sonho se limita aqui a seu próprio universo, com todas as lamúrias e problemáticas de se encontrar neste lado da ponte⁵³. As demais funções nem de perto são almejadas, ainda que já se saiba que o trabalho em si é o deformador do ser e que, portanto, num plano em que a ilusão se desenvolve, não haveria qualquer hierarquia entre eles por ser ela tortura impelida a todos – não há nuances de sobreposição em cargos ou ofícios. Eles somente podem carregar prejuízos e diferenças negativizantes, pois se baseiam em uma sociedade que se alimenta da competitividade estimulada, para justificar as desigualdades estruturadas e fomentadas.

53 Não há nesta hipótese, contudo, a pretensão de reafirmar que as funções exercidas nos romances estão sob uma tensão hierárquica, apesar desta ser a posição instituída socialmente. Em que o prestígio atribuí em alguma escala um sobrevalor ligado aos ofícios de autoridade. Discorda-se em absoluto desse lustroso e desigual fruto moderno que se alimenta e reforça essa lógica – a competição.

2.2 A saga que desqualifica o ser da potencialidade

Na novela *O trabalho sujo dos outros*⁵⁴, há uma passagem notadamente peculiar. Erasmo Wagner está pensando, em meio ao caos da greve dos lixeiros, como seu trabalho é importante para a manutenção da ordem urbana, tanto para os ratos e urubus quanto àqueles que detestam o cheiro de azedo de seu próprio resíduo. A profissão se torna urgente na contemporaneidade tanto pelos seus riscos quanto pela relevância – quando a estruturação da pólis passou a comportar um número cada vez maior de cabeças, maior era a necessidade de dar conta de sua incompatibilidade da vida no formigueiro. A cidade carrega essa contradição do ser e estar juntos, mas separados, há necessidade de escoar a sujeira, o excesso e/ou algo que possa denunciar como a ordem se faz pelo caos, pela tragédia e violência. Mas esta contradição, como localiza Erasmo, somente é vista por alguns.

“Mas o trabalho que exercem é bem mais perigoso, assim como é grande a frequência de acidentes”. Lá o perigo é assinalado pela omissão institucional que os resíduos sociais sofrem, sofre o lixo e sofre o lixeiro. “O sujeito que vive do lixo, que está tão perto dele, não soa importante”⁵⁵. Em uma relação extremamente violenta, delegada a uma classe de seres a qual não compete julgamento ao serviço que realizam, onde o resíduo gerado não sofre manuseio adequado em qualquer parte do seu processamento, o indivíduo sabe de sua necessidade ao ofício e sabe, sobretudo, da desqualificação que é estar nesta posição. Todos os dias, por todas as classes e instituições, em países como o Brasil⁵⁶, é gerado todo tipo de excesso residual hospitalar, químico, radioativo, industrial, comercial levados para os mesmos lugares sem a atenção e cuidado efetivo que requerem, o que confere a quem manuseia os resíduos um perigo e um descuido pela própria maneira de lidar, não só no descarte, com o que é tornado lixo.

As seringas, os natimortos, todo tipo de excremento são parte constante da vida no trabalho dessas pessoas. Assim como a matança das instituições de morte, alude-se aqui para o descuido do Estado com quem exerce essas funções, que como na novela, se

54 MAIA, Ana Paula. **Entre rinhas de cachorros e porcos abatidos**. Rio de Janeiro: Record, 2009.

55 Id. p. 77.

56 Segundo dados do Sistema Nacional de Informações sobre Saneamento (SNIS), diariamente o país produz 255 toneladas de resíduos. Somente a cidade de São Paulo produz 19,3 mil toneladas por dia; dentre os dados, apontou-se que só 3,1% do lixo gerado no país naquele ano foi destinado à coleta seletiva e que apenas 1,5% dos resíduos domiciliares e públicos foram recuperados para fins de tratamento efetivos dos resíduos. Disponível em: <<http://www.snis.gov.br/diagnostico-residuos-solidos/diagnostico-rs-2017>>. Acesso em: 12 out. 2019.

interrompidas por um breve momento geram o caos urbano instantâneo – pois carregam nas costas o peso indivisível de ter que manter a solução posta aos restos de todos. Bem intitulada *O trabalho sujo dos outros*, o nome da novela já remonta à atribuição coletiva do problema para um grupo. De modo que se enraízam violências dadas pela sobrecarga de lidar com uma indivisão do trabalho, quer dizer, em algum ponto da organização espacial da cidade moderna se protocolou que certas tarefas de responsabilidade coletiva seriam designadas a grupos muito restritos. Segundo Illich⁵⁷, o esvaziamento das tarefas primárias na vida dos homens e mulheres contemporâneos é parte do programa que recoloca a necessidade e primordialidade existencial no trabalho esvaziado de necessidade e utilidade individual. Enquanto isso, os outros usos para o estabelecimento e seguimento da vida deixam de ser responsabilidade do homem trabalhador [não no sentido restrito do termo, mas aquele que exerça função, quer dizer, qualquer um].

Deste esvaziar somente pode brotar maus usos das relações e do que essa fase alienante permite na subjetivação dos seres. Ao mesmo tempo em que a divisão do trabalho permitiria mais tempo e disposição mais justa ao organizar o formigueiro humano, ela mesma, como está posta, impossibilita qualquer relação de responsabilidade, tomada de decisão, exercício crítico e pensante sobre os empecilhos e dificuldades que são gerados cotidianamente. O que acontece passa a ser um ato repetido de avistar sempre uma enorme barreira, que impede a visão e quando acostuada a não mais ver fica impassível em como e quando pode atuar. Os problemas podem parecer, por ora, não visíveis ou elucubrações, mas isso também é fruto deste modo de vida amortizado, o qual começa a estabelecer outras prioridades, que obviamente se relacionam com demandas do capital, recolocando outras dificuldades impregnadas de individualismo e prioridades controversas, ou questionáveis do ponto de vista da razoabilidade.

São ressaltados, ao contar a história, os constantes encontros desse lixeiro com atos de violência, primeiramente, da entrega corriqueira, dos outros, de algo que, como produto, perdeu rapidamente seu valor e por isso torna-se detrito. Como excesso se tornou algo preenchido de repulsa, portanto descartável, alienável e desresponsabilizado de destino. Mas ao coletor é delegada duplamente uma lida com essa coisa violenta: atravessado pela necessidade monetária relativa a si e à manutenção de sua sobrevivência, e depois da responsabilidade coletiva depositada em um indivíduo, de um ofício nobre em sua repulsão. A necessidade notada e nobre que este trabalho tem para lógica urbana

57 Cf. ILLICH, Ivan. **La Convivialidad**, Morelos, México: Ocotepc, 1970.

alimenta uma impossibilidade de questionar a coisa, pois o ofício com todo seu descrédito e desprestígio se justifica em uma necessidade para a coletividade. Quando se passa a incumbir a terceiros toneladas de excesso geradas sem um porquê [mesmo que carregasse um, ainda seria possível levantar-se em questionamento frente aos meios e fins que o motivam], os compostos finalmente são depositados no colo de indivíduos que respondem isoladamente pelos problemas que possam ter ou “gerar” a partir desses infortúnios.

Esse uso do comum das coisas, reinvenção de um tomar como seu, é algo distante do imaginário compartilhado. Os imperativos aplicados têm em vista sempre propriedade privada como alvo, deixando ocupação com a coisa pública. O resultado é essa omissão em todos os campos da vida, que esfacelou a convicção e a possibilidade de intervir dos indivíduos.

O público foi relegado a item de segunda ordem, passando rapidamente a um desconhecido do homem moderno, perdendo, sobretudo, seu uso como recurso de intervenção. Neste sentido, Laval e Dardot⁵⁸ estabelecem em sua pesquisa uma busca pela constituição do conceito de *Comum*, esvaído de seu sentido primeiro e forçado a um sinônimo do banal. A partir daí, os filósofos propõem uma retomada do sentido, do qual se fundamenta e deriva a própria palavra comunismo – o comunitário –, e no qual a sobreposição capital do privado ao comum [partilhado] se reverta, sendo possível então apontar para as problemáticas notadas como indissolúveis ou irresolutas da modernidade.

Neste sentido, o que esfacelou a convicção e a possibilidade de intervir dos indivíduos deveria deixar de ocupar a centralidade, pois ele não habilita a qualquer ação frente à origem dos males. O problema apontado anteriormente, reforçado tanto por Arendt⁵⁹, Illitch⁶⁰, como por Laval e Dardot, ao que parece, se funda no mesmo, uma rachadura do processo total da vida em um processo desintegrado, consigo, com o outro e, finalmente, com o todo. Os fragmentos de realidade com que se tem contato no cotidiano não são lenha seca suficiente para o incêndio fundamental, fazendo seguir num marasmo rumo à colisão, cujas chances de retorno parecem remotas.

Ao mesmo tempo, Arendt situa a categoria violência⁶¹ como a falta do poder [democrático, da lei], que age *como o nascedouro da violência*. É na ausência de um que

58 Cf. DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **Comum**: ensaio sobre a revolução no século XXI, São Paulo: Boitempo, 2017. Os ensaios buscam exaustivamente lançar mão através do conceito de uma nova alternativa política.

59 Cf. ARENDT, Hannah. **A condição humana**, Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

60 Cf. ILLICH, Ivan. **La sociedad desescolarizada**, Morelos, México: Ocoatepec, 1978.

61 Cf. ARENDT, Hannah. **Sobre a violência**, 3 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

a manifestação do outro advém. Neste sentido, há uma marca da obrigação delegada a alguns sobre a lida com os resíduos da sociedade, o que gera violências dobradas no sentido de dizerem respeito à omissão institucional do Estado com essas pessoas, o qual não se arroga efetivamente o trato desses restos e, portanto, incumbe a tarefa a pessoas, carentes de dignidade e prestígio, seres invisíveis, de realizar esse trabalho. E isso se reforça na passagem final em *De gados e homens*: eles são homens maus, mas isso não se coloca como problema, porque o mundo precisa de homens como eles. A hipótese que se levanta então é a relação que se dá pelo trabalho, porque ela mesma é quem dita a forma com a qual esses humanos se põem em relação a outros semelhantes:

— É, abateu. Mas ele deixa o bicho acordado ainda. O boi sofre muito, Seu Milo. O Zeca não tem uma pegada boa não.
Milo olha a planilha de funcionários e suas respectivas funções. Pensa um pouco.
[...]
— Senhor, ele deixa o boi acordado.
— Você já disse isso, Edgar. O que eu posso fazer? Na degola ele vai morrer mesmo — responde Milo, alterado.
Edgar permanece imperturbável, com o olhar cinzento sobre o patrão⁶².

Do momento corrente que é esse ocupar-se da morte, parece tomar um tom de dessensibilização, banal ou cotidiana. O que independe da paridade que as personagens tenham com quem morre, seja um semelhante biológico ou afetivo, como pode ser notado, uma reação cujo fim é sempre percebido como sendo parte do trabalho. Com isso, as reações que, para um olhar externo, seriam de alucinar, tanto pelo seu horror intrínseco, como pela reação daqueles que fazem dela [morte], torna-se só parte de sua existência. Quando o colega brinca com o ato de atordoamento para morte para os bois, não é apenas sadismo contido em sua ação. Ele carrega também uma banalidade de um ato que lhe incumbe uma separação entre um si e uma parte sua anulada. Duro e repetido, o tom que a narrativa começa a evocar dentro e fora é exatamente esta descontração com eventos estranhos, sempre recolocados em um lugar de normalidade. Nada é anunciado como incomum, nada é sinalizado como alarmante ou pavoroso. Apenas transparece uma lógica não sentimental que, portanto, é destituída de força contrária. Algo horrorizante é colocado lado a lado com o confortável e o primeiro perde a disputa visto que o bem-estar instituído pela lógica pequeno-burguesa amortiza qualquer relação e se sobrepõe como aceitável, se não gera ultraje.

62 MAIA, Ana Paula. *De gados e homens*. Rio de Janeiro: Record, 2013, p. 10.

Por isso, Milo não consegue dar crédito a Edgar Wilson quando alertado da atitude do rapaz. A sucessão de acontecimentos no ambiente de trabalho, para e com ele, permite que apenas sua execução – o que desvie, desvirtue, possa deformar o processo final para chegada do produto, deve ser ignorado ou deixado para um depois, que nunca chega. A sequência da narrativa reitera o espantoso nestas situações, que por demasia normalizadas, não horrorizam, elas apenas são:

No boxe de atordoamento repara na quantidade excessiva de sangue e em pedaços de crânio esfacelado.
É hora do canto das cigarras. A noite se aproxima, envolvendo o firmamento e engolindo o crepúsculo. Algumas estrelas já apareceram. Edgar Wilson entra no banheiro do alojamento. Espera que reste apenas o Zeca no banho. Com a marreta, sua ferramenta de trabalho, acerta precisamente a fronte do rapaz, que cai no chão em espasmos violentos e geme baixinho. Edgar Wilson faz o sinal da cruz antes de suspender o corpo morto de Zeca e o enrolar num cobertor. Nenhuma gota de sangue foi derramada. Seu trabalho é limpo. No fundo do rio, com restos de sangue e vísceras de gado, é onde deixa o corpo de Zeca, que, com o fluxo das águas, assim como o rio, também seguirá para o mar⁶³.

A contrapartida dada pelo protagonista, à ação de Zeca, é repetição, quer dizer, a morte. Zeca se esvai da mesma maneira que os outros seres que ali foram abatidos, a escala de igualdade se instala, com a matança de ruminantes se dando com os mesmos artifícios uma matança humana – não há diferença na realização deste ato e, mais, não há vacilo no quando e como executar. Mesmo que se possa denotar certo sadismo na maneira com que Zeca lida com o atordoamento, ao tratar do ofício em que é empregado dentro deste estabelecimento, se maneja sempre uma mesma coisa: a morte.

Algo que precisa ser salientado é a faceta que o uso da marreta tem nas mãos de Edgar Wilson; é quase como se ela – a ferramenta – fosse uma extensão do seu corpo. É como se ele mesmo fosse a marreta. O exercício, o uso, vai conferindo-lhe a forma de marreta, como se esta fosse a própria forma da profissão.

Para parafrasear uma reflexão em que Anders reforça essa dessensibilização que, para ele, a literatura Kafkiana carrega e a partir de um reflexo comparativo a literatura de Maia parece repetir: “Se Maia deseja afirmar que o ‘natural’, trivial e ‘não espantoso’ de nosso mundo é a violência, então ela faz uma inversão: a violência não é espantosa”⁶⁴. O exercício que a autora parece refazer se aplica e obtém o mesmo efeito que Kafka – uma

63 MAIA, Ana Paula. **De gados e homens**. Rio de Janeiro: Record, 2013, p. 21.

64 ANDERS, Günther. **Kafka: pró & contra**. Os autos do processo. 2 ed. São Paulo: Cosac Naify, 2007. p. 22-23. No original: “Se Kafka deseja afirmar que o ‘natural’ e ‘não espantoso’ de nosso mundo é o pavoroso, então ele faz uma inversão: o pavor não é espantoso”.

permanente descontração, nulidade com o que haveria de ser a máxima daquilo que escandaliza.

É bastante interessante como a consequência se retira da normalidade [homem-médio], como o peso da lei, as lógicas compartilhadas socialmente, os limites religiosos, não têm peso nesses trabalhos, nas execuções. Visto que os resultados de um ofício parecem, todavia, ser apenas parte do trajeto, um meio traçado para chegar a um fim esperado.

No parágrafo que segue, ocorre a tentativa de clarificar a ideia, na qual a narração menciona a morte de Zeca e sucessivamente a passagem que diz: “Cumprido seu dever, ele vai para cozinha do alojamento e frita os hambúrgueres. Com os colegas comem toda a caixa, admirado”⁶⁵. Edgar segue para seus hábitos comuns, nada passa de hábito e exercício cotidianos. Essa constante lida com o objeto pode recolocá-lo em um lugar de dissociação, por fim, aliena a coisa do que ela pode ocupar no mundo – portador de um valor para além do monetário: “Assim, redondo e temperado, nem parece ter sido um boi”⁶⁶. O produto final desse processo parcial que esses trabalhadores aplicam, para dizer o óbvio, é o processo quebrado de seu ofício. O produto alienado do ator nada mais é que objeto distante e não compreensível para este, e, portanto, perde sua linha de retorno ao que é verdadeiramente: boi.

É dessa isenção de peso do processo constante de morte, da qual a nulidade faz parte, que a permissão do sentir não é deixada às pessoas no ato. Acredita-se na retirada da esfera do estranhamento, da sensibilização como forma de criar funcionalidade e eficiência no exercício. Mas ainda assim, ela [a morte] é sua companheira constante, como pode a autora produzir tal efeito tanto em suas personagens, quanto em seu leitor? Talvez o entrave amortizante do processo seja também uma retirada, da esfera do comum, do processo de morte.

Para uma parcela massiva dos homens, a execução, antes do sacrifício que dá origem à carne [alimento], foi escondida, confinada a um sítio dos horrores, no qual se realiza o processo e não se partilha dos detalhes. Ela deixa de ser parte consciente da ação e, assim, é incumbida a algumas categorias de pessoas, que só podem reconhecer obliquamente o assombro de seu exercício; “não se pode vislumbrar o horror desmedido que há por trás de algo tão saboroso e delicado”⁶⁷. O que pode aparecer apenas como

65 MAIA, Ana Paula. **De gados e homens**. Rio de Janeiro: Record, 2013, p. 21.

66 Id. p. 21.

67 Id. p. 21.

faísca, não tem força de abrir o flanco desse ato de assombro porque atende a uma necessidade maior, e, portanto, se firma em uma justificativa:

Edgar vê, minutos depois, o rapaz, sorridente, seguir até o boxe de atordoamento ao sair da sala de Milo. Zeca é um garoto de dezoito anos, perturbado. Gosta de ver o animal sofrer. Gosta de matar. Se prepara para a tarefa quando Edgar entra no boxe e o adverte: — Zeca, coloca o boi pra dormir, entendeu? Não deixa o bicho sofrer⁶⁸.

O trecho acima poderia fazer pensar o que foi mencionado, mas também apontar para um elemento que incide no processo de necessidades e justificativas. O exercício incisivo e abstraído de sentido vai se tornando o si com ele [ação], de modo que, se o movimento carrega uma duplicidade, o que incide em um resvala no outro. Zeca é um garoto perturbado, porque é um agente de um ofício perturbador, o que foi sendo gerado de seu manejo na vida [não só neste sítio] deixa a possibilidade de fazer pensar a escassez. Quando você faz e refaz algo, isso passa a atuar como parte do que gira em seu sistema interno, como se fosse possível pensar em um sistema operacional para humanos. Se é a matança que atua e permeia o todo, por que ela seria entendida de outra forma que até agradável ou comum? Se ela é necessidade, ela é maior que um si, afinal é demanda de uma carência externa, ninguém corre para presenciar o boi se debatendo na degola ou quando lhe arrancam a pele, mas quase todos exercem papel importante no fim desta cadeia produtiva – ao comer o delicioso hambúrguer, reforçando um *já não importa mais o que ocorreu para chegar até aqui*.

Assim, o sistema se beneficia das carências e das necessidades que ele próprio criou. Precisar de trabalho, sujeitar-se a qualquer condição, perigos e regimes intensos e insalubres são a oferta irrecusável do capital, mesmo após as automatizações técnicas das fábricas. Há uma manutenção dos regimes e convencionalidades dessa vida:

- Quantas cabeças você abate por dia?
- Depende do lote. Às vezes sessenta, noventa. Já cheguei a abater cento e setenta cabeças num dia. No fim da noite eu não sentia mais o meu braço.
- Gosta do seu trabalho lá no matadouro?
- Gosto. Às vezes não quero lidar tanto assim com o sangue, com a morte, mas... é o que faço⁶⁹.

Parece estranho reconhecer que alguém possa ter apreço por uma atividade tão truculenta e baseada em limitações da vida. Mas a contradição constante na literatura de

⁶⁸ Id. p. 12.

⁶⁹ MAIA, Ana Paula. **De gados e homens**. Rio de Janeiro: Record, 2013, p. 16.

Maia somente leva ao extremo essa relação. Olhar para a existência, limitada a poderes, instituições, obrigações e deveres, com seriedade constante para notá-la como algo que metaforicamente ou não, só poderia ser assemelhado por um moedor de carne, transmite angústia e mal-estar. Ao mesmo tempo, parece difícil acordar que a vida, bruta e dura, segundo essa descrição, possa ser percebida como aquela do homem. Isto é, notoriamente catastrófica é a vivência permitida e é assim remontada nessas histórias, literárias ou não. Contudo, tomar isso como parte da realidade, ou mais grave da sua própria realidade. Não à toa os modos de existir do capital foram forjando maneiras de contornar a irrupção que se tornar consciente disso poderia derivar.

Assim, a resistência criada ao redor da vida, tal como ela é, foi sendo constituída por muros invisíveis ou normas para sempre postergar um porvir que se relaciona intimamente com uma vontade pequeno-burguesa de distanciar-se de uma realidade. Neste sentido, o trecho no qual Edgar Wilson conta sobre a sua rotina diária remonta ao que Gorz menciona como votos que fazemos com o mundo do trabalho, ainda que possa ser visto de fora como razões esvaziadas de razoabilidade.

Se for possível considerar a crítica reducionista dessa vida interna ao romance, somente como aquela eleita e culpável, se poderia insistir em erros, como limitar a escrita maiesca a um trilho que ruma no sentido de colisão, de catástrofe ou de desalento. Ou ainda apontar dedos que culpabilizam os indivíduos que sofrem sequelas da mão obscura que paira sobre as cabeças. Quer-se dizer com isso que as situações tais quais as conhecemos derivam de um massacre profundo e constante dos seres, e não apenas do viver fraturado causado pelo trabalho.

Mas vive-se também a partir de novas ferramentas e mais formas de redução do ser. Foucault demonstra como os intentos da disciplinarização e do controle tiveram papel de forjar essas incisões no trabalhador humano, levando não só ao exercício obrigativo da fábrica [qualquer sítio], mas também sob um vigiar constante. Em que a vigilância passa a contribuir para a formulação de um certo trabalhador. Para que a disciplina tivesse a “possibilidade [...] de multiplicar seus degraus, e de espalhá-los sobre toda a superfície a controlar”, [e que fosse tão eficiente a ponto de] “ser bastante discreta para não pesar como uma massa inerte sobre a atividade disciplinar e não ser freio ou obstáculo”⁷⁰, integrando-se a armadilha que é a disciplina de modo a torná-la funcional.

Através dessa arqueologia da vigilância, foi possível obter acesso a um controle tão absoluto dos corpos e mentes, com relação ao trabalho [mas não apenas], que no

70 FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**: nascimento do prisão. 38 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010, p. 166.

regime atual aquele que exerce um papel de vigília não precisa mais existir. A transmissão desses modelos é passada de pais para filhos. De outro lado, essas ferramentas colaboraram para uma não supressão do trabalho, dado o impacto de anulação e castração que ele incide no ser. Afinal, ele permanece exercendo funções de manutenção do poder, da subjetivação [objetivação] negativa imperando diretamente nos corpos.

É, portanto, a crença no mundo do e no trabalho que reitera nossa estada lá, e a vontade de permanecer e até sensação de apreço pelos ramos nascidos de lá. Imagine-se, Edgar Wilson sendo o melhor abatedor, o faz-tudo por onde passa, ainda assim sentindo dores, sofre das más condições e sobrecarga que lhe é imposta. Mas ele é Edgar Wilson, o anti-herói poderoso e destemido, não é um homem comum, mas sofre e, contudo, reforça um gostar do seu trabalho. “Gosto. Às vezes não quero lidar tanto assim com o sangue, com a morte, mas... é o que faço”⁷¹.

Para alguém que habita esse mundo, o apreço, essa necessidade que o homem moderno passou a ter de um *trabalho formal* relaciona-se com a habitualidade deste ofício. Para o personagem, ainda que haja uma gama de impositivos que lhe são insatisfatórios ou desconfortáveis, o gosto permanece trazendo algum deleite. Considerando é claro que a forma de vida aqui contida transita em um paradigma do trabalho, o gozo de ter algo preestabelecido parece ser reconhecido até na dor.

Em oposição, há aqueles para quem, por não habitar esse mundo, a realidade referida pode conformar um susto, um desconforto. Porque o hábito ali é caracterizado externamente como algo não habitual, portanto, algo inexistente que escapou ou foi tirado da visão comum. Percorrendo um caminho da exclusão ou marginalização.

Há de reparar que os atos de exclusão possuem paralelismo – um excluir-se [um eu que se exclui]; quando um indivíduo que não partilha das normas convencionadas sempre estará em um lugar excluído, vivendo um jogo de duplo entre ser colocado fora dos limites sociais e um colocar-se em exclusão.

Anders novamente nos ajuda com uma passagem, quando comenta *A construção*⁷² de Kafka. A peça conta a história de um ser que constrói uma espécie de toca, uma morada, na qual o buraco é a parte mais importante. Isso ocorre, afinal, pois é a partir dele que o sítio pode ser estabelecido, mas também porque o buraco [ou saída] é aquilo que o separa dos outros e lhe mantém em contato com a toca. O ser que ali reside parece viver sob uma tensão, a morada passa a tomar uma dedicação grandiosa desta vida.

71 MAIA, Ana Paula. **De gados e homens**. Rio de Janeiro: Record, 2013, p. 16.

72 FRANZ, Kafka. **Um artista da fome e A construção**. São Paulo: Brasiliense, 1991.

Começa a sugá-lo, ao mesmo tempo em que lhe gera sensação de estar protegido e de pertencimento. Contudo, apesar de ser um lugar enorme, com galerias e salas, exerce uma sensação de nunca parecer estar finalizada. O personagem alimenta um princípio de exclusão consigo, vincula-se a ele o que, para o filósofo, há de salientar a necessidade do ato para estar também fora. Quer dizer, a serventia de um *sítio todo seu* atua como uma espécie de bolha para estar no mundo que soterra. A toca é a brecha para poder vincular-se a um mundo hostil e sem paridade.

Esse viver dentro de um limiar é algo partilhado [por todos], há que forjar sua própria contenção para estar na contenção maior [efetiva]. Isto é, vive-se na toca do animal kafkiano: “num mundo de horizonte menor, a cujas dimensões ele pode corresponder intelectual, emocional e moralmente”, o qual permita de se manter neste recorte próprio, alguém que obviamente “precisa ser admitido num *lugar* do mundo real para poder viver fora dele. A toca é – a profissão”⁷³.

Certamente que a profissão, dada sua derivação lexical, poderia ser interpretada com mais de um significado, mas aqui se recorta a relação que estabelece com um possuir *competência em*. Cabendo como uma luva, parece aqui que o termo carrega exatamente um estabelecer lugar próprio, necessário à existência no mundo efetivo, pois suas bases e ameaças constantes, dado o contato entre mundo efetivo e ser, fazem-se através de um mediador que é a própria toca; para o animal, efetivamente esse é o artifício que o faz suportar estar alocado. Quando o mundo efetivo se organiza a partir de ofícios alicerçados no lucro, no produto e não no ser, os resultados são uma forma de escapar ou sobreviver à coisa. Mas sobrevivência não é vivência, quanto menos liberdade. É, por isso, apenas ferramenta de um subsistir, uma tentativa de proteger-se. De outro lado, no trecho a seguir, Antunes aponta:

estar fora do trabalho, do capitalismo vigente, particularmente para a massa de trabalhadores [...] que vivem no terceiro mundo, desprovidos *completamente* de instrumentos verdadeiros de seguridade social, significa *desefetivação, desrealização e brutalização* ainda maiores do que aquelas vivenciadas pela *classe-que-vive-do-trabalho*.⁷⁴

As abominações que os seres sem trabalho sofrem são instantaneamente um *não ser* em uma sociedade do trabalho. Neste ponto, a dessubjetivação que já incorre através dos seres é reforçada pela exclusão, contrária ao *gueto* que Anders parece fazer menção.

73 ANDERS, Günther. **Kafka**: pró & contra. Os autos do processo. 2ª ed. São Paulo: Cosac Naify, 2007, p. 44.

74 ANTUNES, Ricardo. **Os sentidos do trabalho**: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. São Paulo: Boitempo Editorial, 2009, p. 174-176.

Ela tira tanto a existência, como a possibilidade dela, mesmo que estas sejam redutivas e em nada suponham liberdade. É como se rumar para um penhasco junto a todos fosse melhor opção que vê-los cair de lá e interpretar um papel social de estranho, anormal.

Uma elaboração, a despeito disso, põe-se para refletir um conflito de ambiguidade: se a retirada do trabalho é uma exclusão [um malefício] e ao mesmo tempo o *trabalho* é uma mazela, como se conjuga essa ambivalência? Justamente no significado do trabalho na sociedade contemporânea: o assalariamento e as formas de subsistência de um povo que foi sendo lentamente subtraído de suas condições plenas. O trabalho que os outros seres [não humanos] operam coloca-se como chave à necessidade, à cooperação e à possibilidade de um arrogar-se os problemas que são parte também do processo do trabalho. Não há dúvida que a constante partilha que o trabalho resiste e insiste em colocar são faíscas desse limiar:

Os bovinos, todos eles, quando pastam se orientam para o norte, pois são capazes de sentir o campo magnético terrestre. Poucos sabem o motivo disso, mas os que lidam com os bovinos diariamente sabem que eles mantêm um código de comportamento e que permanecem na mesma direção ao pastar. Esse equilíbrio não se vê nos homens, em nenhum deles.⁷⁵

Ao mesmo tempo, quando um empregado anuncia “no fim da noite eu não sentia mais o meu braço” ele não só evidencia a necessidade interna de mais pessoas, como reafirma porque não poder deixar o seu serviço. Ele tende a afirmar por uma obrigação oculta nos contratos de trabalho que lhe direciona para uma possibilidade de fazê-lo mesmo sob uma condição precária absoluta, quer dizer, mesmo que se necessite [e assim é] de mais trabalhadores consigo. O capital *interpreta* essa situação sempre como: esse braço pode com o que faz, além de existirem tantos outros que virão quando os primeiros hesitarem.

Os valores da necessidade somados aos da competição alimentam e, ao mesmo tempo, impossibilitam o emprego de mais pessoas e de uma redução viável das horas de trabalho. O exército de reserva é um instrumento muito eficaz nesse processo, parasita a indignidade e a falta para encurralar aquele que trabalha:

o ser de classe do proletário reside no fato de que ele é explorado enquanto força de trabalho indefinidamente permutável – ou seja, como qualquer Outro dentre outros, totalmente alienados como ele – que, juntamente com todos os outros proletários, pode ter um meio de agir sobre seus exploradores.⁷⁶

O trabalho sempre careceu de mais trabalhadores, essa demanda alocada ainda na idade média, onde os homens reivindicavam mais trabalho [postos de empregos], bem como menos horas trabalhadas⁷⁷ – o desemprego é conhecido de longa data daqueles que sempre estiveram em atividade. O impedimento do trabalho, o moinho gerador e mantenedor da vida da maior parte dos homens, assim como o trabalho-tortura, instrumento de fraturação e esmigalhamento das vontades e subjetividades, carrega esse duplo. Sendo percebido ambigualmente, ora aniquilador, ora salvador, por ser carreador de uma necessidade criada extracorporalmente. Parece então que a necessidade da divisão, de um compartilhamento até num plano mais descabido, é algo que merece atenção.

O grupo tematiza, nesse sentido, uma possibilidade de trabalho distinto. É do grupo, de uma herança do ser coletivo de uma espécie que uma tentativa contra a tortura pode manifestar-se. É no grupo que um sentimento, um sopro comum pode ser partilhado. Tem-se, num retorno ao comum humano e não à competição, portanto, um fator potencial de oposição à lógica da exclusão, que somente enfraquece a vida e a potência de liberdade. A esses que se permitem enxergar se pode ensejar a ruptura. Neste sentido, dois pontos se firmam: o primeiro é a tentativa de aproximação do que poderia parecer, a seres humanos, uma ética do grupo. Contudo, e parecerá estranho, essa ética somente poderia ser baseada em uma ética animal. O que quer dizer isso? Há algo que as outras espécies parecem dividir, algo que equilibra sua existência, as faz parte de um todo maior. Parece aos olhos humanos, que talvez nunca alcancem, que elas estão a viver a partir de código interno, provável que partilhado a partir dos sentidos e não da linguagem, que ludibria, esconde e engana. Uma lógica que permite sua vida de modo não caótico, mas harmonioso, justamente por ser da e com a natureza.

O segundo ponto é o exercício de liberdade, que sucumbe com tantos exercícios de poder e encarceramento da alma, dos corpos, das mentes, dos olhos. O desejo de liberdade foi preenchido por outras demandas, como aquelas das instituições, com os venenos dosados entendidos como prazeres ou o desvio das vistas ao que seja necessário.

Nos capítulos que seguem do romance, 4 e 5, os trabalhadores do abatedouro estão vivendo a intensificação que a demanda de mais e mais carne lhes causa. Um novo

76 GORZ, André. **Adeus ao proletariado**: para além do socialismo. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982, p. 48.

77 Cf. LE GOFF, Jacques. **História e memória**. São Paulo: Ed. Unicamp, 1996.

atordoado chega ao sítio, Santiago, que trabalhará com Edgar Wilson. O homem já detinha conhecimentos de abate, pois realizava a tarefa na Finlândia, com alces e renas. Essa personagem é caracterizada de modo especial, ela possui distâncias tanto na ação, quanto na origem. Apesar de ser um homem no trabalho, ele carrega uma distinção.

Eles esperam por um carregamento de vacas libanesas, que chega com horas de atraso, causando tensão entre Bronco Gil e o trabalhador que entregaria a *mercadoria*. Bronco é o tipo de pessoa que toma para si uma responsabilidade maior que os outros, auxilia na descarga e percebe que muitas das vacas estão debilitadas. Ficaram ali confinadas por horas a fio, dançando ao balanço do caminhão, num chão de estrume e urina, como em um vagão rumo aos campos de concentração; muitos daqueles seres estão desmaiados, caídos, enfurecidos, em desespero. O espaço é pequeno para tantos animais, e por mais que não se saiba exatamente para onde vão, sabiam que não haveria de ser um bom destino.

Antes de chegar ao matadouro, vacas israelenses se misturaram à manada libanesa, quando estavam ainda no pasto, e é necessário que elas sejam separadas porque os consumidores são religiosos e reconhecem o gosto. O animal necessita um trato especial, respeitando-se as normas de consumo. Neste ponto, o problema se instaura: seu Milo está amedrontado que algum consumidor possa bombardear o matadouro, porque as vacas são iguais, ao menos visualmente. Edgar Wilson é chamado para que possa ajudar no reconhecimento, mas a princípio também lhe parece difícil. No entanto, ele entra no local suavemente, e manso reúne-se ao conjunto, “deixando-se tornar parte do rebanho”⁷⁸. Ele observa que há três vacas reunidas em um canto, ao passo que já vem uma quarta para se juntar às outras. Das tentativas em vão de dispersá-las, Edgar percebe a seletividade do pequeno grupo e também do maior, as quais se recusam à aproximação, e assim ele percebe e marca as vacas “diferentes”, depois de observar e escutar o silêncio do entardecer: “a vida do campo [...] o tornou parecido com os ruminantes, e, sendo ele um homem de gado consegue estabelecer o perfeito equilíbrio entre os temores dos irracionais e o devaneio abominável de quem os domina”⁷⁹.

É notável o cuidado distinto que Edgar Wilson toma com as vacas, ainda que o destino final dessa relação seja a morte. Deste momento em diante, inicia-se um crescente na narrativa, o qual vai aproximando o protagonista das vacas – uma sensação

78 MAIA, Ana Paula. **De gados e homens**. Rio de Janeiro: Record, 2013, p. 52.

79 Id. p. 53-4.

estranhada vai se colocando constantemente a sua frente, fazendo-o perceber nuances e detalhes que ele mesmo não entende por meio da linguagem, pois são sinais, são da ordem de um instinto. As duas passagens acima ratificam essa afirmativa, de que a tensão que Edgar vive é um quase lá, no que diz respeito à sua aproximação com o Outro.

Mas isso é sempre quebrado pela demanda diária, uma pressão, falta de tempo que o faz retornar a seu lugar comum, como quando “atravessa a porta e retoma sua função, pois a fila é longa e o trabalho interminável”⁸⁰. As forças sociais que atuam no homem sempre como um trilho que força o trem a não deixar de tocá-lo, em que qualquer tentativa de descarrilamento é tomada com uma força brutal para um retorno ao trajeto pré-determinado. Às faíscas criadas neste atrito, sobrepõem-se fragmentos de uma realidade que está em constante soterramento no cotidiano.

A história encontra-se exatamente no seu meio, rompendo com o marasmo criado pelo trabalho e migra para uma sucessão de eventos enigmáticos. Ao final do capítulo 5, quando Bronco e Edgar estão aproveitando seu tempo de folga, uma balbúrdia lhes chama atenção. Eles correm para fora e notam que as vacas estão mugindo alto e batendo com as patas no chão. Correndo para ver o que acontece, os dois se deparam com uma vaca troteando em direção à cerca. Ela se joga em sua direção, fazendo com que o arame arrebente. Chocados, notam que ela exerce tanta força que as estacas começam a desestabilizar e balançar. Apesar disso, os fios não se rompem e a cerca não cai. O que vem à cabeça de Bronco é que ela esteja sendo atacada, algo lhe persegue. Mas Edgar discorda, afinal ele não está vendo nenhum predador.

A vaca demonstra mais hostilidade, empurra uma das estacas com o crânio. Ela corre pelo pasto farejando algo, buscando uma direção. Os dois tentam se aproximar, e Bronco, no movimento de apanhar sua corda, deixa o seu olho de vidro cair no chão, momento em que a vaca inicia uma corrida louca. Na direção do matadouro aos mugidos, ela se projeta com a cabeça contra a parede. O choque é tão agressivo que seu corpo sobe no ar e ela cai com os olhos já petrificados. Edgar se aproxima e faz o sinal da cruz, e “não encontra seu reflexo nos olhos do ruminante. Desta vez não estava lá”⁸¹.

Esse é o começo dos distúrbios animais, em *De gados e homens*, e desse deslucamento que por vezes pode-se ler: da percepção humana do que é a existência, da percepção animal do que é existir. O efeito que a autora confere ao texto é um duplo

80 Refere-se ao uso estrito que a autora faz em sua obra. Deste modo, carrega um sentido um tanto particularizado.

81 MAIA, Ana Paula. **De gados e homens**. Rio de Janeiro: Record, 2013, p. 64.

intercâmbio entre as espécies. Ora o homem é a vaca, ora a vaca é o homem. Mas qual o sentido disso?

Esperou-se, baseado no modo de vida do homem e em seu próprio imaginário, que ele fosse o ator, protagonista de suas ações, de seus feitos e, sobretudo, de suas escolhas. Imaginou-se basicamente que o gado, as *bestas*, isto é, fossem aqueles que se deixaram dominar, aquele que pode ser montado, domado, tocado daqui para lá e de lá para cá. Ele é ausente de vontade própria, restou-lhe ser confinado ao bel prazer do outro. Se fosse possível trocar os sujeitos das frases anteriores, um pelo outro, seria bastante aceitável que as frases não perdessem seu sentido e lógica, quer dizer, não soariam estranhas.

A besta como um ser de carga, bruto e ignorante é o homem, mas isso não é uma impressão autoral. Isso é fruto de sua ação, é ela que lhe confere esse valor. Enquanto o inverso também é praticável, uma manada de búfalos ou de bois selvagens, que vive de forma autodeterminada, age por suas próprias necessidades e demandas, e, é provável, vontades. Ocupando um protagonismo em sua vida que é em absoluto seu. Essa é a inversão genial de Maia, não se trata de tirar do lugar da normalidade para recolar-se como visão desanuviada. Segundo Anders, “esse método é a recorrência da ciência moderna, deforma-se, submete-se o objeto”⁸² a uma situação artificial, da qual faz brotar no experimento a sua essência real. Quer dizer, é um experimento “em que *insere o objeto, o qual fica deslocado. Mas o resultado é **fixação***”⁸³:

forjam situações deformantes, em que introduzem seus objetivos de pesquisa – o homem contemporâneo –, visando a uma fixação. Um experimento biológico num instituto de psicologia animal de fato não parece tão “realista” quanto o jardim zoológico de Hagenbeck. [...] Mas seu resultado é realista⁸⁴.

82 ANDERS, Günther. **Kafka**: pró & contra. Os autos do processo. 2 ed. São Paulo: Cosac Naify, 2007, p. 16.

83 Id. p. 16. [grifo do autor]

84 Id. p. 16.

3. O DRAMA DA MANADA HUMANA

“Haja coragem!
 O fogo, ele agoniza mas não morre
 Aja!
 Coragem!
 Se a chama se organiza o que que ocorre?
 Reaja!
 Coragem!
 O fogo, ele agoniza mas não morre não
 Não morre não
 Haja coragem!”
 (O drama da manada humana – El Efecto)

Acredita-se que o capítulo anterior que tenha sido possível perceber como a escrita de Marx, essa construção sobre a relevância do *trabalho* através da modernidade, na qual se obtém um impacto realmente significativo para uma conformação do homem, se joga no meio da literatura. Transitando entre tantos estudiosos, os quais somente reforçam essa natureza, é possível ver, por meio do texto literário nesta tradução artística. Tanto aquele que foi nomeado *corpus* de estudo como os articulados enquanto ferramenta ao desenvolvimento de certas reflexões contribuem neste sentido.

Partindo dos fragmentos mencionados, agora que se tomou já alguma afinidade com o texto, nota-se na própria elaboração textual da autora aproximações com o tema antes teórico, doravante também artístico. A linguagem usada na tessitura dos textos, e não apenas a maneira de se expressar das suas personagens, é constantemente dura, fria, reta, o que implica diretamente na construção da realidade que envolve as vidas, bem como a subjetividade desses homens – eles são quebrados, partidos ao meio.

Há um intento recorrente de inversão, [ora homem, ora animal/ora racional, ora irracional/ora moral, ora desordeiro] que *metaforicamente* ou não parece uma montagem de quebra do limite entre um ser e o outro. Por assim dizer, uma flexibilização, que por horas enseja um encontro quase obrigatório entre eles. Visto que dada vida com suas conformações isso não é possível de perceber, ou seja, ocorrer.

E por último, explora-se o limite aceitável do humano, no que diz respeito à condição de vida do Outro, um recolocar em questão o que é aceitável, o que pode ser ou não desejável. Uma espécie de questionamento interno absoluto desta realidade, que por suposto é efetivamente projetada para fora no texto. Nota-se, por outro lado, uma

insistência em suscitar a responsabilidade que “um” carrega consigo, ou que outros delegam ao próximo. De modo que há brechas que se abrem por meio da narrativa cuja abertura é a forja de caminhos para um trato filosófico, levando a uma incitação do saber, de uma desconstrução do posto, normativo, corriqueiro.

Destes três pontos poderia ser realizado um encontro com o que Marx e seus sucessores [de alguma maneira] apontam, na medida em que a vida humana balança. É a partir disso que o emaranhado contido aqui pode ser desfeito, em que filosofia, literatura e, por fim, política encontram-se de forma claramente complementar. A escritura de Maia parece sempre uma tentativa de tradução, não de uma realidade em si, ou algo que valha. Ela é uma tradução na medida em que pode trabalhar, através do literário, questões intransponíveis, porque não superadas, mas que carregam obviamente o óbvio [o jogo de repetição aqui coloca-se como uma força que se faz para impor a obscuridade do que é claro, evidente – mas nunca visto, muito esquecido e pouco sentido]. Parece aqui que o caminho desses textos são efetivamente uma tradução dos estudos do *trabalho na modernidade*, com todas suas nuances e complicações.

Este capítulo toma a função de dar segmento à análise do romance *De gados e homens*, mas foi pensado como um outro momento, assim como o romance – dividido ao meio [coincidência ou prenúncio feliz] entre *marasmo da vida* e o *turbilhão do desmascaramento*. Assim, é sob a perspectiva de três hipóteses que gira toda a segunda metade da narrativa em análise. Por meio delas o capítulo se desenvolve e tenta cumprir a pretensa vontade de dar a volta ou fechar o círculo. Essas ideias, em torno das quais a sequência irá acontecer tem como base as faíscas nomeadas por: “A síndrome dos óculos de Carpenter”, “Toda ação é trabalho e o *triggering*” e “Em busca de uma autonomia animal”. E que sendo tomadas por empréstimo possuem um diálogo com o externo que as baseia, mas de todo modo são bastante autorais. Antes de seguir a elas, volta-se para o universo da narrativa.

Como mencionado, do meio para o fim, em especial a partir do capítulo seis, o romance transmite uma aceleração gradual. Esse acelerar remete também ao clímax ao qual se quer chegar. A crise gerada pela ação da vaca frente ao muro do curral ainda reverbera como preocupação nos trabalhadores, cada um em sua busca por uma explicação ou com sua hipótese, que transmite isso de maneira particular. Bronco Gil, como exemplar de caçador que é, deseja capturar o bicho a qualquer custo, mesmo que lhe custe o sono, descanso ou mais. Relutante em sua crença recebe mal a versão que é

partilhada com os outros por Edgar Wilson. É nesta ambiência que uma visita de estudantes ocorre no lugar, na qual uma das estudantes põe em evidência tanto a violência que o sítio carrega territorial, mas também simbolicamente, resultante da delegação do trabalho a outrem – essa passagem merece atenção e será retomada em um momento posterior.

Santiago, ao menos o único que deixa transparecer, está sempre em busca de algo que o projete para fora daquele universo abafado. Ora com seus fones de ouvido, ora com conversas que remetem a momentos por onde passou. É quando Emetério recolhe o estrume das vacas, e percebe que Santiago remexe o galão onde armazenava o excremento. O rapaz se volta para o velho com as mãos plenas de cogumelos brancos. O velho Emetério interpela “– De novo? Isso não presta, garoto [...] – Isso vai te deixar maluco [...] – Sai daí.⁸⁵” Mas o atordoado não dá a mínima, sai animado, pretende cozinhá-los mais tarde. Apanha os óculos que prometera a Edgar Wilson, checa mais uma vez o pedaço de pano onde estão os fungos e vai em busca do colega. É importante, de algum modo, a trajetória que essa personagem pode apontar.

Como o *bom* estrangeiro, ele traz uma diferença, não por um propósito consciente, e a instala ali como um tipo de dúvida, perante os outros. Essa nuance estrangeira de Santiago se mostra tanto em atitudes, como por uma certa descontinuidade com o seu trabalho, o que nenhum dos outros personagens parece realizar. Essa estranheza, carregada por ele intimamente, transmite também uma impressão chocante para o leitor. Ele é a única pessoa que parece descarrilhar o trem da neutralidade sentimental/afetuosa, na própria distância que estabelece, ele é quem tenta se aproximar de Edgar Wilson.

Por outro lado, Santiago está ali por uma questão única que é o assalariamento referente à feitura do trabalho, diferente dos demais. Ele ainda carrega feições de *trabalhador*, enquanto o restante do pessoal já foi tornado, o que se poderia chamar de agente do trabalho; quer dizer, eles passaram a ser consumidos pelo trabalho, incorporados a ele. Eles são o próprio trabalho, o que faz transparecer a resistência de Santiago em não sê-lo, ainda ao menos, visto que é subjetivado por mais elementos que os outros. Neste sentido, os psicotrópicos tomam essa representação de um escape e, certamente, também colocam um olhar estranhado dos outros sobre ele.

85 MAIA, Ana Paula. **De gados e homens**. Rio de Janeiro: Record, 2013, p. 73.

O dia seguinte é um domingo. No dia do Senhor, o derramamento de sangue é algo inconcebível. Os homens têm seu dia de folga, costumam jogar cartas e beber, reunir-se com as prostitutas, e é depois do lazer da véspera que Seu Milo frequenta a igreja. Não confronta essas atitudes com os dogmas religiosos. O fato de consumir a hóstia nesses dias serve a ele como um calmante a expurgar qualquer impureza. Sente-se em paz ao consumir o corpo e o sangue de Cristo. Ao mesmo tempo, não foi jamais confrontado o fato que ao comer carne e beber do sangue dos bois “também se torna parte do gado que diariamente abate”⁸⁶. A intromissão que o consumo permite é precisamente a marca de um *devenir* gado, essa outrofagia que lentamente cumpre seu papel, tornar-se um igual a partir deste outro que o alimenta.

Bronco Gil segue tramando planificações para a captura do predador, enquanto os outros homens escolhem as armas com as quais esperarão por ele. Ao mesmo tempo, Santiago aparece com uma caneca da qual beberica sem parar, distanciando-se dos demais. Depois de algumas horas, a postos, os homens notam que no meio do pasto há uma movimentação estranha, um animal não identificado corre pelo mato. Solta grunhidos não identificáveis e possui uma aparência bizarra – desconhecida por todos. Bronco se agita pela possibilidade de pegar a besta, as vacas também, quando ele atira uma flechada entre elas. Tudo para e eles correm na direção da flecha. Não reconhecem o bicho, quando Edgar puxa a galhada do bicho pode enxergar melhor: é Santiago. A flecha atravessou seu ombro, ele está assustado. Eles o carregam para dentro, onde contido pelos braços e pernas lhe arrancam a flecha quando então ele cai desmaiado. Bronco cobre a ferida com uma mistura de ervas que preparou.

Santiago novamente ratifica essa troca de lugar com o outro. É no uso dessas alegorias que a autora parece impor, pela repetição, essa faceta de ser o outro, ver-se nele, liberar algo contido que foi suprimido pelas ideias modernas. Esse caminhar por uma trilha que vai ao encontro deste outro é martelado ao longo da narrativa como um eco, um assombro; E Santiago pode ser percebido como prenúncio desta necessidade, já que ele é o único a se dispor ou não resistir à ela. Ele ainda não é um com o trabalho e tenta escapar deste unindo-se ao elo perdido: ser na natureza e abrir-se a uma essência animal.

Nesse meio tempo, Edgar encontra uma vaca afogada no pequeno lago, próximo ao matadouro, faz-lhe o sinal da cruz na fronte. “Apanha um pedaço de galho e cutuca-a

86 MAIA, Ana Paula. **De gados e homens**. Rio de Janeiro: Record, 2013, p. 76.

em vão. Levanta-se e caminha em passadas ritmadas, demonstrando a calma que lhe é peculiar. A vaca morta não pode ser salva. Nem mesmo ele, que ainda está vivo”⁸⁷.

Edgar Wilson parece carregar uma desolação, crescente, frente aos acontecimentos que lhe são colocados. Não que isso possa conferir algum demonstrativo de desespero, ao contrário, sua atitude consiste em uma calma assustadora como se compreendesse para além do que pode transformar em linguagem. O que parece conferir a E. Wilson um papel de observador, como se fosse possível ver por onde os outros não podem ver e com isso fica impossível para estes pensar algo diferente ou mesmo sentir-se com aquilo que transcorre.

Bronco noticia Seu Milo sobre o cuidado quase doentio que tem com as vacas. Nenhuma apareceu morta ou ferida, Exceto pela que morreu no lago, a qual ele atrelou por um momento a Santiago [o estranho carrega a dúvida], desfazendo-a. Seu Milo pergunta sobre o abatedor: “– Já pegou no batente. Ele é meio doido, mas é trabalhador e prestativo⁸⁸”. Maia como alguém que percebe os ditos comuns sociais imprime-o aqui, afinal a característica que dignifica o homem é ser trabalhador. Não há nada mais que se espere de um homem, em seu ofício, é que ele o exerça com a fé e convicção de que aquilo seja o necessário e habitual. Foucault aponta para as fabricações de indivíduos-máquinas, que além de proletariado, são alcançados pelos intentos exitosos de uma sociedade industrial baseada na produção de “braços como bens”⁸⁹, em que a condição de humanidade é, pontualmente, o torna-se parte, um ser que é *díviduo*, em lugar de um invólucro de potenciais.

Em um anoitecer, quando os homens de gado dispensavam seu tempo, outro evento anormal lhes surpreende. Gostam de apostar entre si, é uma maneira de não dar dinheiro uns aos outros, afinal mendicância – mesmo com todas as dificuldades e precariedade que vivam – não é um demérito do qual usufruem. Lidar com o dinheiro neste meio não passa por mais um lugar de humilhações, ele circula de forma meritocrática, afinal faz-se por merecer. Neste sentido, para auxiliar Burunga, que necessita de dinheiro extra para a filha, os homens costumam apostar com ele. A atividade gira em torno de meter a cabeça em um barril com água de acordo com as apostas do tempo em que se pode suportar. Geralmente, Burunga leva o dinheiro apostado, pois essa é a maneira de auxiliá-lo: perder para ele.

87 Id. p. 86.

88 Id. p. 88.

89 FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**: nascimento da prisão. 38 ed. Petrópolis: Vozes, 2010. p. 228-9.

Hoje Edgar prefere não apostar, enquanto isso, Burunga mete a cabeça na água e em alguns segundos começa a se debater. A água borbulha e os homens começam a rir e a gritar, acreditam ser uma performance. Mas Burunga começa a se aquietar até não se mexer mais. Emetério nota que o tempo se alongou demasiado, um deles encosta no colega que dá choques. Havia uma enguia dentro do barril. Os homens se olham desconfiados e Edgar anuncia ter uma ideia de quem poderia tê-lo feito. Santiago é trazido e pergunta se o colega ficará bem. Ele pretendia criá-la no laguinho, queria ter um “bicho de estimação”, “– Por que eu achei que seria divertido⁹⁰”. Bronco está rosnando para ele, que desesperado se coloca aos prantos. Depois de chamar a polícia e cobrir o corpo de Burunga, Santiago é levado. Edgar percebe que sentirá saudade do colega.

Afinal, como para todos ali, o encarceramento/confinamento é uma possível condição de sua existência. Ainda assim, a pessoa levada é aquela que demonstra um comportamento “fora”, um desvio não aceitável às normas. Santiago era representativo de, ainda que não efetiva, uma tentativa de resguardo de um escape do suplício que o trabalho tornou-se à vida humana. De outra maneira, trabalhar, assim como essa restrição espacial que é a penitenciária, cumpre um papel muito próximo da segunda instituição, e ambas incidem nos corpos de maneira a determiná-lo para que (re)sirva enquanto ferramenta ao social. Foucault⁹¹ esclarece como esse hábito, do trabalho, aplica uma reabilitação⁹² dos corpos “ociosos” e torcidos, os quais efetivamente não foram bem conformados à vida sob a égide do Estado. É desse impacto que o trabalho pode ser percebido por instrumento (formador) no encarceramento:

o trabalho penal deve ser concebido como sendo por si mesmo uma máquina que transforma o prisioneiro violento, agitado, irrefletido em uma peça que desempenha seu papel com perfeita regularidade. A prisão não é uma oficina, ela é, ela tem que ser em si mesma uma máquina de que os detentos-operários são ao mesmo tempo as engrenagens e os produtos; ela os “ocupa”⁹³

Os colegas ficam em dúvida sobre Santiago ser aprisionado ou não, mas não há espaço para qualquer coisa além disso. No dia seguinte os homens já voltaram ao trabalho. Precisam lidar com o lote de ovelhas, o trabalho cumpre esse função de

90 MAIA, Ana Paula. **De gados e homens**. Rio de Janeiro: Record, 2013. p. 91.

91 FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**: nascimento da prisão. 38 ed. Petrópolis: Vozes, 2010. p. 228.

92 A palavra cujo significado segue ao entendimento de recolocar em linha reta, toma uma noção moderna que retornar a algo, o algo aqui é a habilidade, utilidade a algo/alguém – o que no jogo de força social significa estreitamente útil ao Capital.

93 FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**: nascimento da prisão. 38 ed. Petrópolis: Vozes, 2010. p. 229.

recolocar as cabeças no lugar. Ele apazígua aquilo que possa conturbar o cotidiano, fazendo com que se retorne ao prumo como se fora uma espécie de rédea, ou de cabresto.

Edgar é novamente o único atordoador. Passou toda a madrugada matando as ovelhas, se vê coberto de sangue. Todas as tentativas de abatê-las com a marreta são frustradas. O homem-marreta não se sente mais complementar à coisa que maneja, que outrora lhe compôs. Esse comportamento das ovelhas é desestabilizador, mesmo para ele que fora um durão, sem escrupulosos. Mas sua experiência foi drástica no que diz respeito ao se relacionar com o outro, o gado com seus olhos converteu-o num outro. Assim, o choro, a súplica, ajoelhar-se frente a ele são muitas evidências e isso tem impacto na sua crença, no seu hábito de não sentir, na sua casca grossa em que nada podia penetrar.

Duas semanas após a morte de Burunga, não mais é possível notar que um dia ele esteve ali. A vaga que o funcionário ocupava foi preenchida por outro, que como ele sabe realizar a demanda, e sendo o trabalho efetuado não há outra coisa com o que se ocupar. Dispor tempo a qualquer coisa, que não o trabalho, é o tipo de atividade que pela sua inutilidade não precisa jamais entrar em cena. Há outros problemas se instalando no sítio. Bezerros seguem sendo abortados, vacas continuam pastando a oeste e outras ao norte. Apesar da maioria ignorar, Edgar sabe que algo se instalou naquele lugar, a normalidade no matadouro é apenas aparente: “Ele sabe disso quando observa o gado pastando, quando olha em seus olhos, quando vê o seu próprio reflexo neles”⁹⁴. Parece que algo instintivo, animal, se instalou no corpo de Edgar, esses olhos nos quais se reflete ele próprio são o relance de se ver no outro, e a partir daí poder se perceber também como um semelhante. É esse fazer-parecer que persegue Edgar como uma denúncia.

O fim está mais próximo do que parece. Não é o fim mais desejável que um ser humano gostaria de ter. Os fins, a partir de noções particulares que o capital implementa, trazem à margem lógicas como a do progresso, o que pode ser visto e esperado como lugar de chegada, como um trono, ou um troféu. Sobretudo, quando há um esforço tão grande para atingi-lo. Mesmo assim, o progresso, como grande mentira moderna, é realmente aquele tapa de mão invisível que solapa o dorso, sem nem sequer ser notado. A promessa do chegar confunde e obstrui a caminhada, os vislumbres que ela traz e os caminhos que aponta. Esse poderia ser o final que Ana Paula Maia ofereceu ao leitor:

94 MAIA, Ana Paula. **De gados e homens**. Rio de Janeiro: Record, 2013, p. 96.

Para esses trabalhadores seria mais confortável seguir crendo em hipóteses explicáveis, como um farol ao fim do túnel, que ao fim da história prova nada mais que um evento comum do qual não se podia ver todas as partes. É da vontade de todos que se possa encontrar uma resposta plausível para coisas tão estranhas. E isso explica e implica na reação de Bronco, qual seja uma negação do que se coloca em sua frente, mas a ideia dos ladrões já não parece convincente para ele. E seu faro de caçador lhe diz que não há nada disso ali, assim esse homem tem de se confrontar com a anormalidade dos eventos e dar razão ao testemunho de Edgar sobre o que ambos presenciaram.

Bronco começa, então, a crer na história de que a vaca tenha enlouquecido: cai na dolorosa versão de que o fez assim porque quis. Está exaurido, os dias mal dormidos o drenaram, levanta-se da árvore em que está recostado e ruma sentido o alojamento, onde os outros dormem. Larga as armas no chão, se despe, tira o olho de vidro da órbita e atira o corpo moído contra a cama. Sente uma mosca pousar dentro do furo no olho, ao movimento espontâneo que o músculo reflete, acordando em um salto com vozes e a claridade.

O gado foi todo roubado, um dos currais está quase vazio. Os homens estão perdidos, não sabem o que fazer, Emetério vira-se para Bronco e pergunta o que fazer. Bronco que ir atrás das vacas. Não há marcas nem no chão nem nas porteiras, o que já soa estranho, pois somente um caminhão enorme poderia levar mais de vinte vacas e com todo esse peso o chão exibiria marcas. Bronco pede que os homens retornem ao trabalho, chama Helmuth e Edgar Wilson, “– Vou precisar de você e do Helmuth; – Quem vai abater o gado?⁹⁵”

Os três se apertam na velha caminhonete. Quando o carro contorna o Rio dos Moscas, a grande quantidade de peixes mortos chama a atenção de ambos. Edgar pede para que Bronco pare, eles descem e observam um aglomerado de peixes, que já fedem, mas ainda se debatem. O sol e o céu também carregam estranhezas, são mais resplandecentes que o de costume, enquanto Edgar parado observa a paisagem, Helmuth e Bronco seguem caminhando procurando razões à mortandade massiva. O primeiro acredita que a água do rio tenha sido envenenada, mas Bronco cheira a água e experimenta um pouco “– É o sangue, é isso que tem contaminado o rio; – Tá salgada; – A água tá salgada⁹⁶”. Gritam, e Edgar sai de seu estado de contemplação, os dois outros ainda conversam, especulam sobre o que poderia ter levado a tamanha destruição.

95 Id. p. 99.

96 Id. p. 100.

Edgar se mantém observando, quando retorna a comunicação e afirma: “– O rio está morto⁹⁷” Retornam à caminhonete, rumam à fazenda de Régis Leitão. A placa do lugar está caída no chão, seguem até parar próximo de uma carroça sem rodas. O lugar parece abandonado há semanas, e como em Chernobyl, em que somente sobraram os cachorros. Objetos, trapos de roupa, guimbas de cigarro e garrafas de pinga. Bronco percebe que o escritório do patrão está trancado, o lugar parece em verdade abandonado há mais tempo, ninguém entende o que aconteceu. Invadem o lugar, e quando forçam a porta uma estátua de São Roque tomba de cima do marco, quase acertando o nariz de Edgar, mas não há nada de estranho no lugar que denuncie uma fuga. Ele sente que aquilo é um mau presságio.

Procuram por pistas, quando se reúnem novamente percebem que o céu tornou-se cinza, nuvens pesadas compõem o céu. Trovoadas, seguidas do vento e da chuva pesada, caem ao longo da estrada. Entre árvores caídas, barro e estradas em depressão, que beiram o abismo, Helmuth sugere que parem, pois chove muito. Edgar concorda e param num ponto recuado da estrada, mas o carro atola e os três tentam tirar, é um caminho onde passam outros carros. Mas não conseguem, estão cobertos pela lama. Querem correr à proteção de árvores na ribanceira.

Bronco empurra novamente e Edgar chuta um tronco que dá estabilidade à roda, Helmuth está no carro que começa a deslizar sentido a queda. Num grito, ele se joga pra fora caindo na lama, enquanto o carro rola para baixo. Os três estão em choque, quando um raio cai nas árvores. Bronco que ir proteger-se nas árvores mesmo dado o perigo, a chuva é muito incomum, ainda mais naquela época. Edgar não ouve nada, olhando para o abismo não responde ao colega, que grita consigo. Um raio cai próximo a eles, os dois protegem a cabeça no instante em que Edgar faz um sinal com as mãos para que se aproximem; eles estão com medo: “– O que você quer Edgar? Saia daí; – Eu encontrei; – O quê?; – Eu encontrei; – Edgar, você quer que um raio caia na tua cabeça? Saia daí agora; – Eu encontrei; – O que você achou aí, Edgar?; – Vem ver; – O que foi, Edgar?; – Eu encontrei; – Foi um sinal a gente ter atolado aqui; – Vacas não se atiram de precipícios – diz Bronco Gil. – Nem rios salgam de um dia pro outro [...]”⁹⁸

O que Edgar observava estático de cima do penhasco era o montante de vacas lá embaixo. Lá junto a caminhonete, estavam as vinte e duas vacas desaparecidas. Um

97 Id. p. 100.

98 Id. p. 110.

estrondo de trovão assusta Edgar, que escorrega. Bronco segura-o pela vestimenta, seguido de Helmuth que os ajuda a se sustentar. Edgar começa a deslizar. Os colegas têm de usar uma corda para tentar içá-lo de volta, o chão é muito lamacento, mas conseguem puxá-lo. Depois de poder retomar o fôlego, descem para baixo da copa da árvore, onde não trocam qualquer palavra.

Um caminhão-baú chega com mais vacas, mulheres e crianças famintas chegam junto a mendigar carne enjeitada. Emetério e Tonho consertam a cerca partida ocasionada pela fuga das vacas, as recém-chegadas são alocadas num velho galpão. Os três brutamontes farão vigília, Bronco ainda acredita que as vacas tenham sido roubadas e por um erro qualquer caíram ribanceira abaixo. Passa da meia-noite, começa a garoar e esfriando o clima, Bronco fuma seu cachimbo em brasa, de um lado a outro sob a chuva, com a inquietação que lhe é correspondente. Na cabeça de Bronco o que está marcado é a dúvida, essa inda e vinda de uma hipótese comoda, ou de algo sobrenatural como afirma Edgar. Esse angustia tende a permanecer na vida de qualquer ser que seja colocado em questão, qualquer um que tenha suas crenças questionadas.

Edgar vai até a goiabeira e Helmuth o segue, comem a carne de alce que Santiago presenteou e comentam: “ – Esse índio está mesmo obcecado com isso [...] Dizem que já matou uns cinquenta homens. Depois que mata, escalpela [...] ele tá mais devagar. Tá perdendo o vigor, ou coisa assim”⁹⁹. Feinho, que os acompanha constantemente, late em direção ao som que vem do galpão, em que as novas vacas foram alojadas. Os dois primeiros correm, acompanhados por Bronco, seguindo os latidos do cão.

Lá ao fundo, uma porta estreita e mal fechada dava passagem às vacas, que uma a uma, saíam a caminhar sem pressa em direção aos limites da fazenda. Quando Bronco alcança-os, Helmuth e Edgar param a observá-las. “ – Tem alguém guiando elas?” Bronco com o binóculos diz que não, Helmuth toma-o nas mãos e olha, constata que não há ninguém: “– Mas pra onde elas estão indo?; Elas estão indo pro precipício que fica daquele lado lá – diz Edgar Wilson; – Como você sabe? – Questiona Bronco Gil; – Se eu estivesse no lugar delas é pra onde eu iria¹⁰⁰”.

Eles decidem acompanhar o movimento delas, esperando que saiam todas, seguindo-as a distância. E quando se aproximam do penhasco, a primeira vaca se joga, na sequência da segunda e da terceira. Bronco tenta pará-las, mas Helmuth e Edgar o

99 Id. p. 111.

100 Id. p. 117.

impedem. Assistem ao espetáculo horrendo, até todas terem se lançado no fosso emitindo um mugido alongado. Tentam ver lá embaixo, é impossível com a treva da noite: “– Estavam fugindo de um predador – fala Bronco Gil; – Não havia nenhum predador – retruca Helmuth rispidamente”¹⁰¹.

Vladimir olha para baixo no penhasco, boquiaberto: “Vira-se a Edgar: as vacas te deixaram sem trabalho, cara. Fazendo o sinal da cruz. Ele observa como entrar com o trator para recolher as vacas, mas pessoas se movimentam lá embaixo, enquanto uma carroça se aproxima. – Chegaram antes dos urubus¹⁰²”. Os dois apressam-se, mas são impedidos de entrar, mesmo sob os argumentos dos homens, os esfomeados acreditam que as vacas se jogaram por milagre, dadas suas preces.

Seu Milo chega e avisa a eles que chamou a polícia, mas é quase improvável que os oficiais encontrem algo. Um aglomerado de mais de cinquenta pessoas está carneando os corpos, Quando os dois policiais chegam, ao entardecer, é tarde demais. Só restaram os urubus. A polícia diz não poder fazer nada sem provas, pedindo que o evento seja contado. Ao final, o homem simula uma variação da história, visto o quão bizarra ela é, e as circunstâncias materiais dela. Nem ele acredita, apesar de contar sua história com suicídio animal. Era um cara estranho, como todo bom policial. A versão da história é que as vacas caíram por acidente, seguido de roubo de carga.

“Será que as coisas vão voltar ao normal?”¹⁰³, questiona Bronco Gil. De retorno ao matadouro, Edgar retorna a sua função durante alguns dias, dada a demanda. Talvez seu Milo consiga se reestruturar, comprar uma caminhonete e ajeitar o telhado do alojamento destruído pela tempestade – os homens estão dormindo ao relento. Sabe que o suicídio das vacas não será explicado jamais, junta seus pertences e vai até o escritório para receber seu acerto. Aperta a mão do patrão, que sabe que sentirá falta do homem, é seu melhor empregado.

Edgar sai porteira a fora, para apanhar o caminhão que faz o trajeto até a cidade, “–Vai para onde, rapaz?; – Vou pro oeste trabalhar com porco; – Cansou desse trabalho aí?; – É, cansei”¹⁰⁴. O motorista conta que antes de trabalhar com frete, também abatida gado: “– Trabalho miserável. Te pagam uma miséria por isso”¹⁰⁵. O caminhão atravessa a

101 Id. p. 110.

102 Id. p. 110.

103 Id. p. 122.

104 Id. p. 125.

105 Id. p. 125.

procissão de rostos que viu no penhasco. Quando o homem diz: “– Não sei o que tanto agradecem. Eles não têm nada. Isso aqui é um deserto, meu filho”¹⁰⁶. Passam pela construção de uma nova fábrica de hambúrgueres. E o rapaz comenta: “Trabalho não vai faltar aqui; Não, meu filho, não vai faltar. Como dizem por estas bandas: enquanto tiver uma vaca nesse mundo, lá estará um sujeito disposto a matá-la; – E outro disposto a comê-la – conclui Edgar Wilson”¹⁰⁷.

Quando anoitecer, Edgar Wilson já terá chegado ao novo sítio, conhecerá os porcos e seus ruídos. Sabe que ainda é um predador e que o derramamento de sangue ainda é seu meio de subsistir. Pensa que algum dia, poderá ter um trabalho limpo, ainda assim seguirá abatendo porcos, se acha moralmente impuro. Mas:

Não há ninguém que o impeça, pois os homens como ele são poucos, que são homens para matar. Os que comem são muitos e comem de modo que nunca se fartam. São todos homens de sangue, os que matam e os que comem. Ninguém está impune¹⁰⁸.

106 Id. p. 125.

107 Id. p. 125.

108 Id. p. 126.

3.1 A síndrome dos óculos de Carpenter

Do capítulo seis ao onze (o derradeiro) do romance, a personagem de Bronco Gil marca uma insistência. Logo após o incidente com a vaca que se espatifa contra a parede do curral, ele mantém uma hipótese de haver um predador que levou a vaca a reagir de forma abrupta e desesperada. Em certo sentido, esse entendimento não se encontra, no todo, equivocado. Mas seria preciso elucidá-lo evitando caminhos tortuosos.

Bronco Gil procura pelas pegadas, traços quaisquer, rastro que onça ou javali pudessem ter deixado como indicativo de sua teoria. Espanta as vacas, se joelha no chão, confere a areia, mas nada – não encontra nada. Ainda assim, o capataz está determinado a achar, pretende fazer vigília na noite que se aproxima. Mas é a sombra de Edgar Wilson que deita sobre ele e vem trazer a notícia da chegada dos alunos e o respectivo professor para a visita. Bronco levanta-se rapidamente, não faz menção de ouvir Edgar Wilson, e olha o pasto em busca de algo que não é perceptível aos olhos.

- Preciso achar esse desgraçado – [...] **Não entendo por onde ele entrou. Não tem nenhum vestígio.** A cerca tá toda boa aqui e ali. – conclui, apontando em várias direções, tão desorientado quanto a vaca antes de morrer, tão angustiado quando um animal na fila do abate.
 - Não tinha nenhum predador aqui. Afirmo Edgar Wilson.
 - E como você explica aquilo? Questiona Bronco Gil, exaltado.
- Edgar Wilson permanece calado por algum tempo. Apenas contempla a relva deitada e o dia iluminado.
- Eu vou achar esse animal e vou precisar de ajuda.¹⁰⁹

Sobretudo, dada essa insistência, a narração estabelece um tom estranhado, ressoando como uma paranoia na qual se é obrigado a crer, no lugar de reconhecimento mínimo, de outra possibilidade – por mais bizarra que soe. Por mais inaceitável, que transpareça. Por mais impossível, que se estabeleça. É ao negar essa ação como via, que a personagem relaciona o modo de vida do outro, com seu próprio modo de reagir à vida, cuja submissão exercita-se como imperativo. O que concerne diretamente à vida na qual se é predado, por Outros, e na qual a escolha não se manifesta como opção, e é, portanto, vista como absurda. Há outras histórias absurdas que incrementam a imaginação neste sentido, caminha-se para uma delas.

109 Id. p. 66.

Em *They Live*¹¹⁰, se conta a história de John Nada, sim, “Nada” certamente quer dizer “nulidade, nadeidade”. Uma pessoa desprovida de bens materiais, um trabalhador sem-teto que vai à Los Angeles atrás de uma outra vida. E em um dia qualquer, próximo ao terreno baldio onde habita, descobre algo raro em uma Igreja abandonada: uma caixa de óculos escuros. Mas é depois de colocá-los em seu rosto e caminhar pelas ruas da cidade que a coisa torna-se efetivamente estranha.

O mundo passa à nuance do preto e branco, certamente a espera de Nada, não é uma surpresa, e sim o conforto de “nada como ver a vida sob a mirada de óculos de escuros”. Mas contrariando a expectativa, eles não acalmam as vistas frente ao sol. Os óculos funcionam como instrumento de crítica da realidade. Na verdade, de crítica da ideologia moderna difusa no ar, permitindo que as mensagens efetivas, não as aparentes, por de trás das ferramentas do capital sejam vistas como são. As propagandas, as mensagens que se têm contato durante toda a existência, se vistas com os óculos, praticam um oposto absoluto do momento em que se está sem eles.

A vida a partir dos olhos é uma existência em cores, na qual se observa uma propaganda cuja mensagem é: tire férias em uma praia no Caribe. Que vista em branco e preto, só o que avista é uma mensagem dura, fria e cinzenta: case e reproduza. Todos os jornais, revistas, panfletos, toda a parafernália comunicativa confere ao ser em questão um mensagem clara (branco) e direta (preto): obedeça, compre, use. O engraçado desta perspectiva é como ela incide no humano, quando Nada extasiado para em uma banca de jornais, ele é inquerido pelo vendedor que o convida a pagar ou sair fora dali, pois não queria confusão naquele dia. A personagem baixa a vista, sem os óculos, na direção da mão do jornaleiro e olha para algumas notas de dólar, e colocando os óculos vê a mensagem: THIS IS YOUR GOD.

No longa, essa maneira de organização da vida terráquea se fixa a partir de dominação extraterrestre. A noção que transmite os ditames exercidos pelas pessoas é um sinal de TV. Difundido massivamente, o sinal, juntos aos outros recursos, amansa estes seres. E se utiliza deles como receptáculo de normativas sociais que ditam a sobrevida humana e mantém os alienígenas dentro de uma possibilidade de exploração do outro. Seria divertido, não fosse um vislumbre do exercício humano corrente. Há uma crença que o sci-fi trata, em distopias, de irrealidades e projeções futuras, mas parece

110 THEY live (Eles vivem). Direção de John Carpenter. Produção: Larry Franco. Intérpretes: Roddy Piper, Keith David, Meg Foster. Los Angeles: Universal City Studios, 1988. 1 DVD (130 min.)

constantemente que não. Os seus temas apontam para uma exacerbação do real, e às vezes nem tanto, trabalhando de fato em cima de problemáticas muito antigas e presentes. A projeção que se consegue fazer do desconhecido é nada mais que o conhecido.

Zizek¹¹¹ aponta a crença de viver em uma sociedade pós-ideológica, na qual acredita-se que a ideologia se faz de maneira turva, cujo papel seria confundir nossa visão direta. Seguindo esta lógica, o corrente seria perceber o implemento de Carperter de modo avesso. Assim, a ideologia a partir desse senso comum poderia ser os próprios óculos, pois são eles a anuviar as vistas – fazendo com que a crítica fosse o inverso: ao retirar os óculos você pode ver a vida como ela é, ou deveria ser. Mas é esse o máximo da ilusão humana, o filósofo justamente aponta um terreno doloroso de adentrar, em que crê em uma ideologia que se impõe. Isso gera um apagamento então da relação mais espontânea que a ideologia possui com o mundo social, qual seja, a percepção que se faz dela e com ela. Faz-se uso dela, de maneira efetiva, gosta-se da ideologia – reforça e reivindica-se ela como parte constituinte. “Sair da ideologia machuca, Você tem que se esforçar para conseguir”, lembra Zizek.

É neste ponto em que a literatura de Maia se encontra com o cinema de Carpenter: Edgar Wilson e Bronco Gil se mantêm em oposição frente a um acontecimento, assim como John Nada e John Armitage opõem-se frente a algo que compartilham. John Nada quer que seu melhor amigo experimente os óculos, nem que para isso tenha que obrigá-lo, para que perceba o mundo que ele viu. Essa cena é, de fato, a que mais causa estranheza. Ela é uma cena de quase oito minutos, na qual Armitage se recusa a pôr os óculos. Poderia, de modo superficial, parecer nada razoável como lógica, visto que nestes oito minutos as personagens se espancam, em um jogo de força entre a resistência em saber ou não saber.

Soa igualmente à reação de Bronco Gil, que em toda a sua falta de instrumentos para corroborar sua hipótese, e ainda a posição contrária de seu colega, o qual presencia o acontecido, não admite nem a possibilidade. Ele segue relutante durante cinco capítulos em sua ideia. Como no longa, em primeira instância, a possibilidade de existir um predador é de todo razoável, acreditar que alienígenas dominaram a terra e interceptaram os meios de comunicação pareceria demais, é fato. Todavia, quando menciona “**Não**

111 THE pervert guide of ideology. Direção Sophie Fiennes. Produção: James Wilson, Martin Rosenbaum, Katie Holly, Sophie Fiennes. Apresentação: Slavoj Žižek. Roteiro: Slavoj Žižek. Nova Iorque: Zeitgeist Films, 2013. 1 DVD (136 min.)

entendo por onde ele entrou. **Não tem nenhum vestígio**. A cerca tá toda boa aqui e ali¹¹², Bronco, ele mesmo se coloca em algum lugar de desconcerto, no qual resvala, mas sempre acaba caindo para o lado que parece ser mais confortável.

É como se Armitage, segundo Zizek, estivesse ciente da consequência dos óculos e por isso não quer colocá-los de modo algum. De modo espontâneo, prefere se manter na mentira, porque a verdade é pesada, sofrida e dolorosa – isso poderia destruir muitas de suas ilusões, crenças arraigadas.

A descrição de um diálogo entre as personagens de Maia replica a cena entre os Johns de Carpenter, na qual se indica essa afirmação:

- Espero que esse bicho não demore pra dar as caras – comenta Helmuth.
- Era onça ou javali? – questiona Vladimir, retornando de mijar e se acomodando no chão.
- **Não deu pra ver direito – diz Bronco Gil.**
- Os homens caem na gargalhada. Bronco Gil fica sério.
- O Edgar contou que teu olho caiu. – diz Vladimir, debochado.
- Mas o olho bom tava bem aberto – responde Bronco Gil, enfurecido. Ele se levanta e caminha para longe. [...]
- E você, Edgar, não viu nada? – pergunta Helmuth.
- Não tinha nenhum predador – responde lacônico.
- **É claro que tinha** – retruca Bronco Gil em tom alto enquanto mija na árvore.
- Mas você não viu – diz Helmuth para Bronco Gil.
- E então, Edgar, o que foi que você viu? - insiste Vladimir.
- A vaca se atirou contra a parede do matadouro – responde Edgar Wilson.
- Assim, sem mais nem menos? – fala Vladimir.
- Edgar, você não sabe o que fala – contesta Bronco Gil ao retornar [...]
- Uma vez eu tive um cavalo que se recusou a comer e definhou até morrer. – comenta Helmuth. - Nem água ele bebia. Virava o cocho.¹¹³

A síndrome de Carpenter se perpetua até nas vidas mais precárias, apesar da aparência de “um nada a perder”; até mesmo as pessoas sob os regimes mais cruéis são interpeladas, sofrendo do mesmo tipo de processo de uma autoridade/entidade/instituição social agindo em igual intensidade em uma coletividade absolutamente heterogênea. Tal força não modaliza, ou poupa a partir de razões como a desigualdade. Todos são incitados e encorajados pelo desejo de descobrir seus potenciais, suas tendências ao

112 MAIA, Ana Paula. **De gados e homens**. Rio de Janeiro: Record, 2013. p. 66 (grifos nossos).

113 Id. p. 78-79. (grifos nossos).

amor, às noções de vida prazerosa – ou no mínimo se sacrificar para conseguir, ou morrer tentando. Essa é a (des)graça do semblante democrático, notar que contrariamente às histórias contadas e incorporadas o que é vivenciado não passa de uma ditadura do bem-estar, de liberdades, igualdades e fraternidades impossíveis de se manifestarem em larga escala. Pois elas se apoiam justamente nas desigualdades e desequilíbrios que se tornaram mercadorias do nosso tempo.

O que encontramos nos textos maiescos são manifestações da e reações à dessa síndrome. As dificuldades de aceitar, de sair, romper com a ordem violenta e invisível que sustenta essas aparentes liberdades, claramente não permitem que outras evidências se criem. A aparência do semblante é, por isso, um uso constante de camuflagens. Bronco Gil insiste em sua versão, pois, metaforicamente pelo seu olho de vidro, há algo que lhe impede de extrapolar o limite dessa ordem hegemônica. Essa película ocular está alojada, mas necessita de algo tão drástico para fazer sair, quanto uma incisão cirúrgica.

Esse é o paradoxo da ilusão moderna; não admira que tanto Carpenter, como Maia se reportem a uma mesma crítica. Em todo seu romance mira-se em uma nuance de desconstrução do que Badiou chama de *semblant*¹¹⁴. O semblante é a faceta, em outras palavras, visível da realidade o que não incide nem confere verdade à vida. O semblante deriva do (re)sambler [parecer-se], o que implica diretamente em um parecer, mas não em um ser, logo, faz-se a necessidade dos óculos mágicos. Badiou tenta criar instrumentos de acesso ao real, a partir de um limiar, ou brecha que se cria entre a vida que *resamble* e o real¹¹⁵.

Tanto em *They Live*, como em *De gados e homens*, as ações que desencadeiam uma possibilidade de algo que se relacione com libertação, cuja força surge por meio de violência extrema. O que quer dizer que, se não houver algo que force a liberdade, ela nunca poderá emergir do lamaçal que é a modernidade. Do ponto de vista do senso de regência interno do homem, nada que coloque em risco sua “proteção, bem-estar, prazer, relações” pode ser aceitável. Como filtro único, esse senso nunca permitirá qualquer possibilidade de ser livre.

114 BADIOU, Alain. **Em busca do real perdido**. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

115 Real é como Badiou se refere a vida desvelada, desmascarada de suas ilusões. O real não confere inexistência a realidade semblable [semelhante] mas essa não confere um olhar que retorna a uma origem e, portanto, uma responsabilidade. Afinal dizer que há um real em oposição ao semblante poderia ser percebido como a negação das vidas acometidas por ele no caso de não existir. Se não existe quem impele o sofrimento, o segundo não poderia impor-se como a tragédia de tantos trabalhadores.

O espantoso em Maia se coloca como ferida, que é o desastre moderno, enquanto a síndrome de Carpenter deita-se como um bálsamo. Ela transporta até quem observa o incidente com racionalmente de volta à lida banal e nula da existência, que parece sempre reconfortante. Tanto que, apesar das tentativas frustradas de ajudar Bronco em seu discurso insano, em capturar o(s) predador(es), Vladimir, Helmuth e Edgar, mesmo tendo debatido sobre a a ideia do colega. Talvez por saberem que mesmo sendo a hipótese uma improbabilidade, é mais comodo dar sempre uma chance à ela. Tanto que o debate desvirtua e vira uma ridicularização do olho que cai – da impossibilidade de ver. Edgar diz que a vaca fez aquilo a si própria e Bronco contraria a possibilidade. Não quer acreditar no que o colega afirma: “eu sei o que vi. E não tinha nenhum predador lá. Nem no pasto, nem fora. A vaca se matou – conclui Edgar Wilson”¹¹⁶. Edgar é o ponto limite entre um real e o semblante. Algo o solicita intimante a questionar os contratos e as letras miúdas que se deixa por ver, mas nunca se dá atenção devida. Edgar é o contraponto, nota-se:

- A gente confinava todos de uma vez só. Bronco Gil fala com prazer – e ia abatendo eles bem devagarinho.
- Comida é o que atrai os animais e deixa eles bem mansos – Edgar Wilson.
- Por isso mesmo, Edgar. Como a vaca foi endoidar assim? Elas ficam aí confinadas, comendo e bebendo... só esperando morrer – fala Vladimir.
- Mas isso elas não sabem – retruca Helmuth.
- Como você tem certeza que elas não sabem? – indaga Edgar Wilson.¹¹⁷

Em uma dialética do contrário, a vida ali se reafirma pelo implemento dos inversos, como é recorrente na linguagem [e no teor dela] usada por eles, cuja compreensão do real se promove na percepção da coisa como tal, mas vista a distância. Edgar e suas deixas indica algo como: o perceptível é um semblante, pois o fato não se estabelece com clareza para aquele que entra em contato. O semblante tenta sinalizar para outras coisas como as vidas não só humanas que vivem um jogo de tensão com a precariedade e subordinação que o lugar oferece como troca. Coloca-se como desapropriação constante das existências, e ainda que indesejável, é sempre mantida por esse inaccessível ao semblante. Ainda que dura, a vida não pode ser suprimida ou escondida por desagrado, ou ainda mantida por receio de um novo.

Isso impede o que torna ou dá acesso ao mundo real, mesmo que este seja sujo, feio e roto, de escapar – mesmo que efetivamente ninguém queira olhar. Desse esquema

116 MAIA, Ana Paula. **De gados e homens**. Rio de Janeiro: Record, 2013, p. 78-79. (grifos nossos)

117 Id. p. 80-81.

psíquico de reação, a vida percebe-se e segue para um momento de *reset*, em que se apaga ou suprime. No romance, como o trecho citado denuncia, os conteúdos das conversas, as descrições, os interesses em geral carregam a própria vida de angústia. Por outro lado, é manifesto sempre como uma vantagem frente ao outro, cuja verdade contida só servisse a sufocá-los. Tornando sua fala um tipo de código, no qual o ser não humano é forçosamente o humano. E um descrédito com a implicação que isso pode ter, não importa porque passa com o Outro, sendo isso o mais assombroso, qual seja, a ilusão da distância e um perder de vista que o Outro sou *Eu*. E isso parece sempre afrontar Wilson.

Talvez uma das maiores questões a serem desveladas ali seja o trabalho. O trabalho, como é conhecido hoje, tornou-se como um dos pontos centrais a vida humana. Não por ser parte da existência, mas pela sua obrigatoriedade, sua violência em adentrar a vida e por ser recortado e delimitado. O trabalho precisa ser chamado de trabalho por certas regras e características, excluindo toda uma série de outras atividades que já o foram.

Assim os instrumentos implementados a esta categoria resultam em uma espécie de aceitação da ilusão do trabalho. Em que o contrato com esta ilusão, nunca pode ser quebrado, amoldando as vidas para que elas não consigam nem mesmo sair deste lugar. A depender do ato de tirar ou seguir com estes óculos. A metáfora de Carpenter é emblemática neste sentido, pois está focada no paradoxo que é a existir uma resistência, por vezes insistência, da parte em sofrimento para manter-se neste lugar que ironicamente tornou-se comodo. Assim, a maior desconstrução que o ato de desanuviar as vistas pode ter se aplica num todo, o trabalho é mais um parte, que é a vida. É ela que necessariamente terá de ser desvelada.

3.2 Toda ação é trabalho e o *triggering*

Neste item poderia-se começar por algo que é a provável denúncia do fracasso que foi, e segue sendo, a modernidade. Como tentou apontar o primeiro capítulo deste estudo, o trabalho passou por muitas incursões para tornar-se a *coisa* que é conhecida homonimamente hoje. Anders¹¹⁸ levanta uma ideia destacável sobre o tema, na qual para ele o *trabalho* seria um substituto da *ação*. Na qual o esvaziamento de sentido foi sendo preenchido apenas pela demanda, e não por um instinto [seja de necessidade, ou desejo]. Neste fazer vazio, recai-se sobre o justo ponto da história que foi exemplar da vida moderna a partir, ou depois: a *Shoah*. Quando os encarregados das fábricas de matar do Terceiro Reich executavam seu ofício, sem o peso em mente de executar um plano maligno, apenas como um trabalho, é porque exatamente não admitiam que fizessem algo distinto de trabalhar. Fazer “nada”, então, era um fazer nada que necessitasse de um responsável. Nada de “mau”.

Para Anders¹¹⁹, esse mecanismo advém de uma lógica implementada ainda na industrialização das fábricas. É a estruturação da produção em série que instaura uma impossibilidade, a qual imputa ao operário uma separação daquele que seria o *produto* na esteira fabril¹²⁰. Sim, isso também acontecia na máquina mortífera hitlerista, quando o processo total é partido em que:

o eidos do produto-final permanece invisível ao operário – ou melhor, sequer importa para ele – ou melhor, nem sequer deveria importar-lhe – ou melhor, em último análise nem sequer é permitido que lhe importe. É a típica do trabalho atual a sua aparente neutralidade moral; non olet; nenhuma finalidade do trabalho, por mais perversa que seja, pode macular o trabalhador. Quase todos os empregos atribuídos ao e realizados pelo homem hoje são compreendidos como pertencendo a este tipo monocrático e universalmente aceito de operação¹²¹.

Que o produto-final aqui seja a morte é apenas uma coincidência. Dada a sua necessidade, fazê-lo, mesmo em seus pormenores, não pode ter nada a ver com morte, justiça ou crime. Trabalha-se em cima do que deve ser feito, não há espaço na conjuntura do trabalho para questões éticas ou mesmo morais. O trabalho moderno incorporou uma

118 ANDERS, Günther. Teses para a Era Atômica. In: **Sopro 87**: panfleto político-cultural. Abr. 2013. s/p. Disponível em: <<http://www.culturaebarbarie.org/sopro/n87.html#.XeFHHtFv9VQ>> Acesso em: 9 set. 2019.

119 Id. s/p.

120 Ver capítulo I, no qual essa remarca anterioriza o fenômeno a um tempo anterior também à revolução industrial europeia.

121 ANDERS, Günther. Teses para a Era Atômica. In: **Sopro 87**: panfleto político-cultural. Abr. 2013. s/p. Disponível em: <<http://www.culturaebarbarie.org/sopro/n87.html#.XeFHHtFv9VQ>> Acesso em: 9 set. 2019.

retidão (ser plano, reto) como aspecto de si. Que até as ações, por mais condenáveis que sejam – pois sim, existem elementos que poderiam conduzir a uma crítica não moralista do que é condenável ou não – deixaram de se ocupar desse alerta.

Sendo assim, o exercício com o qual se tem contato é a forma mais elaborada de uma camuflagem da ação, e é na verdade uma fantasia eficaz da qual se veste e que “exime até mesmo o genocida de sua culpa [...]. Pois entra em acordo com um regime de padrões e normas em que o trabalhador se encontrou não apenas “liberto” da responsabilidade pelo seu trabalho, mas também simplesmente não pode ser culpabilizado por ele.” Assim resultou-se em uma consequência drástica, aos que queiram subverter a equação, que é vista por Anders enquanto decisiva hoje, na qual afirma vulgarmente no senso comum: “Toda ação é trabalho”. Mas que, segundo o filósofo, devemos ter a coragem de invertê-la e reformular: “Todo trabalho é ação”¹²².

A proposição de Anders é arriscada e brutal, mas não ingênua. Qualquer ação é trabalho, pois ela foi destituída de responsabilidade, logo, qualquer ação pode ser justificada como necessária porque ela é ratificada pelo selo *trabalho* – ação que dita a vida na modernidade, atividade através da qual o mundo funciona, exercício sem o qual a máquina não gira e debilita a existência, porque deixa de criar mercadorias que alimentam a ânsia e o desejo mal interpretados, percebidos como carência sem a qual não se pode seguir.

Recolocar, por outro lado, a responsabilidade sobre os indivíduos não deve ser entendido como a entrega de uma mochila cheia de pedras para alguém que escala uma montanha. Ela é uma retomada do saber, e o saber provoca possibilidades de re(ação), de intento consciente sobre os pontos anulados nos/dos campos visuais. É uma responsabilidade que se constrói da parte grande em direção a pequena parte, de modo que seja partilhável, que insista numa tomada de responsabilidade pelas ações.

Quando se converte a máxima em todo “trabalho é ação”, o foco recai sobre a atitude, ela carrega o peso do que possa significar. Portará daí a maculação ou a imaculação enquanto gesto – e por isso poderá ser digna de questionamento sobre seus impactos e resultados. Se, pela trajetória que se tomou até aqui, o gado é o homem, e, ao mesmo tempo, os [seres humanos] que vivem sendo o próprio gado estiveram sujeitos a um holocausto, específico em seu tempo e justificativas, o que se traduz desse romance é efetivamente que o declínio máximo da técnica na modernidade [holocausto judeu¹²³]

122 Id. s/p.

123 Apesar de sempre referir-se como uma passagem judia, mas é importante reiterar que outras comunidades identificáveis foram colocadas sob as mesmas condições e mesmos princípios e exclusão,

ainda é exercitado como um holocausto animal constante, não visto, justamente por estar escondido no lugar mais comum, que é no cotidiano. Da carne que se degusta, o couro que se ostenta, as torturas exercidas para fins cosméticos, ao gato com pelagem de leopardo comercializado e encarcerado para ostentar o desejo pelo belo objeto. Esse é o preço que tem sido pago pela diferença no ser, no agir.

Em que o resultado é efetivamente a transfiguração da *Shoah* orquestrada por Hitler neste holocausto animal corrente¹²⁴ – que, no tempo presente, se personifica na indústria da carne e seus ramos. Foi da procura pelo justificável, naquele momento de degradação social, que a criação de um bode expiatório da diferença foi necessário, cujos Outros identificáveis que não arianos serviram como meio. Aqui o exemplar da *diferença* que justifica é também um Outro, o qual se opõe à lógica, vive à sua maneira, não se deixa capturar pela palavra oralizada e por isso é criminalizado barbaramente – conformando uma exclusão – a de ser ou não humano. Ainda que uma crítica de classe possa também ser citada, qual seja, a da matança da juventude pobre nas favelas [seu sítio de subjetivação e confinamento], como exercício simbólico do poder máximo da exclusão da diferença. Assim, se a assertiva de Anders está correta, é neste exato ponto que se encontra o entrave de tomar a ação como ato [meio] que não pode ser justificado pelo seu fim:

Edgar Wilson permanece calado como se não ouvisse nada. Helmuth o chama pelo nome e o sacode. Percebe que Edgar está coberto de fibras, pelos e sangue.
 – Elas se ajoelham e choram – diz Edgar com a voz baixa, sonolento.
 – Do que você está falando?
 – As ovelhas. Elas te olham se ajoelham e choram antes de morrer.
 Edgar Wilson dá uma longa tragada no cigarro. Enche os pulmões de fumaça e solta pelo nariz lentamente.
 – Quase não consegui, tive que quebrar o pescoço de algumas primeiro, aí eu cobria os olhos delas e as degolava – conclui Edgar.
 – Você precisa de um banho – diz Helmuth.
 – Que tipo de homem você é? – pergunta Edgar Wilson.
 Caem em silêncio. Somente o som delicado do cigarro queimando ao ser tragado pode ser ouvido.
 – Edgar, são apenas animais. Estão debaixo da nossa autoridade.
 – Pra viver e pra morrer?
 – Pra nos servir.¹²⁵

Esse trecho retoma, enquanto sequência, um outro momento em que Edgar diz não gostar de matar as ovelhas. Matar ovelhas, bois, dentre outros seres, confere ao

sofrimento e aniquilação por serem representativos da diferença.

124 BONG, Joon-ho. *Okja*. Los Angeles: PLAN B ENTERTAINMENT, 2017.

125 MAIA, Ana Paula. *De gados e homens*. Rio de Janeiro: Record, 2013, p. 93-4.

matador o mesmo resultado, algo que deve [e parece] ser carregado nas costas como um pesar. Uma sensação de agravo, que, em primeira instância, deveria levá-lo a pensar na ação antes de sua práxis. Tomando, a cada passada na história, mais espaço, a problemática da ação banalizada, ou justificável pelo seu fim, dá lugar à percepção delas como portadoras de derivações, das quais se retira mais motivações e manejos sociais, como “um simples exercício”. Existe do outro lado algo que se relaciona intimamente com ela; neste caso, quem segura a outra ponta da corda é o ser que tem a vida retirada como se nada ali pudesse habitar. Como se o que nutrisse a carne do ser fosse o vazio absoluto, destituído de sentido e sentir.

Edgar parece desgraçar a prática na qual se encontra inserido, justamente na culpa que transparece portar [sim, ainda não se trata de uma responsabilidade – sempre adiada], e ainda que não se configura por um impedimento de realizar seu trabalho, isto é, matar as ovelhas, o paralisa momentaneamente. Nestes pequenos momentos de paragem é possível vislumbrar a construção de significado, no próprio corpo de Edgar Wilson, da matança desenfreada e da violência desmedida da qual tira sua sobrevivência.

Incorporar a assertiva de Anders¹²⁶ é, por isso, um espaço no qual se deve debruçar sobre, como caminho a uma quebra altamente pulsante de força para contradizer a lógica difusa. A tomada da ação como forma responsabilizada é o refreio social razoável, que não por meio de utensílios de coerção e abstração da escolha, ele é radicalmente a instalação de um buraco no qual os atos de delegar e ordenar não podem entrar. Só se pode adentrar sozinho.

Como continuidade, Anders¹²⁷ investe neste método de desvelamento do trabalho. Junto à primeira camuflagem, ele replica como uma segunda variedade se instalou em seu tempo-espaço e frutificou como ação, substitutiva do trabalho, em que a ação carrega uma destrutividade de proporções catastróficas. Esse é o *triggering* [ou desencadeamento], esse é um trabalho interessante do ponto de vista da técnica. Ele carrega em si a sequência, continuidade do trabalho anterior, da ação destituída de mão. Nele acontece a conformação exatamente através de ausências, cuja especificidade é do trabalho. O esforço, a consciência de si, nele e com ele são minimizadas, quando não apagadas.

126 ANDERS, Günther. Teses para a Era Atômica. In: **Sopro 87**: panfleto político-cultural. Abril de 2013. s/p. Abril de 2013. Disponível em: <<http://www.culturaebarbarie.org/sopro/n87.html#.XeFHHtFv9VQ>> Acesso em: 9 set. 2019.

127 Id. s/p.

A camuflagem do trabalho, que é o desencadeamento, na atualidade instalou-se em quase qualquer tipo de atividade, quase tudo pode ser obtido por meio dele. O filósofo retoma os eventos em que o apertado de um botão, que de maneira mais próxima parece não refletir em nada, no entanto ao longe gerou tamanha destruição. Constituindo montanhas invisíveis de cadáveres aspirados no ar, jamais imaginadas ao sinal de apertar o simples botão. Neste sentido, é que nenhum operador “apertador-de-botão (se um tal ainda for necessário) sente que está agindo”¹²⁸.

O aparente “não ter feito nada” ou “ninguém especificamente realizou algo” gera um impacto monstruoso. E, ainda, este seu *continuum* [do apertado de um botão] seja percebido como produção do nada, ele é efetivamente um evento de aniquilação absoluta. Se vista a partir da cena, na qual a protagonista da ação está alojada, onde o ato e o resultado não coincidem no palco, nada resulta como efeito. O sofrimento foi projetado como um míssil, para bem longe dos olhos deste. Assim sendo, “a causa e o efeito estão indissolúvelmente apartados, ninguém pode compreender o que ele está fazendo – ‘esquizotopia’, por analogia com ‘esquizofrenia’”¹²⁹.

Deste efeito, por evidência, somente resta a imaginação, em que somente resta a tentativa de trazer assim a distância para perto e o tempo passado, ao presente como um intento de acessar a verdade; quer dizer, desse tipo de ofício somente se pode enxergar efeitos a partir de um esforço mental, pois a percepção imediata, do contato com, fica do lado de fora. Essa variante é realmente singular, Anders acerta ao nomeá-la camuflagem, sendo aquela que se apaga da retina mesmo quando sob o foco ocular. E sendo este o ponto, visual, mais refrante da ação que a coisa [qualquer] possa conter, ela age de maneira muito exemplar – o de eliminar das vistas o retorno-bumerangue que a ação exerce:

Enquanto anteriormente sempre foi o objetivo da camuflagem evitar que a futura vítima reconhecesse o perigo, o proteger o agente do inimigo, agora a camuflagem pretende evitar que o próprio agente reconheça o que está fazendo. Eatherly se encontra dentre aqueles que ele destruiu¹³⁰.

Como narrativa, a escrita de Ana Paula Maia parece traçar o mesmo caminho, ela faz um movimento de retorno a coisa que justamente engatilha os problemas. O trajeto que cumpre é uma engenharia reversa da indústria da carne, na qual o ponto limite de encontro em que o esforço para o compreender se instala com a visita ao matadouro

128 Id. s/p.

129 Id. s/p. (grifo do autor)

130 Id. s/p.

[topos], que apesar de sítio dos horrores, não é o que faz despertar, quanto menos desencadear.

Quando sai do banheiro, depara-se com o grupo de estudantes enfileirado, assemelhando-se ao gado consternado que segue para o atordoamento. [...] Ninguém sairá impune. Este pensamento deixa Edgar Wilson satisfeito. Aumenta o ritmo das passadas em direção ao box.¹³¹

Este objeto de camuflagem que se desvelar, por isso ele é característico na, quando exercício de outros seres, atuação do camaleão e não de um rato. O primeiro se traveste do ambiente, ele se oculta, mas impõe sua presença invisível, se enquadra na cena em que se encontra e a habita fazendo parte dela como tensão, o segundo escapa, corre à distância das vistas, esgueira-se, mete-se, esconde-se.

- é ele quem coloca o boi pra dormir.
- Como vai? Eu sou o professor Aristeu.
- Edgar Wilson.
- Então, Edgar Wilson, conta pra gente um pouco do seu trabalho – diz, entusiasmado [...]
- Eu sou o atordoador. [...]
- Ah, sim, fascinante. Acabamos de ver o processo de atordoamento pela *fresta* na parede. É um trabalho pesado. Demanda muita força física, muita concentração. Nem todos os alunos quiseram olhar. – O professor é interrompido pela voz de uma de suas alunas.
- Como é matar boi o dia inteiro? O senhor acha que isso é assassinato? O senhor não acha que sacrificar esses animais é crime?
- Edgar vira-se na direção da voz [...] depara-se com o par de olhos [...] Edgar observa seus sapatos de couro em duas cores, preto e marrom. Há uma fivela prateada na lateral, São delicados, limpos.
- Acho.
- [...] A mulher gagueja ao intentar mais uma pergunta, e dessa vez sua voz é mais contida e frágil:
- Então o senhor se considera um assassino?
- É.¹³²

Edgar Wilson consegue observar em sua atividade o ponto distintivo entre o que é ação e o que é trabalho. Seu trabalho é atordoar vacas e bois, ao mesmo tempo o resíduo que isso provoca é a aniquilação desses seres, isto é, a ação que pratica. Existe uma ingenuidade da parte de quem recrimina, a recorrência do pensamento que confere ao mau ato uma motivação insana e sem consequência. É como se houvesse um estar-fora da égide do sentir, medir e perceber, aplicado àqueles que praticam ações de algum ponto condenadas pela moral. Isso de modo peculiar é o que ocorre com Edgar, os

131 MAIA, Ana Paula. **De gados e homens**. Rio de Janeiro: Record, 2013, p. 67-68.

132 Id. p. 69-70.

questionamentos da mulher tratam de conferir a ele a culpa por aquelas mortes, e ele aceita o peso, mas não a culpa – esta ele devolve.

Ao mesmo tempo, sabe que esta não é a origem da *coisa*, sabe o peso que carrega pelo que faz, mas faz não por uma necessidade útil frente à fome, por exemplo, realiza uma matança diária porque existe um gado humano lá fora esperando, sendo alimentado pelo desejo, que o boi deixe de ser, boi. Esperam pela mercadoria, absolutamente, fetichizada, a qual faz da vida num curto espaço de tempo um lugar menos pior. Edgar sabe.

A negação e a transmissão da responsabilidade que nós compete sempre giraram em torno de um mal-estar, e Edgar quer devolvê-lo para o foco de onde ele vêm. O desencadeamento em Ana Paula Maia é propriamente real, ele é esquizotópico como a bomba deitada em Hiroshima. Aconteceu e foi elaborado em um lugar alto e claro, limpo, com cheiro de novo e homens de terno, lá estava o botão: de comer carne. Esse é o botão no jogo que Edgar e os outros trabalhadores jogam todos os dias. Não é o martelo, não é a frente da vaca, isso é a ponta do chicote, o fim da linha. Mas a ideia do consumo precisa ser, como dito muito anteriormente, assimilada e reencarnada constantemente num reapertar de botão.

A responsabilidade é compartilhável, como em tantos outros casos. O indivíduo do consumo é aquele que reaperta sem pensar, o que pode, de onde vem, em que implica, gerando e gerando mais violência e sofrimento. Efetivamente que o desencadeamento não age sozinho, ele assim como outros elementos pontuados se encaixam e enquadram num mapa do agir humano moderno, o qual é categoricamente complexo.

- O trabalho aqui é interminável. Amanhã chega outro atordoador. Vladimir traga o cigarro e prende a fumaça por alguns segundos.
- Esse negócio é muito lucrativo – comenta, engasgando com a fumaça. Retoma o fôlego e continua: – Enquanto tiver uma vaca neste mundo, lá estará um sujeito disposto a matá-la.
- **e outro disposto a comê-la** – conclui Edgar Wilson após tragar longamente. Solta a fumaça do cigarro e com ela não apenas libera tudo o que está nos seus pulmões, mas todo o embaraço no coração se desfaz. Até as nuvens em seus pensamentos se dissipam¹³³.

133 MAIA, Ana Paula. **De gados e homens**. Rio de Janeiro: Record, 2013, p. 32-3. (grifo nosso)

Do processo ideológico clássico, segundo Marx¹³⁴, deriva a máxima “*sie wissen es nicht, aber sie tun es*” – literalmente “eles não sabem o que fazem, mas fazem assim mesmo”. Ao passo que a ideologia que vigora no Capital é justamente baseada no contrário, “sei bem o que faço, mas o faço ainda assim”. É terrível de ler algo tão drástico, é violento de percebê-lo. Como pode, ainda que saiba, carregar tais ações e sintomas consigo? Saber e seguir sob os mesmos espectros e lógicas? É por onde o senso-comum tende a conduzir. Mas, na verdade, o que parece nunca é. Um assassino, um caçador, um delinquente, um atordoado, mesmo um juiz, todos eles carregam sonhos e desejos, ainda que pueris, particulares – que poderiam ser coisas de qualquer ordem. De modo, infantil é o efeito macabro do capital incidindo nos corpos, já que não é viável acessar o real, vive-se atrás de um sonho corrente que por meio do qual sempre se corre tentando alcançar um vagão de trem que já partiu. Essa é a cereja do bolo, sonhar não custa nada, ainda, na sociedade do assalariamento.

Afinal, é o humano um simples produto de uma série de circunstâncias objetivas surgidas de uma reação? À primeira vista, poderia, sendo constante o jogo que a autora transmite em sua escrita, dado pelo próprio movimento que a falta de um narrador faz, no sentido de exercer uma posição, um juízo sobre o fato. Quem são os culpados? Mas há em todo o ser uma margem, uma brecha, cujo tamanho comporta uma partícula, mínima, de liberdade para decidir como subjetivar as circunstâncias objetivas, as quais podem determinar a si mesmo. O modo como se reage a elas, as circunstâncias, é o encaminhamento no universo próprio que poderá se construir.

É dessa gama de desejos e ditames que se faz a complexa cadeia que amarra o ser e nega a possibilidade de, no mínimo, dispor-se com as coisas da vida. São entendimentos pré-determinados, cuja justificativa desabilitou o pensar. Mas não o saber, o qual é resguardado na intimidade, e que ainda pode induzir ao câmbio e que ainda permite a esperança.

3.3 Em busca de uma autonomia animal

Nesta última parte, buscou-se, caso seja possível chamar de tentativa, fechar o círculo. Nomear por “redondo, circular, esférico” é, como nas construções literárias,

134 MARX, Karl. **O Capital**: Crítica da economia política. Livro I: O processo de produção do capital. São Paulo: Boitempo, 2013.

sempre algo de pensado – passa longe do ingênuo ou coincidente. Fechar o círculo é a busca incansável por um retorno, não exatamente ao passado, mas aos indícios e traços, que deixados a ruir no passado, são caros para as tentativas da elaboração de respostas ao presente.

E talvez a proposição derive da busca, parecendo insana ou infantil, mas é aquela que vai mais longe, mais radicalmente longe nos problemas que assolam a vida, como um todo, nesta célula que estupidamente chamou-se de terra. Este minicapítulo é dessa forma um intento de forjar uma revolta frente às razões que parecem obstruir a potencialidade humana, mas sobretudo uma existência em equilíbrio e harmonia com o lugar de origem, de hábito e de recepção. O que permite brincar aqui com o nome que pareceu sempre mais digno do lugar que a vida habita: Casa.

Esta parte final enseja uma proposição de recomeço, ela não se justifica em si mesma como um ponto limite, não é o fim, um chegar ao topo da montanha, que o progresso construiu no imaginário coletivo. Ela é um continuar, pois o interessante e sábio do caminhar é o próprio caminho – o que diz também muito dos trajetos pelos quais a pesquisa pode andar. Um muito conhecido diz respeito, como disse Anders¹³⁵, ao recorte e à estagnação da coisa em objeto para que nele se possa impingir qualquer método ou ferramenta, cujo fim é circunscrito muito antes de iniciar. O segundo parece menos violento, é uma flexibilidade e a atenção dada à coisa, à qual é permitido de apontar para onde quer, e pode, ser conduzida. Conferindo-lhe mais uma característica de sujeito, que de objeto. Espera-se que este trabalho tenha andado mais ao lado da segunda maneira de realizar os experimentos, ao menos idealmente essa era a tentativa.

Assim, deixa-se levar pelos indícios que a escrita permite vislumbrar, deixa brotar e talvez queira incidir em algum ponto daquele que entrou então em contato com ela:

Edgar sente-se tão afinado com os ruminantes, com seus olhares insondáveis e a vibração do sangue em suas correntes sanguíneas, que às vezes se perde em sua consciência ao questionar quem é o homem e quem é o ruminante.¹³⁶

O extrato acima, como em tantos outros, é a permissividade que a personagem se dá efetivamente no modo como entra em relação com o Outro, no caso a vaca. Edgar caminha para uma espécie de junção com as vacas, torna-se constantemente mais

135 ANDERS, Günther. **Kafka**: pró & contra. Os autos do processo. 2 ed. São Paulo: Cosac Naify, 2007, p. 16.

136 MAIA, Ana Paula. **De gados e homens**. Rio de Janeiro: Record, 2013, p. 68.

próximo e mais sensível a elas. Mas essa sensibilidade em nada tem a ver com hipocrisias burguesas que possam tomar um lugar de bondade ou maldade frente ao outro – um lugar de julgamento; esse ser-estar sensível é estar sujeito a perceber o outro, o que confere então uma distinta característica ao outro, que é de ser algo em essencial frente aquele que observa, abandonando o lugar de coisa que o capital insiste em delegar a tudo.

Isso pode ocorrer porque a personagem se abstém de criar uma oposição entre si e o outro, deixando a percepção passar por outros lugares que não o da linguagem. O tornar-se aqui não necessita pontualmente uma transformação absoluta, mas sim de uma hombridade que permita uma aproximação sensível cujo modo simbólico aponta para um *devenir*. De outro modo, por uma repetição textual a autora faz com que o leitor acompanhe essas nuances em que ora se percebe ruminante, ora homem. Essa sensação que toma Edgar parece a permissão de um religar-se com a Casa. É da casa e para casa que se vai e vem, mesmo que numa des-percepção que permaneça, a Casa sempre está lá, o que se distancia é a espécie. Edgar parece ser o elo perdido entre a lembrança e o esquecimento que a modernidade propicia.

Em dois de seus livros, *Adeus ao proletariado?*¹³⁷ e posteriormente *O imaterial*¹³⁸, André Gorz lança uma hipótese que aqui pode conferir importância ao que se tenta compreender, reflexão que se direciona fundamentalmente à oposição de uma sociedade autônoma frente a uma heterônoma, as quais baseariam as relações de trabalho. A primeira prevê, como o nome denota, uma autonomia do trabalho [e como consequência manifestar-se-á em todas as ramificações da vida], a ponto de poder exercê-lo de maneira totalmente eletiva. Isto é, a possibilidade livre de praticar apenas algo que o ser se permita autonomamente. Eventualmente, se isso saltar-lhe à cabeça como uma dúvida, vale assemelhar esta relação à maneira como os outros seres fazem a gestão de sua existência. Não é ao acaso que pode nos parecer intrigante.

A segunda é evidentemente conhecida e vivida como forma do trabalho moderno. A heteronomia, para Gorz¹³⁹, relaciona-se com o princípio da escolha ditada por um estranho, oposto de si, quer dizer, um terceiro – que na produção da vida significa uma série de normativas sociais que se vinculam ao poder e ao Estado, pode-se pensar nas extensões do Capital como potência dominadora daquele que se permite capturar.

137 Cf. GORZ, André. **Adeus ao proletariado:** para além do socialismo. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

138 Cf. GORZ, André. **O imaterial:** conhecimento, valor e capital. São Paulo: Annablume, 2005.

139 GORZ, André. **O imaterial:** conhecimento, valor e capital. São Paulo: Annablume, 2005.

Neste sentido as regras dos outros estão constantemente soterrando a própria possibilidade de uma autonomia, de uma autodeterminação, o que diria respeito rapidamente a uma atuação desses seres nesse processo que é a vida. Assim, quando a sujeição dos entes [de classe] à vontade de grupos de poder [pessoas-ideias-ideologias] é a única forma de vida, não resta nada do ponto de vista da ação. Se você é o gado, no gado há de morrer. Sua existência não transita, ela é objeto da vontade de outrem. Mas quando, por algum motivo, uma fagulha faz escapar o trem dos trilhos, um movimento no sentido contrário pode ser criado. Para cada ato de heteronomia¹⁴⁰, pode surgir um novo de autonomia: se o indivíduo possui escolha ele pode [ao menos no pensamento] instituir e expressar-se na vontade e dela reflexionar algo muito brutal: a liberdade.

Essa é a fenda criada, segundo o filósofo¹⁴¹, pelo próprio capital, cujo caráter destina-se ao escape. É forma de potência que encarna o ato de transmutação da forma histórica de produzir as experiências trabalhadoras cotidianas. E ao fazê-lo pode representar uma negação-confronto-ruptura frente ao subjetivar capitalista:

Um das definições de *rebanho* passa por uma crítica incrível do ponto de vista da dubiedade que o exercício do “*tornar gado*” confere ao grupo, qualquer que seja. Rebanho é então um grande número de *animais* da mesma espécie agrupados e controlados pelo *homem*. Ora, em primeira instância, se animais for cambiado por homens essa poderia ser a definição exata e direta do que é o Capital. Em segundo lugar, o sentido metafórico ao qual se destina é pontualmente: agrupamento de *pessoas* unidas por um mesmo vínculo. O primeiro parece carregar uma verdade, enquanto o segundo um presságio. Mas finalmente os dois possuem o mesmo caráter.

Assim, conferir característica *de gado*, tanto ao humano, como a qualquer outro ser, é a forma eficaz que o Capital encontra de anular [pelo menos passar essa impressão] o processo autonômico de existir. Ao mesmo tempo, essa nomenclatura carrega um sentido importante, caído, oculto, carecido de escavação, mas que está lá guardado à espera de alguém que meta as mãos na terra. Ela é portadora de uma dubiedade, esse é o cinismo conferido pelo capital – os fósforos à fogueira estão sempre acompanhando a ferramenta de massacre.

Caso se retorne ao texto, o episódio crescente de forja da liberdade, protagonizado pelas vacas, tanto ao gado de boi, quando representação do humano, são uma tática que expressa a necessidade do ser autônomo. Assim, como as vacas, o impasse frente ao

140 Refere-se ao uso estrito que o autor faz em sua obra. Deste modo, carrega um sentido um tanto particularizado.

141 GORZ, André. **O imaterial**: conhecimento, valor e capital. São Paulo: Annablume, 2005.

qual se encontra a tragédia da condição humana, carece emergencialmente de resposta, exercício, penso, ação, qualquer elemento transformador que possa incidir de maneira verdadeira. Não apenas porque o homem segue sendo expropriado por ele mesmo, mas porque a vida no trabalho implementa o contrário do que manifestaria, a dignidade. As faltas, os excessos não cabem mais num só lugar, a Casa que recebeu a vida de maneira tão afetuosa perde suas características de receptáculo e vem tornando-se hostil. Assim, como os capítulos finais, onde o rio, o céu, o clima hostilizam o humano apartado.

Parece insano, mas a razão cultivada neste ser não permite desconstruções da hierarquia humano frente ao todo, considerado resto, pois a crença no mundo velado é mais forte. E a insistência nas pequenas quantidades de veneno diário é mais confortável que lidar com outras ideias.

A proposta que se tenta fortalecer aqui é exatamente da liberdade que a vaca exerce, quando ela quer pular do penhasco e ela pula, com a leveza que um ser de quase quinhentos quilos não poderia exercer. Colocando, assim, a questão fundamental: o humano, à beira do abismo, tem duas escolhas, eis o dilema. Edgar Wilson nunca vai pular. E por quê? Ele só pode servir nesse caso para um espelho do que está porvir. Sua função e exercício são exatamente daquele que se mantém no lugar do sofrimento para fazer passar ao restante algo de diferente.

É preciso que alguém fique no lugar da dor, para que a emergência de sair dali seja percebida e assim as tentativas de escape possam ser forjadas. Edgar é a ponte que conduz à emergência, ao ato radical. A ligação que ele ao longo do texto vai costurando, ao se relacionar com as vacas, constrói a chance de escapatória. Contudo, há um limite. Algo necessário insubstituível para que aconteça. Isso deriva da ruptura da crença antropo-logo-centrista, quer dizer, o homem como Ser que é, ou foi construído, não pode escapar de sua desgraça. Assim ele é a própria desgraça, é dele que se alimenta a roda da alienação do corpo e da mente, na qual os frutos são a dor e o sofrimento. O homem como instituição, que se tornou, só pode devenir em outros sentidos por meio de uma dissolução de si, também como entidade. É do novo se obtém a chance. Certamente que a modernidade tentar reforçar esse ser como tal, pois a ruptura com a instituição homem é também uma quebra com esse tempo e suas ferramentas. Desconstruir o homem é talvez uma das poucas formas de quebrar as lógicas modernas.

O homem como forma e medida não se demonstra incapaz do abandono dos votos, os contratos feitos [sem que as letras miúdas tenham sido oferecidas à leitura] há

muito tempo com o capital. Se fosse possível olhar para outra instituição moderna, poder-se-ia pensar na crença sobre o casamento, cujo poder sempre estará colocando as suas subjetivações em primeiro lugar. As chances nunca poderão se manifestar porque não existem pás suficientes para desenterrar o ser de potência-integrado-original que se foi um dia. As instituições retorcem percepções, reafirmam maneiras de viver e pensar. Como o milho e a soja, que se come e se alimenta também o gado, foi-se cambiando artificial e malignamente esse bicho e seus instintos deformando-o até chegar neste homem. Ele é fruto de uma árvore fictícia e transgênica, ele é um projeto, um semblante retorcido¹⁴² de seu tempo.

No caso de Edgar, a quebra ali proposta é o salto, cujo poder é de escapar deste corpo que aprisiona o ser. Essa alegoria serve a representação do brusco e violento que carrega essa mudança. O salto tanto das vacas e a convocação que poderia ser entendida a aquele(s) homens é a libertação desta lógica, desta vida. Vale ressaltar que este homem é representativo da instituição homem, ele é ali o representante de cada um de nós. Seu salto é a escolha que esta em jogo para a ruptura com o martírio do trabalho e da vida tal qual todos conhecemos.

O fato é que Edgar não pode pular porque ele é o Homem e esse exercício radical de liberdade não se coaduna com a expressão do homem moderno. É somente de um convívio com os outros seres que o protagonista pode incitar-se no novo. A identificação, sensação, um se deixar relacionar em alguma medida com um ser que é desqualificado que as suas convicções podem balançar. Ademais, as relações não se constroem apenas pelas noções preescritas, pela moral – elas se tocam, se efetivam também pela troca e por um deixar-se encontrar com um Outro. É lá que Edgar vai passando gradativamente de Homem Moderno a uma Vaca, certamente essa a linha não é direta ou reta, nela há avanços e recuos. Afinal, na medida em que Edgar e seus companheiros são colocados no lugar das bestas é que as vacas são cada vez mais humanizadas, até o ponto alto do exercício, quem sabe, maior de liberdade humana – o suicídio [um poder escolher].

No transcorrer da história o ser bruto e matador que vive da miséria e da morte passa de ser deixado à ignorância, àquele dotado de sagacidade e de percepção. Ignorância refere-se, para precisar, um deixar de lado, em uma margem fora do alcance dos olhos para que não seja notado. Contudo, isso não é capaz de impedir que o personagem perceba a sincronia, as particularidades e singularidade daqueles seres.

142 Cf. MAUPASSANT, Guy. **Contos Fantásticos**: O Horla & outras histórias. Porto Alegre: LP&M, 2008. Alude ao conto *A mãe dos monstros*.

Talvez isso esteja realmente relacionado com os processos de alteridade, empatia que poderia ser desempenhada entre essas pessoas. Esse é o *start* do abandono do ser homem.

Assim, a maneira de montar as passagens parece possuir um artifício de combinações. Maia recorre constantemente a uma descrição de elementos que aproximam os ruminantes dos homens, os primeiros sofrendo de características humanizadoras [benéficas] e os outros num distanciar da sua humanidade e partindo a uma animalidade negativa, que seria melhor expressa por *bestialidade*, denotando como a inversão é carregada de potencial. O que também decorre também das dificuldades de fazer isso de maneira não humana, quer dizer, tornar os outros seres “humanos” ou aproximá-los disso é a tentativa mais gentil que o homem parece perceber. Deixando de lado questões como a alteridade do outro, que obviamente não tem qualquer relação com as nossas visões humanas deles, ou de nós mesmos. Os intentos humanos giram sempre em torno de deixar o outro “igual” a si, o que é violento em si, mas a tentativa é compreensível dada a dificuldade de pensar a partir de uma lógica não humana.

Outras vezes são os pontos de coesão entre os primeiros (as vacas) que denunciam como estes se instalam em uma coletividade mais sã e eficaz – contrariando a organização do homem, sempre turbulenta e nociva. Na primeira nuance, o processo que pode ser tomado como gerador é justamente a incapacidade de reconhecer-se: no pequeno, no médio e no grande, digamos, grupo. O pequeno seria o indivíduo como ser que está dentro do grupo, mas carrega seu espectro de singularidade; o médio é estar contido no que vimos repetidamente como genericidade: partilhar o comum aos iguais – a união como seres de características ímpares, comuns ao grupo; e, por fim, a unificadora, a parte que inclui como parte integrante do todo, de modo que a exclusão de qualquer coisa desequilibra a organicidade do todo:

Suspira, pesaroso. É seu trabalho, o único que o mantém vivo. Olha para trás. Os ruminantes que pastam sossegados, que permanecem no grupo ou sozinhos, logo estará frente a frente com todos eles; ele, que é a própria besta assassina¹⁴³.

Repetidamente, ao ouvir a frase “a parte está no todo e o todo está na parte”, pode-se sofrer de um estranhamento do qual qualquer humano ocidental partilharia. É sempre extenuante para seres construídos na ruptura com o todo se enxergarem como parte do

143 MAIA, Ana Paula. **De gados e homens**. Rio de Janeiro: Record, 2013, p. 28.

processo, seja ele de transformação social, seja de retomada de um elo perdido com a potência criadora natural.

O homem passou a notar-se na diferença com o outro [os próprios aspectos linguísticos nos dão pistas desse exercício], e não se perceber dentro de certos movimentos e sincronismos naturais. Age pela repulsa e não pela proximidade, nesta falta de um reconhecimento mais holístico o que parece fadar todos a desgraça do coletivo humano. Na passagem a seguir, o que ocorre é o contrário do movimento autônomo, que remete à contradição que Edgar passa a encontrar constantemente forçando-lhe uma atitude diferenciada:

O que Edgar Wilson faz é encomendar a alma de cada animal que abate e fazê-lo dormir antes de ser degolado. Não sente orgulho do trabalho que executa, mas se alguém deve fazê-lo que seja ele, que sente piedade dos irracionais¹⁴⁴.

Existe no imaginário popular hindu um trato que revela as suas distintas nuances dos costumes para a ocidentalidade. No que diz respeito ao lidar com outros seres, o homem deveria alicerçar essa experiência em um colocar-se no lugar do outro. Isso é, o que permite a possibilidade sacrificial ao homem não é uma crença na superioridade humano versus animal. Ao contrário, é um sujeitar-se às consequências e responsabilidades de sua escolha, um lidar com um processo que é de morte e, portanto, de não incumbir a um terceiro uma situação que é primordialmente sua. Segundo a crença, o consumo de carne deriva de uma situação de um si com o outro, o qual será levado a cabo tornando-se alimento – o que parece resultar num processo de responsabilização do que se mata ou do que se come. O ser sacrificado parece não ser um objeto único do desejo humano, antes de vir a ser alimento ele porta outras funções que lhe são próprias. A origem do processo não é o seu fim, ela é um conjunto. De tal modo, que não há como escapar do ato, que tende a ser indelegável, desabilitando a ferramenta de alienar esta ação, carregando-a de sentido. Ainda assim, a lógica pertence a um paradigma da diferença [oposição], em que a função e existência do outro se apercebe como algo além de função atrelada ao homem.

Efetivamente, o bem-tratismo ou até essa maneira menos omissa de lidar com os outros seres não isenta ou soluciona o problema total. O problema instalado, se ainda não percebido, advém de um ciclo de violência que sempre se instala como retorno, e também elimina a diferença [na equidade] afirmando uma supremacia frente ao outro. Por isso,

144 Ibid. p. 13.

essa perspectiva hindu pode ilustrar o quanto a responsabilidade é um elemento importante e não apagável, contudo ela sozinha não rompe com essa complexidade que é a relação de subjugar exercida pelo homem e por isso carece de auxílio.

Neste sentido, a partida de Edgar, o abandono do lugar, a crença dos trabalhadores que ali aguardam uma possibilidade de retorno ao “normal”, sinalizam o trajeto traçado pela flecha do progresso. Progride-se para continuar, não se pode parar, pois o rumo é sempre a promessa da melhora. Essa insistência no homem, como centro, é a escolha pelo seu próprio fim. Edgar Wilson acaba por entender porque as vacas se matam, é da situação. A liberdade, mesmo que a fórceps, é melhor que viver. Ele não é um par? Talvez seja o contrário – ele percebe a diferença, afirma que ao estar no lugar delas faria o mesmo. E por isso ele vai embora, segue para sua roda humana do trabalho, na qual matará porcos. Mas esse trânsito permite ao leitor menos catastrófico e ainda esperançoso, a percepção não de um fim, mas na desconstrução, cujo caráter poderia ser um recomeço – que incide mais objetivamente em termos de um fora, extraliterário.

Os romances ou as histórias de Ana Paula Maia carregam um traço engraçado, em ambos os sentidos, mas um deles é em certo ponto conteúdo moral-ético, manifesto por Edgar Wilson. Evidentemente, que isso diz respeito às suas próprias convicções, do que fica de dentro ou de fora. Mas o que interessa, no caso, é revelar a urgência de uma ética.

Parece finalmente que o ponto entre homem e vaca, neste sentido, é o apartamento da natureza, da origem, da pulsação latente e verdade do ser. As vacas tomaram a liberdade em suas mãos, forjando sua própria liberdade radical. Outra vida que não na liberdade integral não é vida, é sofrimento. Mas este lugar já faz parte do horizonte humano e historicamente só pode apontar para sua ineficiência. O rasgo necessário a ruptura com elementos vazios e destrutivos como o trabalho, as instituições, o estado e obviamente qualquer forma de hegemonia ditatorial, somente virá por essa tomada à força da liberdade, mas não se deve enganar, ela somente realizar-se-á na implosão induzida ao semblante. Que é a máxima vontade e a percepção de uma equidade dentre os entes da natureza, na qual todos partilham e exercem própria *função*. *Não mais serventia*.

Alvorada de ruptura

Talvez uma das coisas mais difíceis de um trabalho de pesquisa seja colocar o ponto final, o que para mim foi a maior delas; eis onde me encontro. Não é como se as dificuldades desse percurso fossem nulas ou passáveis, contudo, o fim, a marca/a cicatriz que é, exerce uma força doída e súbita na qual você acaba se agarrando para não correr ao infinito. Se você não der as mãos a isso, é possível que estabeleça um trato paranoico com a coisa. Ao mesmo tempo é da inevitabilidade de expelir isso, aqui manifesta, que numa espécie de parto do qual nasce algo que pode conter afeto, mas que também contém um sofrimento constante, desse exercício, que percebe a necessidade de *parar*.

Assim como o fechamento dado ao romance – ato máximo talvez na escrita literária – um de deixar para lá na pesquisa pode se fazer indispensável. Deixar ao colo de quem lê a coisa assim, do modo como ela está e, afinal, é consentindo que esse Outro dê a coisa uma ruptura que este em si eleja [um trabalho bastante autônomo e importante].

Por isso, minha ruptura é como o tempo que se instala, um vento que sopra forçado, quase dolorido. Tem ruído, tem cheiro nesta alvorada que tenta retornar, se refazer. O tempo é tanto o semblante quanto meu real, ele é meu contato com a natureza nesse momento, afogada em meio às árvores, às cigarras e a esse som que não me deixa esquecer, esse contínuo assobio é o que demonstra a impossibilidade do fim, ele para, mas nunca acaba, assemelhando-se a um respiro. E deste respiro que a pesquisa por vezes clama, um hiato para que se possa sentir.

Assim como meu princípio originário, a minha parada, minha escolha por pontuar um fim é fruto da necessidade de poder olhar a coisa. Estar dentro de um texto, lidar com as angústias do mundo, que certamente também são suas e minhas, é um esforço de estranho e agradável, bonito e triste. Consiste em dedicar suas forças a esse processo, que como tudo é trabalho. E como tantos outros, também mina a potência do ser, por isso é que parar [em oposição ao fim] torna-se uma escolha razoável. Meu princípio de paragem é obviamente algo inacabado, não fechado e passível de intromissões e retornos, acredito que carregue esta forma, pois meu desejo com isso é que como na literatura seja manuseado, mexido, retocado a partir das possibilidades de cada um que entre. Assim é como imagino e gostaria que Outros pudessem sentar e partilhar disto.

Adentrei este lugar na busca de apontar outros caminhos, colocar outras angústias, mas principalmente tentar compartilhar um pouco do meu todo, no anseio de trocar e ver quais resultados a troca ressignifica no Outro. O espaço que construo é como o que chamei anteriormente de *Casa*, um lugar de receber e acolher. De trocar afetos e desafetos, uma espécie de remontagem terapêutica que enseja mudança, mas não pela fratura ou pela exclusão. Esse trabalho, apesar de tudo, da revolta, das vontades, dos desgostos e das incertezas, é uma tentativa de promoção do sentir [perceber], que marca tão forte no Outro a nossa própria dor. Aqui o Outro foi deixado livre e este pôde ser, e eu junto a ele pude também.

Espero que eu possa ter sido, como evidência, aquilo que desejo à *Casa* e aqueles que habitam nela.

Este foi o projeto no qual busquei ressignificar o Trabalho, como explicativo gerador e quiçá portador de respostas à tragédia dada como imutável e intransponível, que é a vida humana. Certamente que fui jogada à condição humana e, finalmente, à aplicação que isso admite aos seres não humanos e toda a vida que tenta caminhar por aí.

De tal modo, que esse desdobramento da pesquisa foi se fazendo claro, ao longo do caminho, tanto que ele próprio foi se apontando a cada nova leitura do *corpus* e ainda assim a escolha do que tomei por tema lá atrás, *intra-corpus* literário, ratificou-se em minha hipótese, *extra-literária*, de o trabalho ser conceito pulsante ainda na contemporaneidade. E buscando uma aproximação efetiva entre texto e a teoria, dada de relance no primeiro contato com a literatura de Ana Paula Maia, acredito que se haja feito justiça a minha impressão, de que uma coisa traduz a outra e vice-versa. Elas partilham de um mesmo centro de pulsação, quase uma mesma energia. Em especial, acho que se alimentam no sentido de uma desconstrução de sentidos comuns sobre o trabalho, mas principalmente sobre o trabalhador, como ser fechado em si e que, pós fracasso soviético, perdeu sua potência de transformador. Não me refiro aqui a centralidade absoluta da transgressão do sistema por meio desta entidade, mas que ainda sob todas as nuances de mudança e “novidades” no trabalho, o trabalhador segue carregando consigo as imposições deste mundo. Ele é o retrato do malfadado tempo em que se vive. É o espelho do macaco humano.

Da outra ponta, parece-me que o aporte dado, tanto por Gorz, Anders, Antunes e mesmo Zizek recolocaram elementos caros em evidência: como ideologia, dinheiro,

salário, instituição, estado, alienação e fetiche, dos quais se consegue observar como o emaranhado do trabalho se conjuga com outras ferramentas para a sua manutenção. Além disso, não se pode ainda suprimir a valia, ao mesmo tempo, de outros como Arendt, Foucault, Derrida [em pensamento], mesmo Deleuze e Guattari que guardam em mim, após esse intento, um carinho. Que sem seus adendos, mesmo que em forma de assobio, acredito que teria sofrido mais, pois a seu modo auxiliaram-me no que eu tinha sob os olhos. Sua discussão a partir das outras formas de operar a modernidade implicaram na compreensão deste trabalho não mais tradicional, mais distante do trabalho fabril. Sem os quais observar o trabalho do hoje somente deixaria a dúvida, vistos todos os distanciamentos colocados entre os trabalhadores desubjetivados do hoje e daqueles outrora organizados na tentativa de processos mais dignos de trabalho.

Acredito que tenha sido demonstrado tanto da parte da literatura, quanto da filosofia, e ainda, da vontade política, a urgência da desobstrução dos canais da vida. E para além dos desencantos, o trabalho e o trabalhador, que somos todos, possui uma resistência viva, pulsante em si. E briga corpo a corpo com essa tensão que tenta levá-lo a nulidade, mas isso não transgredi a coisa somente resiste, por isso da necessidade tão urgente em transfigurar estas alegorias que um dia podem não mais resistir. E é por meio dessas estâncias do resistir a essa correnteza [que eu, vinda de um canto do mundo em que a água limpa e potente brota das fontes, faço questão de chamá-las assim], podem verter inspirações e vontades materiais de transformar não apenas o trabalho, mas todo o modo de existir.

Esse trabalho, ainda que fruto da minha loucura, não carregou o peso da pretensão de se fazer por exaustividade, dada a própria impossibilidade no tempo-espço. Assim, penso que, dado meu maior objetivo, foi exitoso o percurso que tomei, o de dispor àquele que se interesse por pontos fundamentais a partir do referencial, críticas ao mundo do trabalho, a condição humana [por um espectro mais amplo] e um desvelamento da questão *animal*, em linhas mais metaforicamente acessíveis. Ainda que haja espaço e possibilidade de ir além, afinal como eu bem entendi, no círculo não é possível encontrar nem o início e, ainda mais, o fim. Minha intenção é exatamente a de impulsionar, para seguir, junto aos que se disponham também.

Acredito, por fim, que o saber sensibiliza, pode refrear as síndromes como a de Carpenter, e reelaborar as cabeças até que seja possível irromper o que é a cerca de gado que somos. O papel em branco, escrito, o desenho, o borrão, mas não só, num marco de ter sido pego pela linguagem, são pretensas formas ainda de desconstruir o que tenta nós soterrar, até anular. A arte, aqui, segue como instrumental de ver no Outro a ruptura do marasmo.

REFERÊNCIAS

ANDERS, Günther. **Kafka: pró & contra. Os autos do processo.** 2 ed. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

_____. Teses para a Era Atômica. In: **Sopro 87:** panfleto político-cultural. Disponível em: <<http://www.culturaebarbarie.org/sopro/n87.html#.XeFHHtFv9VQ>> Acesso em: 9 set. 2019.

ARENDT, Hannah. **Sobre a violência.** 3 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

_____. **A condição humana.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

ANTUNES, Ricardo. **Os sentidos do trabalho:** ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. São Paulo: Boitempo, 2009.

_____. **Adeus ao trabalho?** 8 ed. Campinas: Ed. da UNICAMP, 2003.

BADIOU, Alain. **Em busca do real perdido.** Belo Horizonte, Autêntica, 2017.

CRUZ, Sonia Maria Chacaliaza. **Além dos estereótipos:** a construção dos marginalizados em *Entre rinhas de cachorros e porcos abatidos*. 2017. 130 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Letras, Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2017.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **Comum:** ensaio sobre a revolução no século XXI, São Paulo: Boitempo, 2017.

ÉLIS, Bernardo. **Melhores contos Bernardo Élis.** 4 ed. São Paulo: Global, 2015.

ENGELS, F. **O papel desempenhado pelo trabalho na transição do macaco ao homem.** In: MARX, K; ENGELS, F. Obras Escolhidas. São Paulo: Alfa-Omega, s/d. v.2, p.269-280.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir:** nascimento do prisão. 38 ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

GORZ, André. **Adeus ao proletariado:** para além do socialismo. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

_____. **Misères du présent, richesse du possible.** Paris: Galilée, 1997.

_____. **Crítica da divisão do trabalho.** 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

_____. **O imaterial:** conhecimento, valor e capital. São Paulo: Annablume, 2005.

_____. **Metamorfoses do trabalho:** crítica da razão econômica. 2 ed. São Paulo: Annablume, 2007.

ILLICH, Ivan. **La convivialidad.** Morelos, México: Ocoatepec, 1971.

- _____. **La sociedad desescolarizada.** Morelos, México: Ocotepec, 1973.
- KAFKA, Franz, **Um artista da fome e A construção.** São Paulo: Brasiliense, 1991.
- _____. **O processo.** São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- _____. **Essencial Franz Kafka.** São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2011.
- LE GOFF, Jacques. **História e memória.** São Paulo: Ed. da Unicamp, 1996.
- LIMA, Diogo Henrique de. **O anti-herói e a saga dos brutos:** configurações anti-heroicas em *Entre rinhas de cachorros e porcos abatidos, O trabalho sujo dos outros e Carvão animal.* 2015, 95 p. Dissertação (Mestrado) – Curso de Letras, Instituto de Letras, Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2015
- LISPECTOR, Clarice. **Todos os contos:** Clarice Lispector. Rio de Janeiro: Rocco, 2016.
- MAIA, Ana Paula. **Entre rinhas de cachorros e porcos abatidos.** Rio de Janeiro: Record, 2009.
- _____. **Carvão animal.** Rio de Janeiro: Record, 2011.
- _____. **De gados e homens.** Rio de Janeiro: Record, 2013.
- MARX, Karl. **Manuscrits de 1844.** Économie politique et philosophie. Paris: Éditions sociales, 1972.
- _____. **Contribuição à crítica da economia política.** 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1983.
- _____. **O capital:** crítica da economia política. Livro I: O processo de produção do capital. São Paulo: Boitempo, 2013.
- _____. **O capital:** crítica da economia política. Livro II. São Paulo. Boitempo: 2014.
- _____. **O capital:** crítica da economia política. Livro III: O processo global da produção capitalista. Livro III. São Paulo: Boitempo: 2017
- _____. **Manuscritos econômico-filosóficos.** São Paulo: Boitempo, 2004.
- _____. **A ideologia alemã,** São Paulo: Boitempo, 2007.
- MAUPASSANT, Guy. **Contos fantásticos:** O Horla & outras histórias. Porto Alegre: LP&M, 2008.
- NEGRI, Antonio. **Marx além de Marx.** Ciência da Crise e da Subversão – Caderno de Trabalho Sobre os Grundrisse. São Paulo: Autonomia Literária, 2016.
- OKJA. Direção: Bong Joon-ho. Produção: Interpretes: Tilda Swinton, Ahn Seo-hyun, Paul Dano. Los Angeles: Plan B Entertainment: 2017. 1 DVD (120min.)

PORTO, Ana Paula Teixeira. **Submundo e desumanização do sujeito em *Entre rinhas de cachorros e porcos abatidos*, de Ana Paula Maia**. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/brasilbrazil/article/view/69940>>. Acesso em: 20 jul. 2017.

SARAMAGO, José. **O homem duplicado**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

STEVENSON, Robert Louis. **O médico e o monstro**. São Paulo: L&PM, 2002.

THEY live. Direção de John Carpenter. Produção: Larry Franco. Interpretes: Roddy Piper, Keith David, Meg Foster. Los Angeles: Universal City Studios, 1988. 1 DVD (130 min.)

THE pervert guide of ideology. Direção Sophie Fiennes. Produção: James Wilson, Martin Rosenbaum, Katie Holly, Sophie Fiennes. Apresentação: Slavoj Žižek. Roteiro: Slavoj Žižek. Nova Iorque: Zeitgeist Films, 2013. 1 DVD (144 min.)

ŽIŽEK, Slavoj. **Vivendo no fim dos tempos**. São Paulo: Boitempo, 2012.

_____. **Violência: seis reflexões laterais**. São Paulo: Boitempo, 2014.

_____. **Problema no paraíso**. Rio de Janeiro: Zahar, 2015.